

**CENTRO DE LITURGIA  
Dom Clemente Isnard**

**Caderno da 36ª SEMANA DE LITURGIA**  
**Tema: Liturgia, Oração da Igreja**  
**14 a 18 de outubro**  
**Ano de 2024**

**36ª SEMANA DE LITURGIA**  
**14 a 18 de outubro de 2024**

**Local: RECANTO SÃO JOSÉ**

R. Júlio de Castilho, 561 - Betânia, Belo Horizonte - MG, 30570-080 - Telefone: (31)  
 3653-3054

CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD EM PARCERIA COM A REDE CELEBRA

**Tema: Liturgia, Oração da Igreja**

<b>Horário</b>	<b>SEGUNDA-FEIRA – 14 de outubro</b>	<b>Coordenação</b>
	Coordenador/a do dia	Arnaldo Temochko
<b>Manhã</b>	Chegada, acolhida Reunião da coordenação	
<b>15h</b>	Acolhida dos participantes... apresentações, boas-vindas... Oração inicial	Arnaldo Temochko e a pessoa responsável pelas celebrações
<b>16h</b>	Intervalo para o lanche	
<b>16h45</b>	Apresentação da Semana: Justificativa e itinerário	Pe. Danilo César dos Santos Lima
<b>17h45</b>	Intervalo	
<b>18h30</b>	Jantar	
<b>20h</b>	Ofício da Noite (Completa)	Equipe de Liturgia
<b>21h</b>	Reunião da coordenação: repassar o dia e preparar o próximo	
<b>Horário</b>	<b>TERÇA-FEIRA – 15 de outubro</b> <b>Santa Teresa D'Ávila, memória</b> Oração litúrgica: sacerdócio de Cristo (SC 7, 33)	
	Coordenador/a do dia	Pe. Marlon R. Lopes
<b>7h15</b>	Celebração eucarística	Equipe de Liturgia
<b>8h15</b>	Café da manhã	
<b>8h45</b>	Encaminhamentos do dia	
<b>8h50</b>	1ª Conferência Eucaristia como ação de Cristo, no Espírito Santo	Pe. Danilo César
<b>9h55</b>	2ª Conferência Liturgia das Horas e Ofício Divino das Comunidades: liturgia como oração de Cristo	Pe. Danilo César
<b>11h00</b>	Intervalo	
<b>11h20</b>	3ª Conferência RICA: liturgia como oração a Cristo	Frei Luis Felipe Marques
<b>12h30</b>	Almoço	
<b>14h30</b>	Intervenção Linguagem Corporeidade Experiência ministerial litúrgica	Pe. Márcio Pimentel
<b>15h10</b>	Ensaio	
<b>15h40</b>	Intervalo	
<b>16h</b>	Vivência: Oração coleta (silêncio)	Preparação do roteiro: Pe. Marlon R. Lopes e Ir. Veronice Fernandes
<b>17h45</b>	Intervalo	

<b>18h00</b>	Ofício da Tarde	
<b>18h45</b>	Jantar	
<b>20h15</b>	Reunião da equipe	
<b>Horário</b>	<b>Quarta-feira – 16 de outubro</b> Oração litúrgica e eclesiologia	
	Coordenador/a do dia	Ir. Veronice Fernandes
<b>7h15</b>	Ofício da manhã	Equipe de Liturgia
<b>8h</b>	Café da manhã	
<b>8h45</b>	Encaminhamentos do dia	Coord. do dia
<b>8h50</b>	1. <sup>a</sup> Conferência Missal Romano: o “eu” e o “nós” da oração	Pe. Márcio Pimentel
<b>9h50</b>	2. <sup>a</sup> Conferência O canto como oração comum	Adenor Terra (em modo remoto)
<b>10h50</b>	Intervalo	
<b>11h10</b>	3. <sup>a</sup> Conferência O espaço da oração que forma a Igreja	Ir. Laide Sonda
<b>12h10</b>	Reações	
<b>12h30</b>	Almoço	
<b>14h30</b>	Intervenção Linguagem Orientação do espaço litúrgico – o ‘eu’ e o ‘nós’ no espaço	Katia Pezzin
<b>15h10</b>	Ensaio	
<b>15h40</b>	Intervalo	
<b>16h</b>	Vivência Chegada ao espaço celebrativo (experiência da convergência)	Preparação do roteiro: Pe. Marlon R. Lopes e Ir. Veronice Fernandes
<b>17h45</b>	Intervalo	
<b>18h</b>	Ofício da Tarde	
<b>18h45</b>	Jantar	
<b>20h15</b>	Comunicações	
<b>21h00</b>	Reunião da equipe	
<b>Horário</b>	<b>QUINTA-FEIRA – 17 de outubro</b> <b>Santo Inácio de Antioquia, memória</b> Oração litúrgica e vida cristã	
	Coordenador/a do dia	Ir. Penha Carpanedo
<b>7h15</b>	Ofício da Manhã	Equipe de Liturgia
<b>8h</b>	Café da manhã	
<b>8h45</b>	Encaminhamentos do dia	Coordenador do dia
<b>8h50</b>	1. <sup>a</sup> Conferência Missal Romano: oração depois da comunhão	Dom Jerônimo Pereira
<b>9h50</b>	2. <sup>a</sup> Conferência Liturgia das Horas e Ofício Divino das Comunidades: O ritmo diário que irriga a jornada	Arnaldo Temochko
<b>10h50</b>	Intervalo	

<b>11h10</b>	3. <sup>a</sup> Conferência Oração de bênção nas diversas circunstâncias da vida e na piedade popular	Pe. Márcio Pimentel
<b>12h10</b>	Reações	
<b>12h30</b>	Almoço	
<b>14h30</b>	Intervenção Linguagem Imposição das mãos e oração	Pe. Marlon R. Lopes
<b>15h10</b>	Ensaio	
<b>15h40</b>	Intervalo	
<b>16h</b>	Vivência Recordação da vida	Preparação do roteiro: Pe. Marlon R. Lopes e Ir. Veronice Fernandes
<b>17h45</b>	Intervalo	
<b>18h</b>	Ofício da Tarde	
<b>18h45</b>	Jantar	
<b>20h15</b>	Reunião da equipe	
<b>Horário</b>	<b>SEXTA-FEIRA – 18 de outubro</b> <b>São Lucas, evangelista, festa</b> Conclusão	
	Coordenador/a do dia	Arnaldo Temochko
<b>7h15</b>	Celebração Eucarística	Equipe de Liturgia
<b>8h15</b>	Café	
<b>9h</b>	Mesa redonda: propositiva, pistas para a ação	Pe. Danilo César e Pe. Marlon R. Lopes
<b>10h45</b>	Avaliação e encaminhamentos da 37 <sup>a</sup> Semana de Liturgia	
<b>11h30</b>	Almoço	
	Retorno após o almoço	

14/10/2024 - Apresentação da Semana: Justificativa e itinerário

## Semana de Liturgia 2024: “Liturgia, oração da Igreja”

*Pe Danilo César – BH*

### Abertura da Semana de Liturgia

O sinal da cruz, gesto que nos remete à morte de Jesus e, retoma as palavras da fórmula batismal e nos recorda a nossa relação filial com Deus que se realiza na oração e na obediência: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.” É assim também que iniciamos e concluímos nossas orações quotidianas e celebrações. No âmbito da Liturgia é o Batismo que nos introduz na vida filial e, portanto, na oração propriamente cristã. Ao falar da oração da Igreja, a Semana de Liturgia 2024 tem como parâmetro a oração de Cristo, identificando-a com a oração litúrgica. Valem aqui as palavras de Santo Agostinho, do seu comentário sobre o Salmo 85 (cf. AGOSTINHO, 1861, c. 1081), citadas na IGLH 7, da qual tomo a tradução:

Quando na oração falamos a Deus, não separemos dele o Filho. Quando o Corpo do Filho está orando, não separe de si sua cabeça. O mesmo e único Salvador de seu Corpo, nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, ore também por nós, ore em nós, e nós oremos a ele. Ele reza por nós como nosso sacerdote, reza em nós como nossa cabeça, e nós rezamos a ele como nosso Deus. Reconheçamos, pois, nele a nossa voz e a sua voz em nós.

Ressalvo que a oração fora da liturgia é oração em Cristo, por uma razão simples: qualquer batizado quando ora, o faz em Cristo, pois está nele enxertado desde o seu Batismo (cf. Rm 6,5 cf. 11,24; Jo 15,1-8). Isso já encerra qualquer discussão a respeito da oração pessoal, cujo valor a SC 12 reafirma, retomando o ensinamento evangélico (cf. Mt 6,6): “O cristão, chamado para a oração comunitária deve, não obstante, entrar em seu cubículo e orar ao Pai em segredo”, apresentando a oração como uma atividade que nos configura a Cristo. Enquanto o Batismo eleva qualquer oração cristã à condição de oração em Cristo, a encarnação de Cristo associa a si a oração de toda humanidade, não apenas dos crentes do evangelho. Todos os gritos, brados e clamores da humanidade ferida e abandonada estão associados ao grito do Crucificado. É o grito filial, oração de uma humanidade que geme e sofre em dores de parto (cf. Rm 8,22), prestes a nascer para Deus na ressurreição. Na cruz, Cristo associa a si todos os gritos humanos e os converte em prece ao Pai, como a prece do salmista: “Das profundezas eu clamo a vós, Senhor: escutai a minha voz!” (Sl 130,1-2).

### A contribuição da Liturgia

Participar de uma Semana de Liturgia dedicada ao tema da oração tem como escopo abordar a questão da oração a partir da *Lex orandi*, a partir dos ritos e das

orações da Igreja. A questão é a Liturgia, o que ela diz em cada rito, em cada prece sobre a oração, pois ela é a oração de Cristo, em primeiríssimo lugar, envolvendo não apenas as palavras que se pronunciam ou se cantam, mas também os gestos rituais. Que tipo de oração é essa, como é que a liturgia atua a oração de Cristo, por que a oração litúrgica é oração de Cristo, mais do que em Cristo? São questões que nortearão as reflexões da Semana de Liturgia.

Dentre os acontecimentos que causam impacto na oração litúrgica – talvez fosse bom dizer logo – a história oferece um longo caminho de desfiguração da oração litúrgica: o clericalismo, o apego ao latim, a complexidade dos ritos e o distanciamento da Sagrada Escritura da vida dos fiéis. Também considero aqui o influxo da *Devotio Moderna (DM)*, como produto de um contexto de distanciamento da Liturgia. Trata-se de um movimento que nasceu nos países baixos, no séc. XIV e se difundiu por meio dos religiosos vitorinos, cistercienses e franciscanos, embora sua origem se atribua aos elementos mais afetivos da obra de Santo Agostinho. “Ocupa lugar de destaque entre as tendências espirituais da *devotio moderna* um cristocentrismo prático: a humanidade de Cristo é o eixo central em torno do qual se move a vida espiritual, em tom ético e concreto, visando à imitação dos exemplos de Cristo” (JANSEN, 2003, p. 191). A *DM* foi bastante popular e acessível, pois tinha um agudo senso prático e ético. Sua obra mais expoente é a “Imitação de Cristo”, de Thomas de Kempis, o livro mais vendido depois da Bíblia Sagrada (KEMPIS, 2009). A *DM* valoriza a leitura da Bíblia e supervaloriza a interioridade pelo fortalecimento da vontade e do desejo de Deus. Sua influência alcança grandes troncos da espiritualidade cristã como a espiritualidade inaciana e carmelitana, que cultivam o caminho espiritual como uma incursão da alma, com seus movimentos internos, sua psicologia, seus desejos... O sucesso da *DM* leva em conta também um tempo em que a liturgia na vida do povo perdeu lugar de relevância, vivida naquele contexto como um fato clerical.

Embora a *DM* tenha reforçado a importância da dimensão interior, afetiva e devocional da oração, ela desvalorizou a dimensão ritual e celebrativa, de características exteriores. Outro sintoma deste tempo foi a comunhão espiritual, prática difundida e valorizada, enfraquecendo ainda mais a importância dos ritos que só encontravam sentido enquanto objeto da meditação dos fiéis. Deste modo, a liturgia que opera a salvação a partir da economia sacramental, isto é, por meio de uma linguagem ritual e simbólica – exterior, portanto – e já marcada por mazelas como o juridicismo, o clericalismo, o formalismo e o devocionalismo, tem seu espaço tomado pela *DM*, que imprimiu na trajetória da oração cristã traços como o individualismo, o devocionismo e o racionalismo.

Em linhas gerais, a Igreja só conseguiria retornar à centralidade da Liturgia a partir do Movimento Litúrgico e do Concílio Vaticano II, quando pode recuperar a noção de Liturgia como *culmen et fons* da vida cristã (SC 10). Qualquer mudança consistente na liturgia e na Igreja dependia do renascimento de uma teologia litúrgica capaz da sua natureza que é fundamentalmente ritual. Segundo a Constituição litúrgica, a liturgia “é a primeira (*primus*) e indispensável fonte da qual

os fiéis poderão beber o espírito verdadeiramente cristão” (SC 14). A Liturgia, como fonte, gera a experiência da oração cristã. É ela que funda, dá sustento e estrutura ao seguimento de Jesus, pois nela Cristo associa a Igreja a si, para que opere com ele na salvação e nele renda culto ao Pai (SC 7).

### **Uma oração encarnada**

A Liturgia, oração de Cristo tem, historicamente, um sentido catabático, não como costumamos dizer com as expressões “caiu do céu”, ou “de cima pra baixo”, conotando coisas distantes ou impositivas, ou demasiado espirituais e distanciadas da realidade vital das pessoas concretas. Ao contrário, significa um movimento kenótico de encontro com a realidade humana, com aquela capacidade de Deus inata a todas as pessoas, com as expressões religiosas mais variadas e bonitas, mas sobretudo com aquela experiência humana situada no tempo e no espaço, culturalmente delimitada, o judaísmo, concreta e amadurecida para acolher e fazer crescer o dom da oração que Ele nos trouxe.

O exemplo mais evidente é a oração do Senhor relatada no evangelhos de Mateus (6,9-13) e Lucas (11,2-4). Desde muito cedo a Igreja compreendeu a importância dessa oração, seja pelas prescrições rituais mais antigas, seja pelos comentários dos Padres da Igreja, como Tertuliano, Cipriano, Agostinho e tantos outros... Decisivo também foi a práxis litúrgica do Ofício que, sem interrupção, fez com que o Pai-nosso fosse rezado ao longo do dia – a Didaqué fala em rezar o *Pater*, por três vezes, diariamente. No rito do catecumenato, a Oração do Senhor é transmitida (*traditio*) aos catecúmenos ou aos eleitos, para que rezando-a diariamente a devolvam (*reditio*), depois de batizados, como filhos, assumindo-a como oração fundamental do cristão. É a “Oração do Senhor” em nossas vozes e expressões, em nossos corpos e, só por isso e depois disso, opera interiormente as feições filiais de Cristo. Para ser vivida como oração do Senhor, ela é recebida na escuta, precisa tomar parte do nosso corpo ao ser pronunciada assumindo os gestos filiais de Jesus na cruz, fazendo-nos erguer os braços, imitando-o. A oração litúrgica é, ao mesmo tempo, a oração do Jesus histórico que se prolonga em nossas celebrações, e a oração do Cristo sacerdote, à direita do Pai, que coordena o nosso agir ritual. É a oração do Cordeiro, imolado e de pé, que nos atrai para aquele grande e eterno domingo, iluminados por sua luz e entoando o canto da feliz multidão.

Em busca dessa experiência da oração da qual nutrimos a nossa fé, a Semana de Liturgia nos oferece as contribuições:

- do convívio alegre e fraterno que estabelece o vínculo mínimo para que se possa celebrar em torno do altar. A comunhão não pode é apenas uma ideia ... Por isso, convidamos a todos que valorizem os momentos de refeição, intervalos, trabalhos em grupo e palestras, como oportunidade de comunhão uns com os outros;
- da oração que é a primeira fonte da nossa fé. A oração é encontro com Cristo, na força do Espírito, e nele, com o Pai. A oração (ofícios, eucaristia) serão

momentos fundamentais para as conferências que aqui haverão de ser proferidas. Convidamos a todos que colaborem com a preparação das celebrações, com os ensaios e acolhendo docilmente as orientações que nos são dadas com o propósito de qualificar a experiência de todos. Isso é tão ou mais importante, do que aquilo que vamos receber nas palestras;

- das conferências que ampliam a nossa reflexão e nos permitem aprofundar a práxis litúrgica da Igreja quando ora na liturgia. Todos os assessores se empenharam em nos oferecer a melhor reflexão para nos ajudar a aprofundar o tema, sem cair em discursos superficiais ou já superados, mas também de uma forma acessível e compreensiva.
- da coordenação que conduz o processo, com muitas reuniões extras, discussões e avaliações em vista de um caminho tranquilo e bem direcionado para o sucesso da Semana de Liturgia. Nós, membros do Centro de Liturgia e da Rede Celebra agradecemos a adesão de todos e os esforços que fizeram para estar aqui. Desejamos que a Semana de Liturgia de 2024 seja proveitosa e renda autênticos frutos de espiritualidade cristã para todos.

#### **Referências bibliográficas para este texto:**

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. Em: SANTA SÉ. Documentos do Concílio

JANSEN, Theo. *Devotio Moderna*. Em: *Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 191.

SANTA SÉ. Viver o Ano da Oração em preparação para o Jubileu 2025. Disponível em: <https://www.iubilaem2025.va/content/dam/iubilaem2025/foto-sezioni/2024-anno-dellapregheira/insegnac-i-a-pregare/pdf/nuovi/ENSINA-NOS-A-REZAR---Vi-ver-o-Ano-da-Oracao.pdf>

MARSILI, Salvatore. Sinais do mistério de Cristo: teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 655-663..

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS, 7. Em: *Ofício Divino renovado conforme o Decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI: Tratuação para o Brasil da segunda edição típica da Liturgia das Horas segundo o Rito Romano. Tempo do Advento e Tempo do Natal*. Petrópolis: Vozes; Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1999, p. 25.

AGOSTINHO. Enarrationes in Psalmos, 85,1. Em: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae Cursus Completus, Series Latina: Agustini Hiponensis, Opera Omnia*, 4/1. Paris: Migne Editorem, 1861. v. 36.

THOMÁS DE KEMPIS. *A imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2009. (Clássicos da Espiritualidade, 7).

## 15/10/2024 - 1ª Conferência: Eucaristia como ação de Cristo, no Espírito Santo

### A eucaristia, escola de oração

Francisco Taborda SJ (Apresentado por Danilo César dos Santos Lima)  
Foi-me pedido para falar sobre a eucaristia como escola de oração<sup>1</sup>. O tema será desenvolvido em três momentos: 1) a eucaristia, considerada estaticamente e dinamicamente; 2) a eucaristia, ceia sacrificial da nova aliança; e 3) consequências para a oração.

#### 1. A eucaristia, considerada estaticamente e dinamicamente

O que se tem em mente quando se fala de “eucaristia”? Dois tipos de consideração entram em questão: uma consideração estática e uma dinâmica. Uma não se opõe à outra, são dois aspectos da mesma realidade, mas é bom ter claro que se trata de aspectos diferentes.

Numa consideração estática, ao falar de eucaristia, se pensa na hóstia consagrada, o Santíssimo Sacramento. Cristo realmente presente na eucaristia.

Numa consideração dinâmica, falar de eucaristia é falar da celebração eucarística. Esta é uma ação, portanto, algo dinâmico. Participando desta ação, entramos em comunhão com o mistério pascal de Cristo e, assim, revivemos e recebemos os benefícios da participação nesse mistério, ou seja, na morte redentora de Cristo e em sua ressurreição, que nos trouxe a justificação (cf. Rm 4, 25).

O sentido principal de “eucaristia” é este segundo, a celebração eucarística. A presença real de Cristo na eucaristia (consideração estática) é secundária em relação à celebração. Por ela participamos do mistério pascal, fazendo memória desse mistério fundamental de nossa fé, fazendo memória de nossa redenção. Jesus não disse, na última ceia: “Tomai e adorai” ou “Tomai e contemplai”; mas, sim: “Tomai e *comei*; tomai e *bebei*. Fazei isto em meu memorial”. “*Fazei!*”. Trata-se de uma ação!

Isto não quer dizer que não possamos ou não devemos adorar a Cristo, presente sob as espécies eucarísticas. Mas se deve saber que adoramos o Santíssimo Sacramento para poder participar melhor da celebração eucarística. Para que existe o pão? Pão existe para ser comido. Mas se vamos a uma padaria mais sofisticada – pelo menos – vamos ver expostos em vitrine uns pães maravilhosos. Para que se expõem esses pães a cujo olhar ficamos com água na boca? Para que desperte em nós vontade de comê-los. Pois, se nos apresentam um pão muxibento que mais parece um pedaço de borracha, não dá vontade de comer. Portanto, expõem-se o pão para despertar o apetite. Assim também é com relação à adoração do Santíssimo Sacramento. A hóstia consagrada está lá para que, contemplando-a, nos dê fome, vontade de participar da eucaristia, de entrarmos celebrativamente na entrega de Cristo ao Pai em favor da humanidade, de nos alimentarmos com o Corpo de Cristo presente sob as espécies de pão para que nós nos tornemos o Corpo de Cristo, finalidade da eucaristia.

O mesmo se poderia dizer com relação ao vinho. Quando chegamos numa casa especializada na venda de vinhos e vemos aquela quantidade de garrafas das mais diversas procedências, com os mais belos rótulos e as mais variadas espécies de vinhos, dá vontade de bebê-los. E, se se leem os rótulos, encontraremos poesias fantásticas, descrevendo as propriedades daquele vinho. Para quê? Para que queiramos prová-lo. E, quando vamos bebê-lo, olhamos a cor, sentimos o perfume,

degustamos o buquê, porém vinho não existe para nos encantarmos com sua cor e sua consistência, mas para provarmos seu sabor, para bebermos e saborearmos, no que o perfume e a cor e o corpo ajudam, evidentemente. Assim também é com a eucaristia: ela é para nos servir de alimento, para alegrar nosso espírito pela participação no Corpo de Cristo e nele nos transformarmos.

Por isso Jesus disse: “Tomai e comei; tomai e bebei; *fazei isto* em meu memorial”. *Fazer isto*. Isto, o quê? O que é para fazer? Aquilo que Jesus estava fazendo no momento em que disse essas palavras: celebrando uma ceia. Mas não uma ceia qualquer, senão uma ceia comemorativa, a ceia pascal, uma ceia sacrificial, em que se comia o cordeiro que foi sacrificado para estabelecer a aliança com o Senhor que libertou o povo do Egito. Portanto: “fazer isto” significa fazer a ceia sacrificial. Ora, para fazer uma ceia, precisamos reunir-nos. O modo humano de tomar uma refeição não é comer um Big-Mac no recanto de um shopping qualquer. O humano é sentar-nos ao redor de uma mesa aconchegante, conversando, tomando em comum o que está nas travessas sobre a mesa. Isso é comer em nossa condição de ser humano. Comer não é simplesmente devorar algo. Isso fazem os animais. O cachorro pega o osso e se põe num canto; chega outro cachorro, ele rosna para afastá-lo, porque comer é, para o cachorro, um ato individual, uma questão de sobrevivência. Humanamente, porém, comer é um ato social, um ato de comunidade. Jesus se dá a nós numa refeição. Se ele diz: “Fazei isto em meu memorial”, a primeira coisa que precisamos fazer é *reunir-nos, constituir comunidade*, a comunidade de mesa, para poder fazer o que ele nos ordenou.

E o que nos ordenou? “Fazei isto”. “Isto”, o quê? A ceia pascal judaica, onde Jesus instituiu a eucaristia é uma celebração, em que se recorda o que Deus fez; é a celebração da Páscoa, da passagem do Mar Vermelho, da libertação do Egito, a celebração das grandes obras de Deus em favor de seu povo. E um ponto fundamental na celebração é a pergunta do filho mais novo: “Por que estamos reunidos? O que esta noite tem de especial, já que é uma refeição diferente das outras?” E o pai de família responde, contando a história do povo, quando da libertação do Egito: “Nós éramos escravos e o Senhor nos libertou e nos fez passar o mar e nos prometeu esta terra”. *Essa história narrada pelo pai de família é a Palavra de Deus*. Mesmo que neste momento da ceia não seja lida materialmente na Bíblia, é o conteúdo da Bíblia. E o pai de família poderia, teoricamente, em vez de contar essa história, ler no livro do Êxodo a narração da passagem do Mar Vermelho.

“Fazei isto”. Isto, o quê? Reunir-nos em comunidade de mesa, ouvir a Palavra de Deus, ouvir o que Deus fez por nós e para nós. Mas não só. Há um terceiro elemento contido neste “isto”: *celebrar a ação de graças a Deus por aquilo que fez para nós*. Este celebrar o louvor de Deus se faz através de gestos simbólicos, como os fez Jesus: “Tomou o pão, deu graças, partiu e deu a seus discípulos”. “Deu graças” que não é simplesmente dizer “muito obrigado”, mas pronunciar o louvor a Deus, a oração de ação de graças, pela qual recordamos todos os benefícios que Deus nos fez. Essa *ação de graças a Deus* é feita sobre o pão e sobre o vinho. “Depois da refeição, Jesus tomou o cálice com vinho, deu graças” – isto é, pronunciou a oração de ação de graças – “e o deu a seus discípulos”. Este é o “isto”, que fazemos na celebração da eucaristia, porque Jesus mandou que nós o fizéssemos: é a oração eucarística. E se pensamos bem nas três ações de Jesus que os evangelistas narram como gestos sobre o pão e sobre o vinho, encontramos

três momentos: tomou o pão – deu graças – partiu e deu a seus discípulos; tomou o cálice com vinho – deu graças – e deu a seus discípulos. Essas três ações são as que nós fazemos ao celebrar a eucaristia. Primeiro tomamos o pão e o vinho (preparação das oferendas). Damos graças a Deus por tudo aquilo que ele fez em Jesus Cristo por nós (oração eucarística). E, depois, no caso do pão, se parte o pão e, considerando o pão como o vinho, se distribui entre os presentes (a comunhão). Portanto, o que realizamos na celebração eucarística é obedecer à ordem de Cristo “Fazei isto em meu memorial”. Por isso, a eucaristia, nessa consideração dinâmica, enquanto uma celebração, é o elemento central quando pensamos neste sacramento eucarístico. Ela é a ação da comunidade reunida, da assembleia litúrgica sob a presidência do ministro ordenado, que realiza aquilo que Jesus mandou fazer.

Detenhamo-nos agora nessa consideração dinâmica da eucaristia: a eucaristia como uma celebração. Em geral, quando queremos representar a eucaristia, pomos a figura de um cálice com uma hóstia. O ideal seria representar a eucaristia através da imagem de uma comunidade reunida, sob a presidência do ministro ordenado, em torno ao altar, a mesa do pão e do vinho eucaristizados. Porque a eucaristia se celebra para que, comungando o Corpo (sacramental) de Cristo, nos tornemos o Corpo (eclesial) de Cristo. E nos tornamos Corpo de Cristo na prática da vida, como Jesus, que “passou fazendo o bem”.

Feitas essas observações de caráter introdutório, passemos ao segundo ponto.

## **2. A eucaristia, ceia sacrificial da nova aliança**

Continuamos a fazer, nas nossas celebrações eucarísticas, o “isto” que Jesus mandou que fizéssemos. Essa forma de celebrar a eucaristia não é uma invenção moderna, por exemplo, da reforma litúrgica ordenada pelo Concílio Vaticano II. Já em meados do séc. II, na primeira descrição mais completa da celebração dos cristãos, encontramos a mesma estrutura. Vemos assim que os cristãos sempre entenderam aquele “isto” que deviam fazer por encargo de Cristo.

São Justino, filósofo e mártir, cuja memória se celebra no dia 1º de junho, era um leigo cristão, nascido na Samaria, de pais gregos, e tinha ido à procura da verdade, onde quer que dissessem que ela estaria. E assim foi bater à porta de muitos filósofos que não o contentavam plenamente, até que encontrou o cristianismo, que ele reconheceu como “a verdadeira filosofia”, aquela pela qual ele ansiava. Radicando-se em Roma, Justino abriu, no Foro Romano, uma espécie de escola, como costumavam fazer os filósofos daquele tempo. Mas em sua escola Justino ensinava a doutrina cristã, “a verdadeira filosofia”. Ou seja: ele fazia o que hoje chamamos de teologia, oferecia a seus ouvintes uma reflexão cristã sobre a realidade.

Justino escreveu várias obras. Uma delas, talvez a mais importante, é a *Apologia*, ou seja: a defesa dos cristãos perseguidos. Essa obra era dedicada ao imperador romano Antonino Pio. Havia, na burocracia do Império Romano, um departamento onde qualquer pessoa podia depositar escritos dirigidos ao imperador, que evidentemente nunca os lia... Porém sempre restava o consolo de ter avisado o imperador, ou de ter recorrido a ele. Em sua *Apologia*, dividida em duas partes, Justino mostra o que é a vida do cristão, para que o imperador veja como é injusto perseguir os cristãos, porque os cristãos não eram prejudiciais ao Império.

Nessa descrição sobre a vida cristã, não podia faltar, também, uma descrição da eucaristia, que ele faz com as seguintes palavras:

E no dia que se chama “dia do Sol” 2, todos os que moram na cidade ou no campo, se reúnem num mesmo lugar; lêem-se as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas, enquanto o tempo o permite. Depois, quando o leitor terminou, o presidente da assembleia toma a palavra para admoestar e nos exortar à imitação dessas belas coisas. Depois nos levantamos todos juntos e elevamos súplicas. E [...] logo que terminamos a súplica, trazem-se pão e vinho e água, o presidente eleva tanto súplicas como ações de graças conforme sua capacidade, e o povo expressa seu acordo dizendo: Amém. Então os elementos eucaristizados são distribuídos e recebidos por cada um; e por meio dos diáconos uma parte é mandada também aos ausentes<sup>3</sup>.

Temos aí algumas informações bem interessantes. Primeiro, que os cristãos, quer morem na cidade quer no campo, se reúnem num mesmo lugar. A reunião, a **assembleia eucarística**, é fundamental. Reúnem-se no que haveria de ser chamado posteriormente “Dia do Senhor” para gozar da presença do Ressuscitado entre eles. Depois Justino vai contando: “lêem-se as memórias dos apóstolos” (o Evangelho) “ou os escritos dos profetas” (Antigo Testamento). A ordem não deve preocupar-nos, pois Justino tem predileção por uma figura literária que se chama *hysteron-próteron* e consiste em inverter a ordem das coisas. Vale dizer que sua informação não significa necessariamente que se lia, primeiro, o Evangelho e, depois, os Profetas. Mas que se liam ambos os livros ou um deles. Vem então a homilia para admoestar e exortar os presentes a viverem o que acabam de ouvir. É a **liturgia da Palavra**, tal como a praticamos hoje ainda, concluindo pelas preces da comunidade: todos juntos, de pé, elevam súplicas a Deus.

Segue-se a descrição da **liturgia eucarística**. Traz-se pão, vinho e água (*preparação das oferendas*). Aquele que preside eleva súplicas e ações de graças (é a *oração eucarística*, descrita segundo a característica estilística de Justino, de mencionar primeiro o que vem por último). A oração eucarística inicia com a ação de graças a Deus, da qual deriva o pedido pela nossa transformação no Corpo (eclesial) de Cristo através da comunhão no Corpo (sacramental). Nesse ponto destaca-se a importância do “amém” final, pelo qual a assembleia dá seu assenso à oração pronunciada pelo que a preside. Por fim, Justino menciona a *comunhão* nos “elementos eucaristizados”, isto é, no pão e no vinho sobre o qual foi pronunciada a eucaristia, a ação de graças. É o rito da comunhão que se prolonga nas casas dos que não puderam vir, mas que a receberão por meio dos diáconos.

Portanto, aquilo que Jesus mandou fazer está sendo feito pelos cristãos de Roma, no séc. II, por volta do ano 160-165, quando Justino escreve sua *Apologia*. Essa que é, na verdade, a “missa de sempre”.

Mas isso não é uma invenção cristã; vem de muito mais longe. Somos herdeiros do Antigo Testamento. Não podemos esquecer-lo. E, principalmente, não podemos esquecer que aprendemos a rezar com o Antigo Testamento: a oração eucarística é uma *oração de aliança*, tal como a praticavam os judeus. É uma oração em que se recorda, agradecendo, tudo o que Deus fez por nós, para depois suplicar por aquilo de que temos necessidade. A oração eucarística é uma oração de aliança: começa com o prefácio, dando graças a Deus por sua obra salvífica em Jesus Cristo e nos unindo aos anjos e aos santos para cantar a santidade de Deus. E então se pede que Deus envie o Espírito Santo para transformar o pão e o vinho no Corpo e no

Sangue de Cristo, a fim de que o Espírito Santo, através dessa comunhão, nos transforme no Corpo de Cristo. Essa é, em resumo, a oração eucarística, uma oração de aliança. Recordar-se a aliança feita em Cristo para pedir algo que corresponde a essa aliança, pois o que Deus quer é nos transformar em Corpo de Cristo. Que sejamos hoje o Corpo de Cristo presente, onde estivermos.

Esta oração se aprende no *Antigo Testamento* e ela está intimamente ligada ao estabelecimento da aliança. O Livro do Êxodo, cap. 24, versículos 3-8, apresenta uma narração da aliança do Sinai. É uma narração um pouco confusa, pois os livros do Pentateuco reúnem várias fontes distintas, de forma que não temos normalmente uma narração corrida. É preciso distinguir as fontes literárias para entender o texto. Ei-lo:

Moisés foi transmitir ao povo todas as palavras e todos os decretos do Senhor. O povo respondeu em coro: “Faremos tudo o que o Senhor nos disser!” Então Moisés escreveu todas as palavras do Senhor. Levantando-se na manhã seguinte, ergueu ao pé da montanha um altar e doze colunas sagradas, segundo as doze tribos de Israel. Em seguida, mandou alguns jovens israelitas oferecerem holocaustos e imolarem novilhos como sacrifícios de comunhão ao Senhor. Moisés pegou a metade do sangue, colocou-o em vasilhas e derramou a outra metade sobre o altar. Tomou depois o livro da aliança e o leu em voz alta ao povo, que respondeu: “Faremos tudo o que o Senhor falou e obedeceremos”. Moisés pegou, então, o sangue, aspergiu com ele o povo e disse: “Este é o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, referente a todas estas cláusulas”.

O que podemos aprender deste texto, descrevendo a aliança do Senhor no Sinai? A aliança se faz por iniciativa de Deus. Ele nos dirige a palavra, e essa palavra deve ser ouvida e acolhida: “Faremos tudo o que o Senhor nos disser”. A palavra de Deus acolhida tem que ser selada. A aliança é selada com sangue: “Este é o sangue da aliança”, o sangue daqueles novilhos que foram sacrificados e que Moisés aspergiu sobre o altar, que representava Deus, e sobre o povo. O sangue é vida. Por isso o Antigo Testamento proíbe comer animais sufocados, isto é, animais de que não se tenha derramado o sangue, pois o sangue é vida e a vida pertence a Deus. Ao aspergir o altar e o povo com o sangue dos animais sacrificados, Moisés indica que povo e altar (povo e Deus) estão unidos na mesma vida. É o simbolismo que Jesus retoma na última ceia: “Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança”. Jesus se inspira neste texto: Seu sangue é o sangue da aliança, mas agora de uma aliança eterna, nova e definitiva. Significa que nós, participando da eucaristia, estamos participando de uma ceia sacrificial, a ceia sacrificial da nova aliança.

Isso que vemos na aliança do Sinai pode ser encontrado em outro texto, que é muito mais familiar a nós: a história dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35). Ela segue o mesmo esquema: Jesus vem ao encontro dos discípulos. Eles nem sabem que é Jesus. Mas Jesus os acompanha, entra nas suas necessidades, na sua angústia, e, explicando as Escrituras do Antigo Testamento, esclarece que aquilo que eles estão lamentando e achando que é o fim de tudo que tinham esperado e vivido, estava predito pelos profetas: que o Cristo tinha que sofrer. Cristo abriu-lhes o sentido das Escrituras. Então, quando chegam a Emaús, convidam Jesus para ficar com eles: “Fica conosco, porque já é tarde”. E Jesus entra e, ao sentar-se à mesa, toma o pão, dá graças, parte-o, e eles reconhecem Jesus “ao partir do pão”.

Temos aqui a mesma estrutura de ação. Jesus toma a iniciativa de vir ao encontro dos dois discípulos que estão perplexos, sem rumo na vida. A palavra de Deus lhes é dirigida e essa palavra aquece o coração. Mas é no partir do pão, esse gesto de Jesus, que eles o reconhecem: Jesus está presente, ele está aqui. Mas, então, já não mais o veem. Qual a consequência? Eles haviam dito a Jesus: “Fica conosco, Senhor, porque é tarde; não vá andar por essa escuridão da noite” (embora a noite fosse clara, pois era lua cheia, tempo de Páscoa). Agora nada disso os impede de sair correndo. Não se lembram mais da escuridão e dos perigos da noite e vão a Jerusalém avisar que tinham encontrado o Senhor. É a mesma dinâmica que está aí presente, a mesma estrutura: as pessoas se reúnem, ouvem a Palavra e partem o pão. E partir o pão, para o judeu, está sempre unido à ação de graças. O bom judeu nunca come o pão ou bebe o vinho sem antes dar graças a Deus pelo pão, pelo vinho. Portanto, a essa dinâmica pertence a ação de graças, a oração eucarística. Por isso a eucaristia é a ceia sacrificial da nova aliança. Reunimo-nos convocados por Deus. A primeira coisa que se faz na celebração da eucaristia é reconhecer essa convocação, respondendo à saudação do presidente com aquelas palavras tão significativas: “Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo”. Constituímo-nos como assembleia litúrgica porque Deus nos chamou, nos convocou no amor de Cristo. Deus é que nos reuniu. Ali nós somos Igreja. Ali está Cristo. Quando estamos reunidos na eucaristia, somos Igreja, viva, presente, concreta. E é bom recordar que a palavra Igreja vem de *ekklesia*, palavra grega que significa ser chamados de todas as partes.

Depois de estarmos reunidos por iniciativa de Deus, ouvimos a Palavra de Deus para iluminar nossa vida e se tornar realidade nessa nossa celebração. Em seguida se continua a fazer aquilo que Jesus mandou fazer: o “isto” (Fazei *isto* em meu memorial), que é o tomar o pão e o vinho, dar graças e repartir. Esse gesto de partir o pão seria melhor realizado se tivéssemos pães que pudéssemos partir e não as hóstias já prontinhas, branquinhas, redondinhas. É o que está na Instrução Geral do Missal Romano, que recomenda vivamente que haja pães para partir, para representar algo que é fundamental na eucaristia: que nós ali estamos reunidos, somos um só corpo, como aquele pão é um só e do qual, no entanto, cada um recebe um pedaço. Assim esse gesto nos ensina a repartir o pão na vida, ao sair daquela celebração da eucaristia. Jesus nos deixou a eucaristia neste gesto do partir o pão para que depois nós partíssemos aquilo que somos, que temos, para que viéssemos a partir a nossa vida para dar aos outros. Essa é a mensagem da própria celebração, do gesto fundamental de Jesus: partir o pão e dar. Por isso o primeiro nome da eucaristia foi “fração do pão”. Nisso os discípulos de Emaús reconheceram Jesus: ao “partir do pão”. Não só como um gesto, mas o partir o pão que é dar a vida pelos demais.

Então a eucaristia traz consigo, conforme aquela frase já citada da aliança do Sinai, o compromisso de fazer “tudo o que ele nos disser”. A eucaristia comporta a compromisso de fazer tudo o que Jesus nos disse e fez, ou seja: dar a vida pelos demais.

Agora se podia perguntar: “Isso tudo é muito bonito, mas onde está a oração aí? O tema sobre o qual viemos ouvir não era ‘eucaristia, escola de oração, fonte de vida orante?’”. Era. E tudo que foi dito nos introduz na oração cristã.

### 3. Consequências para a oração cristã

A eucaristia nos ensina como é a oração cristã. E o primeiro dado é: *a oração não é iniciativa nossa, mas iniciativa de Deus*. Podemos partir de um texto fundamental e consolador da Carta aos Romanos (Rm 8, 15-16.26-27):

De fato, vós não recebestes o Espírito de escravo para recairdes no medo; vós recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos e no qual clamamos 'Abba', Pai. O próprio Espírito se une ao nosso espírito atestando que somos filhos de Deus. [...] Da mesma forma, o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir nem como pedir. É o próprio Espírito que intercede em nosso favor com gemidos inenarráveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito, pois é de acordo com Deus que ele intercede em favor dos santos.

É um texto muito rico. Primeiramente, é consolador saber que é o Espírito que ora em nós. Podemos às vezes ficar abalados ou desanimados porque não sabemos rezar, porque nossa oração é tão pobre ou porque não sentimos nada. E não sei quanta coisa mais se pode dizer a respeito da experiência de *secura* na oração. Esse texto tira toda e qualquer dúvida, problema ou escrúpulo, porque é o Espírito que ora em nós. E ora em nós "com gemidos inenarráveis". Nem sabemos o que ele ora em nós. Mas, se nós somos de Deus, o Espírito vai falar aquilo que precisamos dizer. E Deus, que conhece nossos corações, sabe de que precisamos. É, pois, consolador saber que nossa oração é mais do que nossa. Nós pensamos saber o que pedir: "Pai, eu preciso disso, preciso daquilo". É aquela pessoa que me pediu oração, aquela outra que sofre. Tanta coisa pedimos. Mas é o Espírito que sabe de que precisamos. Então, nosso pedido, o pedido cristão, conforme o ensinamento de Cristo no Pai-Nosso, é sempre: "Seja feita a vossa vontade". É o Espírito, com gemidos inenarráveis, que dirá ao Pai aquilo de que necessitamos e que pedimos. Eis o primeiro a ser sublinhado: a iniciativa é de Deus. E este é também o primeiro ponto que a eucaristia nos ensina.

O outro ponto é aquele do v. 16, onde é dito que o Espírito que recebemos nos torna filhos e, com isso, podemos clamar "Abba, Pai". Essa é a nossa oração cristã: Pai. É assim também que Jesus nos ensinou no Pai-Nosso: Pai. E podemos dizer a Deus "Pai" porque somos filhos por adoção. Que significa? Somos filhos por que Deus nos criou? Não. *Somos filhos porque Deus nos pôs com seu Filho Jesus*. Somos filhos e filhas no Filho que é Jesus. E esse ser filhos e filhas no Filho talvez fique muito iluminado se contemplamos a cena do batismo de Jesus e comparamos com nosso batismo.

A narração do batismo de Jesus, no Evangelho de Marcos, é uma apresentação de Jesus (cf. Mc 1,9-11). Por ela, já no início do Evangelho, o leitor fica sabendo quem é esse Jesus, de quem Marcos narra a história. Mas essa narração da cena do Jordão é também uma catequese sobre o nosso batismo. No batismo de Jesus, ao sair da água, ele vê o céu se abrir e descer sobre ele o Espírito Santo. Ao mesmo tempo, ouve a voz do Pai, que diz: "Este é o meu Filho muito amado em quem pus todo meu agrado". Assim descreve Marcos o batismo de Jesus e, os outros evangelistas, semelhantemente.

O que acontece no nosso batismo? A mesma coisa. Só que, no lugar de Jesus e com Jesus, estamos nós, incorporados a Jesus pelo batismo. E a respeito de nós, no nosso batismo, Deus Pai diz: "Este é meu filho muito amado – filho **no Filho muito amado**, filha no Filho muito amado (que é Jesus). Nele eu ponho todo meu agrado".

Pois o Pai nos olha como através do prisma de Jesus. E desce sobre nós o Espírito Santo. Aí se pode ver o que significa ser filho e o que significa poder dizer “Pai” para Deus. Não é poder dizer Pai para Deus como qualquer seguidor de outra religião, quem sabe, o diria. Para nós, dizer Pai significa que estamos incorporados a Cristo, que nós estamos “em Cristo”, como Paulo costuma dizer. E dizemos “Pai” com a boca de Cristo, pela ação do Espírito Santo. Ou, quem sabe, podemos mesmo dizer que é Cristo que diz “Pai” com nossa boca, graças ao Espírito que nos foi dado por sua morte e ressurreição.

E a nossa oração como é? A nossa oração corresponde à realidade. Assim como Deus vem a nós por seu Filho Jesus e no Espírito Santo, assim também *nossa oração é ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo*. Essa é a característica da oração litúrgica e de toda oração que se apresente na liturgia eucarística: sempre dirigida ao Pai por Cristo no Espírito Santo, como diz a conclusão de toda oração litúrgica: “Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo”, congregados no Espírito Santo. No entanto, encontramos tantas orações que são divulgadas por aí, a Nossa Senhora, a Santo Expedito, a São Judas Tadeu, a Santa Teresinha e não sei mais a quem. Isso é oração cristã? A oração cristã é oração **com os santos**, não uma oração **aos santos**. A oração que se faz dirigindo-nos ao santo é mais ou menos como quando, numa necessidade, num aperto, quando precisamos muito da força e do auxílio divinos, nos dirigimos às pessoas amigas, a pessoas que sabemos ser gente de oração e dizemos: “Reze por mim nessa intenção”. Fazemos isso e é bom que o façamos. É expressão da comunhão dos santos, isto é, a expressão de que todos nós somos santos pelo batismo e estamos em comunhão uns com os outros no Espírito Santo e, assim, com Cristo e com o Pai. Por isso podemos pedir uns pelos outros a Deus. Assim como pedimos aos santos que vivem neste mundo, podemos pedir também aos santos que já morreram e estão junto de Deus, para que eles, conosco, rezem e peçam ao Pai por Cristo no Espírito Santo. Quando, pois, dizemos: “Minha Nossa Senhora, ajuda-me para isso ou aquilo”, estamos dizendo: “Reza junto comigo ao Pai por teu Filho Jesus no Espírito Santo”. A oração cristã sempre é assim: ao Pai por Cristo no Espírito Santo, *com os demais*. O cristão não está sozinho, não ora sozinho, como não celebra a eucaristia sozinho. Ele a celebra em assembleia, em comunidade, uns com os outros. Eis mais uma lição que a eucaristia nos pode dar sobre a característica da oração cristã.

Uma terceira característica é que *nossa oração é uma resposta à iniciativa de Deus*. Nossa oração supõe, primeiro, ouvir a Palavra de Deus e, diante dessa Palavra, nos dirigir a ele. Podemos ter diversas reações conforme nossas necessidades, nossa situação. Uma reação é a de reconhecer-se pecador que não segue a Palavra de Deus e, então, a resposta a essa palavra é pedir perdão. Outra reação é louvar a Deus por aquilo que ele nos disse, por aquilo que ele fez por nós. Quando damos graças a Deus ou pedimos perdão é a resposta que estamos dando por aquilo que Deus já fez por nós e quer continuar fazendo por nós. A nossa oração sempre é resposta. Portanto, nossa oração supõe ouvir a Palavra de Deus, como na eucaristia: primeiro ouvimos a Palavra de Deus (liturgia da Palavra), depois dirigimos a oração eucarística ao Pai, pedindo que ele realize o que prometeu por meio de seu Filho e faça de nós o corpo de Cristo.

Uma quarta característica da oração cristã é que ela não consiste em dizer “Senhor, Senhor” (cf. Mt 7,21-23: “Não é aquele que diz ‘Senhor, Senhor’ que entrará no

Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”). Oração cristã supõe **agir**, supõe fazer, supõe a vida cotidiana, supõe prática. O agir pertence à dinâmica da oração cristã. Nossa oração não é verdadeira se rezamos o dia inteiro, mas, na primeira vez que temos oportunidade de fazer algo pelo irmão, nos omitimos. Então nossa oração não foi oração cristã. Assim como na eucaristia: nós partimos o pão eucarístico para aprender a partir na vida o pão da nossa existência, o pão que é tudo aquilo que somos e temos e de que podemos lançar mão em benefício dos outros. E tem mais. A oração cristã não precisa de muitas palavras. Pelo contrário. Quando Jesus ensina o Pai-Nosso, segundo a narração de Mateus (cf. Mt 6,7), ele opõe a oração cristã à dos pagãos, que usam muitas palavras para impressionar a divindade. E acrescenta que nós não precisamos de muitas palavras nem de palavras bonitas. Basta dirigir-nos a Deus. Refere-se, portanto, à simplicidade da oração cristã. É importante que tenhamos presente essa frase do Evangelho de Mateus, porque se encontra tanta oração que se distribui por aí, enormes, longas, cheias de mel e de açúcar, de palavras sonoras, e as pessoas pensam que têm que rezar aquilo e até se sentem obrigadas a fazê-lo, porque pertence a tal movimento ou porque a oração supostamente traz a garantia de que quem a pronuncia ou a lê receberá tal graça em tanto ou tanto tempo. O que diz Jesus? Deus não se impressiona com palavras. Deus se “impressiona” – se é que podemos dizer assim – com a nossa escuta de sua Palavra e nossa obediência a ela, a resposta à aliança: “Queremos fazer tudo o que ele disser”. Significa: gastar nossa energia em ações em prol de nossos irmãos e irmãs.

Depois dessa admoestação à simplicidade e à parcimônia das palavras, Jesus nos ensina o Pai-Nosso. E o que se pede no Pai-Nosso? A primeira parte é toda dirigida a Deus, pedindo, em última análise, a vontade de Deus: “seja feita a vossa vontade”, “santificado seja o vosso Nome”. Pedimos que Deus seja reconhecido como Deus. Ou seja: estamos reconhecendo a Deus como o Deus, “maior do que o nosso coração” (cf. 1Jo 3,20), muito maior do que nós e nossas necessidades. É também importantíssima a palavra inicial: “Pai”, que podemos dizer porque estamos no Filho Jesus pela ação do Espírito Santo. Mas, além disso, dizemos: “Pai **nosso**”. Não nos apresentamos sozinhos diante de Deus, mas no “nós” que é a comunhão dos santos, como também se celebra a eucaristia no “nós”. Quando o padre, na oração eucarística, diz: “Recordando agora a memória do vosso Filho, da sua paixão que nos salva de sua gloriosa ressurreição e de sua ascensão ao céu... **nós vos oferecemos...**”, não é o padre que está oferecendo sozinho o sacrifício eucarístico, é toda a assembleia, a Igreja toda que, através do ministro ordenado, oferece a Deus o memorial do mistério de Cristo com seu sacrifício realizado de uma vez para sempre no Calvário. É só como *nós*, como uma comunhão, uma comunidade, que podemos nos dirigir a Deus.

Só depois vêm os pedidos em nosso favor. E qual é o primeiro pedido para nós? “O **pão nosso** de cada dia”. O pão, que é o alimento básico na Bacia Mediterrânea, onde Jesus vivia e que até hoje para nós é símbolo do alimento. “Ganhar pão” significa ganhar o que é necessário para a vida. Não ganho só pão trabalhando, ganho arroz, feijão, batata, carne... e muita outra coisa. Mas dizemos “o ganha-pão”. “Pão” significa todo alimento. O pão que pedimos no Pai-Nosso tem duas características: é nosso e é de cada dia. É nosso, não é meu. E é de cada dia, o suficiente para cada dia, não algo que se acumula. Exclui-se toda ganância.

A segunda coisa que pedimos para nós é o perdão, mas ele é condicionado: “assim como nós perdoamos”. Sobre isso muito já se escreveu. Santo Agostinho, por exemplo: “Se rezamos o Pai-Nosso de verdade, temos que parar a oração nesse momento se lembrarmos que há alguém a quem não fomos capazes de perdoar”. Como Jesus diz no Sermão da Montanha: “Se estás oferecendo o sacrifício a Deus, e já estás na frente do altar com o dom a ser oferecido e lembras que teu irmão tem algo contra ti, vai, reconcilia-te com teu irmão e então volta a oferecer o sacrifício” (cf. Mt 5,23s). Assim se devia também entender o Pai-Nosso. Se você não perdoou alguém, vá primeiro perdoar, depois venha continuar o Pai-Nosso. Novamente esse pedido em nosso favor é um compromisso de vida. Veja-se que sempre a oração cristã está ligada à vida e à escuta da Palavra de Deus, que tem a iniciativa. Podemos lembrar a parábola do mau devedor (cf. Mt 18). Aquele servo que devia uma quantia inimaginavelmente grande – calculam os exegetas que superava o orçamento anual do Império Romano – e foi perdoado, mas não soube perdoar o companheiro que lhe devia um salário-mínimo, não entendeu nada do perdão de Deus. É o contraste com que Jesus quer responder à pergunta de Pedro sobre quantas vezes devemos perdoar. É preciso perdoar sempre, porque fomos perdoados por Deus. Novamente a iniciativa é de Deus.

A eucaristia nos ensina o que é a oração cristã: uma oração que se dirige ao Pai por Cristo no Espírito Santo e, porque é **no** Espírito Santo, é **com** os irmãos e irmãs, **em** Igreja; uma oração que tem como primeiro ponto a iniciativa de Deus e que vem, portanto, da escuta da Palavra de Deus e do compromisso de realizar a vontade de Deus e, assim, é ação, é fazer o que Deus pede de nós. Esses três elementos estão unidos. Não quer dizer que primeiro se tenha que ler a Bíblia, depois se vá rezar, louvar a Deus, pedir perdão, depois agir. Não. A nossa vida cristã tem esses três elementos e a nossa oração é cristã porque esses três elementos estão presentes em nossa vida cotidiana. Se falta um desses elementos, ou seja, se não ouvimos a Palavra de Deus, se não a praticamos, se não nos dirigimos a Deus para pedir perdão e para louvá-lo, está faltando algo na nossa vida de cristãos. Esse tripé é fundamental na oração e se verifica em nossa vida de cristãos: se nossa oração é ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo, não podemos esquecer que a nossa vida vem do Pai pelo Filho no Espírito Santo para nos unir no seu corpo, que é justamente o que acontece na eucaristia. Na eucaristia, o Espírito Santo, que faz Cristo presente no pão e no vinho, nos une, quando comungamos, como um só corpo. Mas não se deve esquecer que, se somos o corpo de Cristo, aquilo que nós fazemos é ação de Cristo. Somos os pés de Cristo, as mãos de Cristo, os ouvidos de Cristo, os olhos de Cristo no mundo de hoje. É muita responsabilidade. Mas, como é Deus que nos chama, podemos ter confiança (cf. Mt 19,26).

1 O presente texto é a transcrição de uma palestra pronunciada na 72ª Semana Eucarística da Igreja da Boa Viagem, em Belo Horizonte, MG. Por isso o texto mantém algumas características da linguagem oral.

2 É a designação pagã do domingo (= Dia do Senhor), de onde vem as palavras **Sunday**, em inglês, e **Sonntag**, em alemão. “Domingo” é o nome cristão: significa o “Dia do Senhor”, o dia em que ele ressuscitou.

3 Justino: *Apologia Prima* 67,3-5 (SChr 507, 310-311). Tradução nossa.

<b>15/10/2024 - 2.ª Conferência</b> Liturgia das Horas e Ofício Divino das Comunidades: liturgia como oração de Cristo	Pe. Danilo César
---	------------------

**TEXTO NÃO ENVIADO PELO ASSESSOR**

## RICA: A LITURGIA COMO ORAÇÃO A CRISTO

*Luis Felipe C. Marques\**

Refletir sobre a liturgia como escola de oração é certamente algo essencial. Atualmente muito se escreve sobre a oração. Há até os que dizem que, sobre a oração, já se escreveu tudo, e há os que afirmam que existe uma produção enorme, até excessiva, de livros sobre a oração cristã, mas que ainda falta uma boa síntese da teologia da oração (Castellano, 1993, p.62). Entretanto, para que a oração seja digna de crédito, faz-se necessário, e até urgente, que se apoie numa sólida teologia do mistério da salvação: o mistério pascal, onde “Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai” (SC, n.7). O mistério pascal de Cristo é sempre o horizonte e a realidade de toda e qualquer reflexão teológica-litúrgica.

Somente da união com a oração de Cristo, sacramentalmente presente na liturgia, pode brotar a “nossa” oração e a descoberta da vida e da vocação cristã. A nossa oração e a da Igreja são, portanto, união à prece de Cristo, na medida em que nos faz participantes de seu mistério (ClgC, n.2718). Orar qualifica o homem não apenas porque essa é uma característica única, mas também porque a oração manifesta-se como lugar autêntico do devir humano e da descoberta da sua renovada identidade. Com isso, pode-se dizer que a oração é um ato fundamental da humanidade do homem a ponto de revelar o homem a si mesmo. A oração é o barômetro espiritual que nos permite o conhecimento de si mesmo (cf. Spidlik, 2002, p.59). Consequentemente, a descoberta da identidade humana se realiza na qualidade simbólica da forma ritual: lugar originário da expressão do sujeito e da doação da graça. É na oração ritual que o homem se torna plenamente homem (cf. DD, n.33). Na oração a Cristo, com Ele na liturgia e Nele na vida quotidiana, se aprende a ser humano tal como Ele é. Eis o desafio da iniciação a vida cristã hoje.

### **Por que a Cristo?**

O encontro com Cristo na oração revela-se, mais uma vez, elemento importante para a revitalização do cristianismo. A redescoberta e a restauração do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, depois do Concílio Vaticano II, torna clara de que o catecismo feito por aulas, explicações dogmáticas, frases decoradas não é capaz de conduzir uma pessoa à fé, ou de conformá-la a Cristo. É o encontro com a pessoa de Cristo que modifica o modo de pensar e a forma de viver, consequentemente, o hábito de rezar, a maneira de praticar a fé e o jeito de enxergar a Deus. É o encontro com o Senhor, mediado pelos sinais sensíveis que tangem os sentidos, que deixa marcas no corpo e na vida. O amor de Cristo e a Cristo deixa marcas que não dá para apagar.

O Papa Francisco, em uma audiência geral, afirmou que a liturgia é o lugar da presença e do encontro com Cristo. Sendo que Jesus não é uma ideia ou um sentimento, mas uma pessoa viva e um acontecimento histórico, “a oração dos cristãos passa por mediações concretas: a Sagrada Escritura, os Sacramentos, os ritos litúrgicos” (Francisco, 2021). Com a encarnação de Cristo o corpo entra de uma

vez por todas no jogo da salvação. Portanto, “na vida cristã não prescindimos da esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo ela se tornou o caminho da salvação. Podemos dizer que agora devemos rezar com o corpo. O corpo entra na oração” (Francisco, 2021).

“A encarnação para além de ser o único acontecimento novo que a história conhece, é também o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir a via da comunhão” (DD, n.10). É pela vida da encarnação, de forma concreta, que experimentamos o amor de Deus (cf. DD, n.11). Então, “em perfeita continuidade com a encarnação, é-nos dada a possibilidade, por força da presença e da ação do Espírito Santo, de morrer e ressuscitar em Cristo” (DD, n.12). Assim, em continuidade e coerência com o método da encarnação, tomamos a consciência de que a Liturgia é feita de coisas que são opostas das abstrações espirituais (cf. DD, n.42). As coisas sacramentais vêm de Deus, orientam-nos para Ele e por Ele foram assumidas, para se tornarem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça (cf. DD, n.46) que facilitam a nossa oração e o nosso encontro com a mediação de Cristo.

O homem em oração é como uma “árvore de gestos”. Seu corpo atua, performa, comunica, sente, intui... (cf. Certeau, 2006, p.33). Todos os gestos orantes de Jesus, como narrados pelos Evangelhos, são corpóreos. Ele olhava para o céu antes de curar ou orar (Mc 7,34; Jo 17,1). Lucas afirma que Ele se inclinou sobre a sogra de Pedro para curá-la (Lc 4,39). A mulher hemorroíssa sentiu em seu corpo que foi curada ao tocar a roupa de Jesus (Mc 5,29). Lázaro escutou o grito “venha para fora” e obedeceu (Jo 11,43). Ressuscitado, o Senhor mostrou-se e deu-se ao toque das mãos de Tomé (Jo 20,27). Desse modo, “a Igreja entendeu desde o primeiro instante que aquilo que era visível de Jesus, aquilo que se podia ver com os olhos e tocar com as mãos, as suas palavras e os seus gestos, o caráter concreto do Verbo encarnado, tudo d’Ele tinha passado para a celebração dos sacramentos” (DD, n.9). Sendo assim, a oração perde a sua vocação original de abertura ao transcendente, ao Cristo total, quando dissociada da ação ritual. “O rito religioso é um comportamento através do qual o corpo se organiza para viver a fé em Deus, não tanto como uma descrição de Deus e de suas obras, mas como uma imersão em Deus e em suas obras” (Bonaccorso, 2020, p. 1157). Não há dúvidas de que o “tornar-se cristão” ocorre por meio da ação da liturgia sobre os corpos humanos.

Na oração o homem encontra o eco dos próprios desejos e sentimentos. Orar é reconhecer que sempre nos falta algo e que somente um Outro pode nos dar, numa relação livre que não leva em conta nossas virtudes e méritos, mas que nos torna conscientes de nossos pecados e fragilidades. A sincera oração nasce do reconhecimento de que precisamos de alguém para suprir as necessidades que não podem ser supridas sozinhas ou por nós mesmos. Nesse sentido, “o ritual de iniciação cristã é destinado a adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho de fé e da conversão” (RICA, n.1).

Entretanto, a oração nasce da nostalgia que Deus tem pelo homem, do desejo que Cristo tem de estar com ele: não um desejo de ser adorado, louvado ou servido, mas de permanecer em comunhão (cf. Monges Cartuxos, 2024, p.16). Dessa maneira, todos os mistérios da salvação se convergem, se unem e se iluminam na oração da Igreja (cf. De Lubac, 1988, p.26). Portanto, a síntese do caminho espiritual humano é permitir-se ser alcançado por aquele que nos procura, deixando-se ser

tocado pelas mãos do Pai, que em nós molda o seu Filho Único. No ser alcançado pela graça é o próprio mistério celebrado que inicia e forma. É o processo catecumenal e a revalorização da liturgia como centro vital e vitalizador da comunidade eclesial que transforma a existência e redescobre a dimensão celebrativa-litúrgica da fé (cf. Buyst, 2011, p. 46).

Tendo sua origem no coração de Deus a oração é um mistério. “A oração é obra de Deus no fiel e, por isso, é Deus mesmo que educa o fiel à oração” (Boselli, 2017, p.148). Com efeito, o hino de louvor perpetuado nas moradas celestiais, só Ele pode cantar e ensinar (cf. SC, n.83). Ao dar-nos o seu Filho, o Pai nos deu o próprio mistério da oração, da possibilidade de orar, ou seja, de entrar em comunhão real com Ele. Com efeito, o dom que Cristo deu à Igreja é a possibilidade de poder orar com Ele, por meio d’Ele, n’Ele e a Ele. “A missão de Cristo e do Espírito Santo que, na liturgia sacramental da Igreja anuncia, atualiza e comunica o mistério da salvação, prossegue no coração de quem ora” (ClgC, n. 2655).

A liturgia é fonte da oração porque nela age o primeiro formador da mente e do coração: o Espírito Santo. A experiência do Espírito é radical e garantia para todos os que se deixam envolver pela participação ativa e plena. Desse modo, a condição básica da iniciação cristã é deixar-se permear da profundidade do mistério de Cristo através das diversas linguagens da celebração (cf. Marques, 2023, p. 21). Na oração o homem vem transformado progressivamente, tornando-se espiritual em consequência da sua união com o Espírito. Por isso, a perspectiva é sempre a de aprender a rezar, esforçar-se para rezar e rezar para aprender a rezar (cf. Spidlik, 2002, p.59).

Quando Jesus revela a identidade do Pai, Ele situa esta revelação num mistério que a formulação tradicional resume em dois movimentos: o descendente, todo o bem nos vem do Pai pelo Filho no Espírito; o ascendente, nós nos elevamos no Espírito pelo Filho até o Pai. Sem o Espírito, a oração não é cristológica. Para Paulo, viver em Cristo Jesus é viver pelo Espírito (Rm 8,1-2). É o Espírito da filiação que ora o “Abba, Pai” (Rm 8,15; Gl 4,6). Sendo que o Espírito é o de Jesus, Ele nos faz repetir os gestos de Jesus, perpetuar na fração do pão a nossa ação de graças e ecoar a oração de Jesus. Por exemplo, a oração eucarística é trinitária, a consagração é atribuída às três pessoas divinas: ao Pai, enquanto é obra da potência divina; mas, é o sacerdócio do Filho que renova no altar o mistério do cenáculo; esse mistério, enfim, é obra do Espírito Santo ao qual é atribuída toda ação de santificação (cf. Spidlik, 2002, p.67-71). A salvação, do ponto de vista trinitário, se realiza na incorporação a Cristo no seu mistério pascal; através de Cristo, entra-se em comunhão com as pessoas divinas.

Cristo deu origem e é o autor dos sacramentos pelo próprio fato de ser ele pessoalmente, na sua humanidade concreta e real, sacramento primordial e essencial da salvação. Os sacramentos da Igreja, com efeito, nada mais são do que imagens reais do mistério-sacramento de Cristo (cf. Marsili, 1992, p. 1061). Cristo é o centro da preciosa dinâmica relacional entre o mistério de Deus e o mistério do homem. Ele é o sacramento-mistério para a vida do mundo porque a sua presença na história é a salvação do mundo. Nesse sentido, não é o pecado a motivação primeira da encarnação, mas a liberdade do amor de Deus. O mistério da encarnação é a união real e definitiva entre Deus e o homem, isto é, a realização do eterno plano de amor. Assim, a carne de Cristo, mais do que o resgate do homem pecador, simboliza o contato da comunhão desejada por Deus desde a criação.

Cristo como sacramento da salvação muda o contato e a relação de Deus com o homem e com a inteira realidade. Efetivamente, podemos entender o sacrifício pascal de Cristo mais como um ato de comunhão do que de expiação (cf. Maranesi, 2016, p. 430).

Recordado a originalidade de Cristo como sacramento de salvação, a Igreja não pode ser concebida sem uma relação com o mistério de Cristo. A Igreja, referida a Cristo, age de maneira salvífica quando torna presente a ação salvífica de Cristo no tempo e no espaço (cf. LG, n.1). Sendo assim, a sacramentalidade da Igreja se fundamenta na sacramentalidade de Cristo, como delineado nos textos conciliares. O ser da Igreja em Cristo (natureza) a coloca dentro da mesma chamada salvífica de Cristo: unir Deus e o mundo. Por isso, “sem esta incorporação não há qualquer possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. Efetivamente, há um só ato de culto perfeito e agradável ao Pai: a obediência do Filho, cuja medida é a sua morte na cruz. A única possibilidade de poder participar na sua oferta é tornarmo-nos filhos no Filho. É este o dom que recebemos. “O sujeito que age na Liturgia é sempre e só Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo” (DD, n.15).

Portanto, a oração em Cristo, consequência da filiação divina, não impede a oração a Cristo, que está junto do Pai como mediador e intercessor. A oração a Cristo não põe o Filho no lugar do Pai. Mesmo não sendo Jesus o termo último da oração cristã, essa pode a ele se dirigir, enquanto Verbo encarnado e segunda pessoa da Trindade, desde que sua função de mediação da relação com o Pai não seja esquecida. O Pai permanece o destinatário último da oração cristã (cf. Costa, 2004, p.195).

### **Qual o método da fé?**

A necessidade da formação admite evitar a indeterminação das normas gerais em relação as realidades mais particulares. Definitivamente, o que está em jogo é a relação humano-divina na liturgia e as regras que garantem essa relação são fundamentais. A relação entre Deus e os seres humanos orienta toda a vida humana para Deus. De acordo com o seu fundamento pascal, a liturgia é sempre anunciadora de uma novidade e projeção de futuro (cf. Maciel, 2021, p. 748). Na oração litúrgica experimentamos a comunhão representada não por um pensamento abstrato, mas pela ação contemporânea de Cristo e da Igreja. A redescoberta da centralidade dessa ação e de seu caráter simbólico-ritual tem consequências para o modo de celebrar, para a iniciação cristã, para a formação e para a ciência litúrgica (cf. Buyst, 2011, p. 43).

A fé se define como acolhida do dom de Deus em Jesus, plenitude da revelação. Assim, a fé não é primariamente um conhecimento ou um dever, ou melhor, não é primordialmente um conhecimento conceitual ou um dever moral, mas uma relação pessoal e comunitária. O evento da Encarnação, da cruz e da Páscoa de Cristo é de fundamental importância para ajudar o crente a mudar a imagem de Deus, adquirida graças a uma fé baseada em princípios puramente morais ou jurídicos, bem como a penetrar na lógica de um Deus que é negligenciado quando se está “seguro”. De fato, a liturgia não tem como primeiro propósito apresentar uma imagem de Deus, nem mesmo uma teologia sobre Deus, mas tem o objetivo de nos fazer experimentar uma imagem de Deus no sentido bíblico, ou seja, para nos levar ao encontro com Deus.

A fé não é crer em Jesus, mas encontrar Jesus, ser enxertado Nele. A fé é um processo iniciático, cujos modelos são os ritos de Iniciação Cristã. No batismo entro em Cristo, sou semeado em Cristo e na Eucaristia Cristo entra em mim, é semeado, enxertado em mim para que eu me torne o bom odor de Cristo no mundo. A liturgia, culto primordial da Igreja (SC, n.8), comunidade dos redimidos, é o lugar em que o Verbo feito carne, Jesus Cristo, abre a sua boca para comunicar tudo aquilo que escutou do Pai (Jo 14,24), e o faz exatamente, estando presente no meio da assembleia (SC, n.7), convocada à escuta da Palavra e a participação aos sacramentos (Pereira, 2015, p. 8-9). Uma inteira frase da *Sacrosanctum Concilium* sintetiza o maravilhoso dom e o admirável mistério da oração da Igreja e de cada fiel batizado, a saber: “O Sumo Sacerdote da Nova e eterna aliança, Jesus Cristo, o verbo divino que assumiu a natureza humana, introduziu neste exílio terrestre aquele hino que perpetuamente é cantado nas moradas celestes. Ele mesmo une a si toda a comunidade dos homens para juntos cantarem este divino hino de louvor” (SC, n.83).

A fé é um encontro com Cristo no meio da comunidade eclesial (cf. DD, n.8-10). Ele é o sacramento “primordial” do Pai, sinal e instrumento do encontro dos homens com Deus, a própria salvação. Ele na sua humanidade e divindade é o grande sacramento, o sacramento-base; melhor ainda: o sacramento-fonte de onde todos os sacramentos descendem (cf. Marsili, 2010, p. 87). Nele e por Ele o amor trinitário se manifesta e se comunica com os homens e a resposta dos homens se manifesta e se comunica com a Trindade. Ele é o “protosacramento”, o “sacramento original”, o verdadeiro “único sacramento fundante” que visibiliza o amor e a graça de Deus de modo supremo. Ele é o fundamento e a razão de ser de toda a sacramentalidade (cf. Borobio, 2017, p. 66), o autor dos sacramentos, pois do seu lado aberto pela lança fez jorrar, com a água e o sangue, os sacramentos da Igreja para que todos, atraídos ao seu Coração, pudessem beber, com perene alegria, na fonte salvadora.

O efeito da ação sacramental é vital, não simplesmente mental. As ações rituais-simbólicas revelam que na liturgia Deus e o homem, Cristo e a Igreja agem de forma contemporânea. A celebração é totalmente ação de Deus e totalmente ação do homem. Na oração litúrgica experimentamos a comunhão representada não por um pensamento abstrato, mas por uma ação que tem Deus e nós como agentes, Cristo e a Igreja (cf. Francisco, 2017). Fora dessa compreensão o risco é cair numa perspectiva “puramente teológica” ou “puramente antropológica”, não sabendo equilibrar culto e vida. A liturgia é viva em virtude da presença viva d’Aquele que “morrendo destruiu a morte e ressuscitando nos restituiu a vida” (Prefácio Pascal I). Sem a presença viva e atuante do mistério de Cristo, não há qualquer vitalidade litúrgica (cf. Marques, 2023, p. 17).

### **Da tomada de consciência à participação ativa**

O fruto mais visível do Concílio Vaticano II deve ser uma comunidade renovada, que canta o louvor ao seu Senhor, que tem consciência da participação nos mistérios de Deus que passam pela realidade profundamente humana dos sinais da liturgia. A liturgia é vida para todo o povo da Igreja: uma ação do povo, mas também para o povo e com o povo. A ação ritual é uma praxe simbólica que comunica a aliança entre pessoas, manifesta a totalidade das ações, cria comunidades e estabiliza a vida. São ações genuinamente humanas que fazem a

vida festiva e encantada. Ao excluí-las da necessidade humana, o vazio toma conta do interior, tudo se torna apenas sobrevivência e repetição, e vivenciamos uma sociedade em que o cansaço é o sentimento mais comum. Em razão disso, a SC quis renovar um entrelaçamento mais estreito entre rito e vida.

A Iniciação à Vida Cristã e a formação litúrgica tem como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido e do sentido orante das celebrações na Igreja. A oração ao Pai, pelo Filho e no Espírito Santo, o diálogo e a união entre Deus e o homem é, portanto, a essência da Iniciação Cristã, sua razão de ser, fora da qual não teria motivo para existir. É na oração litúrgica que a criação encontra seu sentido original de ser “corpo” de Cristo. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, representa o centro de um longo trajeto que teve como objetivo superar a tentação de praticar um cristianismo intimista e devocional.

O Concílio procurou reafirmar de modo completo e orgânico a importância da liturgia divina para a vida dos cristãos, que nela encontram a mediação objetiva exigida pelo fato de Jesus Cristo não ser uma ideia nem um sentimento, mas uma Pessoa viva, e o seu Mistério um acontecimento histórico. A oração dos cristãos passa por mediações concretas: a Sagrada Escritura, os Sacramentos, os ritos litúrgicos, a comunidade. Na vida cristã não prescindimos da esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo ela tornou-se o caminho da salvação (cf. Francisco, 2021).

A ação ritual, com as suas objetividades, põe a comunidade a salvo dos subjetivismos, resultado da prevalência de sensibilidades individuais, e de culturalismos, aquisições acríicas de elementos culturais que nada tem a ver com um processo correto de inculturação (cf. DD, n.49). Efetivamente, não se trata da vitória do objetivo sobre o subjetivo, da anulação de um pelo outro, ou seja, da fórmula da oração ou da oração espontânea. A primazia do objetivo visa uma subjetividade plenamente articulada na intersubjetiva da celebração comunitária. Assim, a grande tarefa da iniciação-formação sacramental-litúrgica é combinar originalidade da experiência, força da personalidade e especificidade de sentimento com disciplina e obediência ao real (cf. Guardini, 2023, p. 172; Koller, 2023, p. 35).

A liturgia, em si, não é apenas oração espontânea, mas algo cada vez mais original: é um ato que fundamenta toda a experiência cristã e, por conseguinte, também a oração. É acontecimento, é evento, é presença, é encontro. É um encontro com Cristo. A liturgia, precisamente devido à sua dimensão objetiva, deve ser celebrada com fervor, para que a graça derramada no rito não se disperse, mas abranja a vida de cada pessoa. “A oração interioriza e assimila a liturgia, durante e depois da sua celebração” (ClgC, n. 2655). Muitas orações cristãs não provêm da liturgia, mas todas elas, se forem cristãs, pressupõem a liturgia, ou seja, a mediação sacramental de Jesus Cristo. Cada vez que celebramos um Batismo, ou consagramos o pão e o vinho na Eucaristia, ou unguimos o corpo de um enfermo com o Óleo Santo, Cristo está ali! É Ele que age e está presente como quando curava os membros fracos de um doente ou quando, na Última Ceia, entregou o seu testamento para a salvação do mundo. A oração do cristão faz sua a presença sacramental de Jesus (cf. Francisco, 2021).

No itinerário de Iniciação à Vida Cristã e em todos os outros sacramentos, conformados a Cristo, resgatamos o “muito bom” do Pai (cf. Gn 1,31). A plenitude de qualquer itinerário sacramental e orante é a conformação a Cristo. Por isso, esse caminho não se trata de um processo mental, abstrato, mas de chegar a ser Ele (cf.

DD, n. 41). Na oração e pelos sacramentos, o Pai não vê o homem nascido da terra, mas o homem crescido para o céu. Ele não vê o indivíduo pecador e egoísta, mas a comunidade nascida no alto da cruz do coração do Seu Amado Filho e pronta para doar-se a serviço do Reino (cf. Marques, 2024).

#### Referências bibliográficas

BOROBIO, D. *História e teologia comparada dos sacramentos*. São Paulo: Loyola/Ave-Maria, 2017.

FRANCISCO, Audiência Geral – Rezar na Liturgia. Disponível em: [Audiência Geral de 3 de fevereiro de 2021 - Catequese - 23. Rezar na Liturgia | Francisco \(vatican.va\)](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/february/20210203_og-geral-rezar-liturgia-francisco.html). Acesso em: 09/10/2024

FRANCISCO, PP. Discurso aos participantes na 68ª Semana Litúrgica Nacional de 24 agosto 2017. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco\\_20170824\\_settimana-liturgica-nazionale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/august/documents/papa-francesco_20170824_settimana-liturgica-nazionale.html). Acesso em: 09/10/2024

FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. Brasília: Ed. CNBB, 2022.

CASTELLANO, J. *Pedagogia della preghiera: mistagogia pastorale dell'orazione personale e comunitaria*. Roma: Teresianum, 1993.

COSTA, M. *Voce tra due silenzi. La preghiera cristiana*. Bologna: EDB, 2004.

GUARDINI, R. *Formação litúrgica*. São Paulo: Carpintaria, 2023.

KOLLER, F. Relançar a tarefa da formação litúrgica hoje: lendo Desiderio Desideravi a partir da Formação Litúrgica de Guardini. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v.38, n.1, jan.-abr. 2023, p. 17-43.

MARANESI, P. *Il contatto che salva. Introduzione alla teologia sacramentaria*. Assisi: Cittadella, 2016.

MARQUES, L. *A mistagogia da missa*. Petropolis: Vozes, 2023.

MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2010.

PEREIRA, J. "Celebrare per entrare nella dinamica della fede pasquale". *Credere oggi*, Padova, v.35, n.208, p.7-16, 4/2015.

\*Franciscano Conventual, doutor em teologia sacramental pelo Pontifício Ateneu de Santo Anselmo – Roma, vice-presidente da Associação dos Liturgistas do Brasil e Assessor da Comissão Episcopal para a Liturgia da CNBB.

<b>15/10/2024 - Intervenção Linguagem Corporeidade</b> Experiência ministerial litúrgica	Pe. Márcio Pimentel
---	---------------------

**TEXTO NÃO ENVIADO PELO ASSESSOR**

**16/10/2024 - 1.ª Conferência**  
Missal Romano: o “eu” e o “nós” da oração

Pe. Márcio Pimentel

**TEXTO NÃO ENVIADO PELO ASSESSOR**

## O CANTO COMO ORAÇÃO COMUM

Adenor Leonardo Terra<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A Liturgia é uma ação comum de toda assembleia. Cada fiel, organicamente unido aos demais, desempenha o seu ofício conforme a variedade de funções e ministérios que a própria Liturgia prevê. A celebração comunitária caracteriza-se, portanto, pela presença e participação ativa de todos<sup>2</sup>, onde cada um realiza plenamente aquilo que é de sua competência, segundo a natureza dos ritos e as normas que os regem<sup>3</sup>. Essa participação, que ocorre das mais variadas formas, demonstra a ministerialidade da própria Igreja, algo intrinsecamente ligado ao conceito de sinodalidade (termo que vem sendo constantemente empregado nos últimos anos). Ou seja, a Liturgia promove, na diversidade, a unidade entre todos os que dela participam. Isso não quer dizer que a diversidade é ofuscada, mas valorizada e congregada em torno de um objetivo comum: celebrar o Mistério Pascal de Cristo e dar testemunho dele no mundo<sup>4</sup>.

Nesse sentido, o canto, sendo “parte necessária ou integrante da Liturgia solene<sup>5</sup>”, atendendo devidamente aos requisitos que lhe são inerentes<sup>6</sup>, torna-se expressão de uma eclesialidade que é ministerial, sinodal, coparticipativa, em consonância com o sentido da Liturgia como um todo.

O presente artigo traz uma reflexão do canto litúrgico como oração comum a partir de dois parâmetros:

1) as estruturas textuais que a própria Liturgia prevê, as quais influenciam diretamente nas formas musicais que as revestem, bem como na maneira de se executar cada canto;

2) a adequação do repertório litúrgico às possibilidades de cada assembleia, levando em consideração as realidades pastorais.

### 1 FORMAS TEXTUAIS E MUSICAIS NA LITURGIA

No que diz respeito aos textos que a própria Liturgia apresenta, ou às possibilidades que os diversos momentos celebrativos preveem, pode-se notar uma grande diversidade formal. Dessa diversidade estética, cujas formas textuais influenciam diretamente no fazer musical, podemos destacar ao menos três estruturas textuais que se distinguem entre si, as quais serão explicitadas a seguir.

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Université Laval (Québec – Canadá), membro da ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil), do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard e da Equipe de Reflexão em Música Litúrgica da CNBB.

<sup>2</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium* n. 27.

<sup>3</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium* n. 28.

<sup>4</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica n. 1068.

<sup>5</sup> *Sacrosanctum Concilium* n. 112.

<sup>6</sup> Sobre as características de um canto litúrgico, consultar: CNBB. *Guia litúrgico pastoral*. Brasília: CNBB, 2007, p. 71-72.

## 1.1 Canto com refrão

É a forma mais utilizada, principalmente nos cantos processionais de entrada, oferendas e comunhão. Para o canto de entrada, por exemplo, é previsto que se cante a antífona com o salmo que a acompanha, do Gradual Romano ou do Gradual Simples<sup>7</sup>, ou um outro canto condizente, em sintonia com o tempo litúrgico ou a solenidade celebrada<sup>8</sup>. Assim, nesses casos, a forma musical que predomina é a binária, com refrão ou antífona (parte A) e estrofes (parte B). Quanto à forma de execução, o canto de entrada pode ser cantado de três maneiras<sup>9</sup>: de forma alternada entre o coral ou grupo de cantores e a assembleia, que participa cantando o refrão e ouvindo/meditando as estrofes; na íntegra pelo grupo de cantores ou coral com a assembleia; somente pelo grupo de cantores ou coral, sendo essa última maneira a menos recomendável.

Vale destacar que a forma alternada leva em consideração que a participação ativa dos fiéis na Liturgia acontece tanto de forma interna como de forma externa<sup>10</sup>. Além disso, essa alternância dinamiza a celebração e expressa mais sensivelmente a ministerialidade da Liturgia e, por conseguinte, da própria Igreja.

Obviamente, conforme a opção escolhida, principalmente quando se trata de um canto já consolidado no repertório, ele pode ser executado por todos, sem qualquer tipo de alternância. Nesse caso, se há a presença de um coral na celebração, é de grande utilidade que ele reforce e enriqueça o canto em uníssono da assembleia, por meio de um arranjo vocal a mais vozes<sup>11</sup>.

A opção do grupo de cantores ou coral cantar uma peça na qual os fiéis não externalizam a sua participação é, a priori, indicada somente para casos bem específicos. Em geral, essa eventualidade ocorre quando se faz uso de peças clássicas, motetos, trechos de oratórios ou cantatas etc. No entanto, há que se ter o devido cuidado para que a música escolhida não assuma um caráter concertístico, ou que propicie uma musicalidade que remeta apenas ao belo de maneira subjetiva. Há que se prezar, em vista disso, que a peça selecionada atenda às rubricas e propicie uma participação consciente por parte da assembleia celebrante, mesmo que de forma passiva. Mas vale aqui ratificar que essa é uma situação esporádica, que não deve jamais se tornar a regra geral.

## 1.2 Hino

No contexto litúrgico, é o canto cujo conteúdo é desenvolvido de forma contínua, isto é, sem intercalar um refrão ou antífona. O texto dos hinos pode apresentar-se em forma de estrofes metrificadas, como é o caso das sequências<sup>12</sup>, ou de forma livre, como ocorre no texto do Glória. A título de exemplo, para o Glória, são previstas três formas de execução<sup>13</sup>: cantado por toda assembleia, na íntegra;

---

<sup>7</sup> Essa possibilidade tornar-se-á, portanto, um canto com refrão.

<sup>8</sup> Cf. Instrução Geral do Missal Romano n. 48.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium* n. 19.

<sup>11</sup> Cf. CNBB. *A música litúrgica no Brasil*, n. 253.

<sup>12</sup> Atualmente, a Liturgia Romana prevê o canto da sequência somente em quatro ocasiões: Páscoa, Pentecostes, *Corpus Christi* e Bem-aventurada Virgem Maria das Dores.

<sup>13</sup> Cf. Instrução Geral do Missal Romano n. 53.

alternadamente entre o grupo de cantores ou coral e a assembleia; somente pelo grupo de cantores ou coral. Aqui, nota-se uma diferença entre o canto do Glória e o canto de entrada, explicitado anteriormente: a primeira opção para o canto do Glória é que ele seja cantado por todos, diferentemente do canto de entrada, o qual, em primeiro lugar, opta-se pela execução de forma alternada entre o grupo de cantores ou coral e a assembleia. Evidentemente, ao fazer uso da primeira forma de se executar o Glória, pode-se também pensar dinamizá-lo com a própria assembleia, por exemplo, intercalando mulheres e homens, lado esquerdo e lado direito etc.

Com relação à terceira forma prevista para a execução do Glória, é salutar que se observe o que já foi dito com relação ao canto de entrada. Ou seja, mesmo que o povo não exteriorize a sua participação, é necessário o devido zelo para que este momento não assuma um caráter de show ou concerto.

### 1.3 Litania

Trata-se do canto em forma de ladainha, no qual a assembleia responde após cada invocação que é proposta por um solista. Geralmente, as litânicas aparecem em forma de súplicas, mas essa estrutura textual pode também apresentar-se sob a forma de louvor, ação de graças etc. No rito da Missa, destacam-se pelo menos duas litânicas que normalmente são cantadas: o *Kyrie eleison* e o Cordeiro de Deus. Vale recordar, ainda, a Ladainha de Todos os Santos, prevista para algumas celebrações específicas, como Vigília Pascal, ordenações, dedicações de igrejas etc. A forma dialogal, alternada entre solista e assembleia, “permite um canto de longa duração, mantido sem fadiga, facilita a livre participação de todos<sup>14</sup>”. Portanto, é de grande valia que essa forma de execução, sempre que prevista, seja respeitada, a qual permite à assembleia participar acompanhando a ação ritual, ouvindo a proposição do solista e, na sua vez, respondendo.

O canto do Cordeiro de Deus, por exemplo, que acompanha o gesto da fração do pão, prevê que as invocações cuja resposta é “tende piedade de nós” sejam repetidas quantas vezes for necessário, enquanto acontece a fração do pão. Somente na última vez, o canto é concluído com as palavras “dai-nos a paz”<sup>15</sup>. Um recurso composicional que pode ajudar para a execução do canto do Cordeiro de Deus é a concepção de linhas melódicas diferentes, a saber: uma melodia para as invocações concluídas com “tende piedade de nós”, e uma melodia diferente para a última invocação, com a resposta “dai-nos a paz”. Dessa forma, quando o solista canta a invocação, conforme a linha melódica, já é possível saber quando o canto será concluído.

## 2 O REPERTÓRIO LITÚRGICO E A PRIMAZIA DA ASSEMBLEIA

Para uma composição ser considerada litúrgica, é necessário observar determinados critérios, sejam eles de ordem teológico-litúrgicos, estéticos ou pastorais. Partindo-se da premissa que o primeiro parâmetro seja devidamente atendido, e que o segundo foi, ao menos em parte, elucidado na seção anterior, buscar-se-á doravante aprofundar alguns elementos em relação ao terceiro.

---

<sup>14</sup> GELINEAU, Joseph. *Os cantos da missa no seu enraizamento ritual*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 68.

<sup>15</sup> Cf. Instrução Geral do Missal Romano n. 83.

Em um contexto celebrativo, se não é possível tratar da Música sem tratar da Liturgia, tampouco é possível desconsiderar a realidade pastoral em que se está inserido. A Música Litúrgica “encarna as finezas e cuidados do Bom Pastor para com seu rebanho<sup>16</sup>”. O repertório litúrgico proposto deve, em linhas gerais, estar em consonância com as “possibilidades e limitações de cada assembleia<sup>17</sup>”.

Se formos analisar a reforma litúrgica impulsionada pelo Concílio Vaticano II, no que diz respeito à Música Litúrgica, esse é talvez o elemento pastoral essencial: não mais se canta, no mundo todo, praticamente o mesmo texto, com a mesma melodia. De um padrão homogêneo que é, na grande maioria das vezes, inexpressivo comunitariamente, passa-se a uma heterogeneidade que, estando a serviço do culto divino, consegue ser uma autêntica expressão da catolicidade e da Liturgia como uma ação na qual todos participam.

Vale recordar que a constituição *Sacrosanctum Concilium*, pautada por uma hermenêutica da continuidade, não despreza a tradição do canto gregoriano e da polifonia sacra. Por outro lado, a mesma constituição incentiva o canto popular religioso<sup>18</sup> que, cumprindo os critérios litúrgicos que as rubricas estabelecem, é igualmente digno de ser utilizado tanto nas ações litúrgicas quanto nos momentos devocionais.

É exatamente essa a posição que João Paulo II declara o seguinte: “Dado que a Igreja sempre reconheceu e favoreceu o progresso das artes, não é de se admirar que, além do canto gregoriano e da polifonia, admita nas celebrações também a música moderna, desde que seja respeitosa do espírito litúrgico e dos verdadeiros valores da arte<sup>19</sup>”.

Assim, à guisa de exemplo, não é suficiente que um canto de entrada, enquanto texto, atenda aos requisitos que lhe são necessários para constituí-lo como tal, do ponto de vista teológico-litúrgico e estético (enquanto forma textual). Outrossim, esteticamente, enquanto música, não basta apresentar-se sob uma estrutura que atenda a criteriosos parâmetros artísticos. Para que um canto de entrada cumpra o seu papel ministerial, é necessário ir além. Na prática, ele deve ser expressão de uma comunidade que celebra, congregando-a e inserindo-a no Mistério a ser celebrado. E só se atinge a esse objetivo se o canto proposto, de alguma maneira, contemplar a participação plena, consciente e ativa da assembleia celebrante.

O que o Concílio Vaticano II afirma sobre os ritos, pode-se perfeitamente estender-se à Música Litúrgica: que ela brilhe pela sua “nobre simplicidade<sup>20</sup>”. Que ela tenha um texto adequado quanto ao seu conteúdo e à sua forma, e uma estética musical simples e bela, servindo à Liturgia e servindo, igualmente, à assembleia reunida, que é uma das formas pelas quais Cristo se faz presente na celebração<sup>21</sup>.

Mesmo que a assembleia não cante todos os cantos na íntegra, o que é perfeitamente compreensível e recomendável que assim seja, tendo em vista a variedade de formas textuais e musicais que a própria Liturgia prevê, é inegável o

---

<sup>16</sup> CNBB. *Canto e Música na Liturgia. Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*, n. 14.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium* n. 118.

<sup>19</sup> JOÃO PAULO II. *Quirógrafo sobre a Música Sacra*, n. 10. João Paulo II, em 2003, no centenário do *Motu Proprio Tra le Sollecitudine* de Pio X, também escreve sobre a Música Sacra, repropondo alguns conceitos fundamentais.

<sup>20</sup> *Sacrosanctum Concilium* n. 34.

<sup>21</sup> Cf. *Sacrosanctum Concilium* n. 7.

fato de que a comunidade reunida é protagonista na celebração. Conforme nos explica Gilles Routhier,

A estrutura fundamental desta assembleia é constituída pelo ministério da presidência do bispo, pela colaboração do presbitério e dos outros ministros, mas sobretudo pela participação ativa de todos, como é apresentado no nº 41 de *Sacrosanctum Concilium*, que insiste no fato de que se trata de uma única ação, comum a todo o povo: “as mesmas celebrações”, “a mesma Eucaristia”, “uma só oração”, “o único altar”.<sup>22</sup>

Por esse motivo, sobre a escolha de um repertório litúrgico, é necessário levar em conta o tripé: Teologia/Liturgia – estética textual e musical – realidade pastoral. Não raramente, nota-se a proposição de repertórios nos quais ao menos algum desses três aspectos não é contemplado. Isso geralmente ocorre quando a escolha das músicas se baseia em justificativas abstratas, do tipo: “essa música é mais animada”, “essa música todos conhecem”, “essa música faz parte da tradição da Igreja”, “essa música é do meu movimento” etc.

Imaginemos, por exemplo, uma celebração onde as músicas são escolhidas apenas pelo critério de serem bem conhecidas ou de serem fáceis: corre-se o sério risco dessas músicas fomentarem uma suposta participação ativa da assembleia, mas expressarem pouca ou nenhuma relação com o rito celebrado.

Outrossim, suponhamos que uma celebração possua um repertório bem escolhido do ponto de vista teológico-litúrgico, ou seja, os textos dos cantos apresentam uma estreita relação com o Tempo Litúrgico e os diversos momentos celebrativos. No entanto, a forma musical que reveste tais cantos nos remete a um período histórico ultrapassado, sem qualquer relação com a realidade pastoral da comunidade e com um texto que não está em vernáculo: muito provavelmente, o resultado é uma música ao estilo de concerto, que não interage em momento algum com a assembleia. É o que se constata, por exemplo, com o uso do canto gregoriano em seu formato original, sob a única alegação de que ele pertence à tradição da Igreja, o que, salvo raríssimas exceções, não favorece a participação plena, consciente e ativa da comunidade<sup>23</sup>.

O ideal, via de regra, é que o repertório litúrgico seja um dentre os vários sinais sensíveis na Liturgia. E ela só será, de fato, se fizer algum sentido na vida da comunidade. Permitir que a assembleia assuma o seu protagonismo na celebração, por meio da Música Litúrgica, é oferecer a ela um repertório que brote da sua realidade, “em profunda sintonia com o Mistério de Cristo, contemplado, à luz das Escrituras, no dia-a-dia da vida<sup>24</sup>”.

## CONCLUSÃO

A constituição de um repertório litúrgico é algo que demanda formação teológico-litúrgica e musical. Ademais, é imprescindível considerar a cultura do local,

---

<sup>22</sup> ROUTHIER, Gilles. La synodalité dans l'Église locale. *Scripta Theologica*, vol. 48 (2016), p. 691-692 (tradução minha).

<sup>23</sup> Sobre o canto gregoriano, João Paulo II afirma que não se trata de copiá-lo, mas que ele seja uma fonte de inspiração para as novas composições litúrgicas (Cf. JOÃO PAULO II. *Quirógrafo sobre a Música Sacra*, n. 12).

<sup>24</sup> CNBB. *Canto e Música na Liturgia. Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*, n. 16.

de modo que a Liturgia se encarne em uma realidade concreta. Não se trata de uniformizar, muito pelo contrário! Deve-se ponderar e fazer uso, em linhas gerais, de gêneros e estilos musicais que não só apresentam uma íntima relação com os textos litúrgicos, realçando o seu sentido, mas que, ao mesmo tempo, conseguem promover a participação da assembleia celebrante.

Vale lembrar, ainda, o quão proveitoso pode ser um breve ensaio dos cantos com a assembleia, antes da celebração, com especial atenção àqueles que ainda não são tão conhecidos.

Se a Liturgia preza pelo uso de sinais sensíveis e verdadeiros (pão, vinho, água, óleo, cinzas etc.), a Música Litúrgica, igualmente, deve seguir o mesmo princípio. Ou seja, a Música só será, de fato, um sinal autêntico na celebração, se ela penetrar os ouvidos e chegar ao coração dos fiéis, fazendo-os mergulhar no Mistério celebrado.

## **BIBLIOGRAFIA**

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/archive/catechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html)>. Acesso: 10 junho 2024.

CNBB. A Música Litúrgica no Brasil. 1998. In: CNBB. *Documentos sobre a Música Litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *Canto e Música na Liturgia. Princípios teológicos, litúrgicos, pastorais e estéticos*. Brasília: CNBB, 2006.

\_\_\_\_\_. *Guia litúrgico pastoral*. Brasília: CNBB, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. Sacrosanctum Concilium. 1963. In: CNBB. *Documentos sobre a Música Litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005.

DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: CNBB, 2023.

GELINEAU, Joseph. *Os cantos da missa no seu enraizamento ritual*. São Paulo: Paulus, 2013

JÓÃO PAULO II. Quirógrafo sobre a Música Sacra. 2003. In: CNBB. *Documentos sobre a Música Litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2005.

ROUTHIER, Gilles. La synodalité dans l'Église locale. *Scripta Theologica*, vol. 48 (2016), p. 687-706.

## O ESPAÇO DE ORAÇÃO QUE FORMA A IGREJA

36ª Semana de Liturgia – Belo Horizonte- 14-18 de outubro de 2024.

Ir. Arq. Laíde Inez Sonda- PDDM. Apostolado Litúrgico- Arquitetura.

“A pessoa é feita de tal modo que necessita de sinais sensíveis que lhe recordem o lado transcendente, originário, de sua existência. Enquanto o cristão não alcança o estado de “visão”, precisa adquirir a consciência do seu caráter sagrado mediante “espelhos e enigmas”, pensando assim, é situar o homem na mesma perspectiva na qual ele é visto por Aquele que julgou necessário encarnar-se para salvá-lo”. (PLAZAOLA 2001, p 24).

O título proposto para essa pequena colocação é: O espaço de oração que forma a igreja. Adicionei por minha conta uma pergunta, nos forma? E poderíamos colocar outra interrogação quando nos forma? Esta pergunta na atualidade provoca um misto de inquietação, esperança e mais que tudo desassossego. Precisamos continuar com esperança apesar de tudo.

Uma coisa é certa. Não há espaços neutros e isso é comprovado por inúmeros estudos de sociólogos. Por exemplo, sabe-se que crianças que são criadas em espaços muito pequenos elas se tornam mais agressivas, há um atraso no desenvolvimento psicomotor. Sabe-se que um espaço com muita luz não serve para meditação, que as cores fortes e quentes provocam agitação e as cores frias são calmantes, e usadas especialmente em ambientes para a saúde, etc. Poderíamos continuar falando de inúmeras características dos espaços e sua incidência sobre comportamentos e até sobre a saúde humana, mas vamos para o espaço de celebração:

Klemens Richter é agudo na sua observação e diz:

“A longo prazo, o espaço afeta muito mais fortemente a comunidade que as próprias celebrações, também as que foram bem preparadas. Muito maior será a sua ação sobre as pessoas que entram nele esporadicamente, ou apenas uma vez”.

O espaço da Igreja, para conduzir à oração deve antes de mais nada obedecer à critérios mínimos:

- A componente comunitária, orgânica e ministerial.
- A componente simbólica que orienta para o mistério; sua realização plena na parusia.
- A componente funcional. Ele está a serviço das funções ou serviços que nele realizam.

**Componente comunitária.** Deixo para a Katia na sua relação da tarde para falar disso. Limito-me a dizer que o espaço, a construção, só se justifica porque atende a uma comunidade de fiéis que precisam dele para celebrar os mistérios da fé. Desde os primeiros séculos, quando ainda os cristãos celebravam nas casas o espaço era pensado para atender não a indivíduos isolados e suas práticas de piedade individuais, mas para celebrar o memorial da Páscoa de Jesus. Portanto, o espaço igreja, tem sua origem na exigência concreta de cada comunidade, nasce a partir de um “locus” vivo, de pessoas e lugares que possuem características próprias,

materiais próprios, manifestações culturais próprias. Não será a genialidade de um arquiteto que irá determinar como será a igreja mas o diálogo, a escuta profunda dos anseios e desejos da comunidade e sobretudo a ajuda mútua para que o edifício seja a manifestação viva do que é ser Igreja, ser povo convocado, povo que se reúne para prestar o máximo louvor ao Pai; por Cristo, com Cristo, em Cristo, como um único corpo. Papa Bento XVI (2013, on-line) disse:

“Na arte sacra, não há espaço para pura arbitrariedade; as formas artísticas que negam a presença *do logos* na realidade e fixam a atenção do homem na aparência sensível, não são compatíveis com o sentido da imagem na igreja. Nenhuma arte sacra pode advir da subjetividade isolada. Supõe antes que o assunto interiormente formado pela igreja esteja aberto para nós. Somente assim a arte torna visível a fé comum e volta a falar aos corações que crêem.”

Essas palavras do Papa Bento dizem aquilo que agora o Papa Francisco repete, de outra forma, e falando propriamente da liturgia, mas no mesmo sentido, na *Desiderio Desideravi* (DD 19, on-line):

A Liturgia não diz “eu”, mas “nós” e qualquer limitação à amplitude deste “nós” é sempre demoníaca. A Liturgia não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E fá-lo, em coerência com o agir de Deus, seguindo a via da encarnação, através da linguagem simbólica do corpo que se prolonga nas coisas, no espaço e no tempo.

Se é o agir de Deus que se prolonga no espaço e no tempo e nunca como indivíduos isolados então a construção da igreja deve nascer da concretude, do esforço conjunto da comunidade, dos profissionais para que através da materialidade, das formas, e símbolos a Igreja se manifeste como o corpo de Cristo.

### **A componente funcional.**

A componente funcional é indispensável em qualquer lugar. O espaço tem que servir àquilo que se propõe; tornar possível a realização daquelas tarefas, no caso da igreja, o bom desenvolvimento do rito. Uma igreja que não tenha pensado por exemplo, os percursos da assembleia, dos ministros, desde o átrio até altar, os diferentes deslocamentos, durante as diferentes celebrações não irá prestar a sua contribuição para que o rito se desenvolva num ritmo tranquilo, calmo, sereno. Ocorrerão quebras, distrações e um burburinho que irá atrapalhar a oração. Pensemos por exemplo como tem mais beleza e harmonia um caminhar processional que não precise subir degraus altos com a preocupação de não tropeçar ou o altar esteja sobre um patamar que limita o rito de rodeá-lo durante a incensação. O gesto ritual pede solenidade e desembaraço e o ministro da celebração não pode ficar se preocupando com a mudança dos níveis no piso. Uma sacristia, cuja porta de acesso ao espaço de celebração se localiza no presbitério (santuário), impede ou dificulta a procissão de entrada, momento em que como peregrinos nos dirigimos ao “altar do Senhor”.

Essas são constatações menores, mas no conjunto irão fazer a grande diferença para que se construam espaços e neles, a “assembleia orante”, encontre harmonia, fluidez e a concentração necessária seja efetiva permitindo à todos o dispor-se à ação do Espírito, que é invocado com uma epiclesse especial nas orações

eucarísticas, para que a assembleia seja transformada no Corpo de Cristo. Jean-Yves Hameline (2017, p 87), ao falar da arte na liturgia diz:

Aquilo que se espera da arte é a contribuição na composição feliz e teologicamente significativa dos corpos, num espaço que se tornou lugar abençoado no qual o Espírito os investe, no qual ressoam as vozes e os tons que são a alma da Igreja, na qual se movem, se aproximam, se afastam, e sobretudo estão e “se encontram”, os sujeitos que compõem a cena a qual é sempre uma ‘visitação’.

Com essa consideração retomamos aquilo que padre Danilo disse ao introduzir-nos na semana: do estar, participar do dom que nos é dado. Somos visitados, habitados e incorporados.

### **A componente simbólica.**

Para falar da componente simbólica nos ajuda um texto do antropólogo Terrin (2011, p 216).

“Não há dúvida de que a ação ritual e a liturgia devem, para expressar adequadamente a sua força comunicativa nessa totalidade expressiva que é própria do rito, fazer com que existam **encontros “físicos” no ambiente *circundante*, para que as “pedras falem”**.

E isso nós vimos na primeira componente, que a comunidade que celebra precisa do espaço, mas que não é só um espaço no qual se dá uma ação, mas um espaço que crie a **“comunhão”** também dos corpos. Terrin continua dizendo que se a liturgia se vale de uma linguagem na qual x não é só x, mas x vale y é necessário que isso seja homologado, justificado e diz:

[...] é preciso ser capaz de fazer funcionar essa homologação no nível simbólico entre a ação e a palavra ritual **e o contexto-ambiente que deveria, por isso, resultar como um eco, como uma caixa de ressonância da simbologia do rito**, sem cair nem no ridículo nem na abstração desprovida de encontro.

Percebemos como isso é forte! Os espaços celebrativos falam porque ressoam, ressoam toda a ritualidade e simbologia implícita em cada palavra, gesto, atitude. A dimensão simbólica não está quem sabe aonde, ela é deduzida, apreendida da própria Palavra, das ações rituais, das preces e orações da Igreja. Isso não é tarefa fácil, como o próprio autor diz:

Aí está a dificuldade dos artistas e homens de Igreja: a necessidade de fazer com **que às palavras corresponda um mundo simbólico adequado, que respeite a riqueza do rito**, sabendo que ele se funda numa regra substantivo-simbólica que **só se torna eficaz na medida que não trai a sua verdadeira substância, isto é, a compreensão entre símbolo e realidade**.

O símbolo não força nada, ele está ou não está embutido presente na ação, no espaço, nos gestos. À medida que a comunidade se entrega, faz o encontro, e no encontro se desvela o que a razão não deu conta de apreender, ela será capaz, ou deveria ser capaz de capturar através da experiência vivida. A este respeito gosto de citar uma experiência feita por Rudolf Schwartz quando jovem escoteiro- depois tornou-se um grande arquiteto que projetou inúmeras igrejas na Alemanha- essa experiência ele a viveu numa celebração presidida por Romano Guardini. A celebração se deu debaixo de uma árvore, nas montanhas da Alemanha, e ele diz: **“Não havia nada, somente uma mesa com prato e copo, vinho e pão e o Senhor aí estava”**. A atmosfera criada certamente não se deu unicamente pelo espaço e os objetos. Segundo o que podemos deduzir, a atmosfera criada deu-se pelo lugar, pelos objetos do lugar, pela comunidade dos jovens, pela presidência, pela Palavra,

pelo Sacramento. De nada teriam servido os objetos e elementos se a ação ritual não fosse participada por uma assembleia uníssona, atenta e um presidente que conduziu os jovens na experiência de entrar no mistério. Daí decorre que o espaço pode ser, ou não, coadjuvante, servidor. Vai depender de sua configuração é verdade, mas sobretudo de como ele se apresenta para ser vivido na ação ritual. O Papa Francisco, na *Desiderio Desideravi* 31, diz que é a própria celebração que nos faz “crescer na capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica, e *continuar a surpreendermo-nos com o que acontece na celebração diante dos nossos olhos*”. A celebração possui a graça de transfigurar o espaço e o faz acolhedor do mistério, mesmo quando ele, na sua aparência não se apresenta tão apto e tão pobre, como o dos jovens escoteiros acima citado.

Shwartz, (1960, p 41) quando mais maduro escreveu:

É belo quando o espaço santo se funda por inteiro **na comunidade e no seu agir**, é constituído pela liturgia e com ela ele desaparece, e renuncia a toda encenação arquitetônica. No início não há nada além de um espaço cósmico e, depois, não resta senão espaço cósmico: “o Senhor passou”.

Para Heidegger a arquitetura sacra é “arquitetura total” porque nela, ‘céu e terra’ se tocam: o espaço finito da igreja torna-se metáfora do infinito, espaço não mais delimitado e restrito à categoria puramente funcional, da utilidade ele é prefiguração de uma nova criação, onde o cosmo redimido participa da cidade santa da nova Jerusalém onde não haverá mais necessidade de sol, onde a lâmpada que ilumina é o Cordeiro, transpassado e vivo.

A construção, em si mesma não exige um estilo, uma característica peculiar para dizer que ela é a IGREJA. Precisa de uma comunidade reunida, celebrando e manifestando o máximo louvor a Deus Pai, que se dá no Memorial da entrega do seu Filho para a vida do mundo. É algo tão essencial e tão primitivo que não demanda nada de supérfluo. S. João Climaco quando fala da oração diz que: “Uma só palavra, ou a essencialidade, leva a pessoa que reza a não se dispersar a não se fragmentar”. Eis que essas palavras podem ser aplicadas ao espaço litúrgico. Onde o mais é menos e a menos é mais, como dizia Mies van der Roher, um arquiteto do modernismo.

O espaço litúrgico oferece a sua contribuição para que a assembleia se torne orante? Penso que vocês todos podem responder de imediato que sim. Quando os polos celebrativos altar, ambão, cadeira da presidência fonte batismal, estiverem bem configurados e a celebração aconteça de fato como “*encontro com Deus*” como diz papa Francisco e não “*uma busca individual, uma busca interior mas um acontecimento dado*”, aí acontece a oração da comunidade”.(DD 24 on-line). Para outros, penso que nem sempre é assim. Há ainda uma quantidade grande de pessoas que viram as mudanças efetivadas pelo Concílio Ecumênico, deram-se conta que algumas delas também foram feitas nos espaços das igrejas. Viram, em muitos casos, o desmonte do altar-mor, que o Concílio não pediu, a colocação do altar versus populum, mas ainda assim isso o espaço pouco adequou-se às verdadeiras mudanças do paradigma devocional para o comunitário.

Continua-se entendendo o momento celebrativo como um momento de devoção, de piedade, sincera, individual. A celebração da Eucaristia também se transforma num ato íntimo onde o fiel assume posturas individuais e por vezes aborrece espaços

onde o santo não está no centro, como também o sacrário. Para estes as igrejas dos pós Concílio, com adequação à liturgia continuam “não favorecendo a oração”.

A iconografia dos espaços que deve primar pela centralidade de Cristo, que está presente na assembleia reunida, na Palavra proclamada, na pessoa de quem preside a comunidade em nome de Cristo, nos dons do Corpo e Sangue de Cristo parece não ser suficientemente capaz de afetar, envolver pela afeição. Proliferam assim, grupos e pessoas que criam suas próprias formas que afetam; multiplicam-se os muros de Jericó e serem derrubados, as quaresmas de S. Miguel e outros momentos vividos em espaços que são alegóricos e não simbólicos, mas afetam.

No entanto, igreja como espaço de uma assembleia orante é aquela na qual não há nada além da liturgia como bem explica o autor Metzger (1990, p105-106) ao falar das basílicas:

As basílicas são os espaços de reunião da igreja, no sentido pleno do termo. De um lado a organização da decoração está ordenada e disposta para a assembleia, de forma que coloca todo valor nos polos da celebração litúrgica, ou seja, ao redor da abside que engloba o santuário, o arco triunfal que está sobre o santuário e o lugar da Palavra. D’outra parte os temas iconográficos que foram conservados correspondem ao significado fundamental das assembleias cristãs. Não se trata de cenas bíblicas particulares mas de conjuntos, cujo tom fundamental é a glória evocada no Apocalipse, que é uma recapitulação de toda Bíblia, a glória cósmica e escatológica: é o Cristo glorioso que reúne a sua Igreja e realiza a aliança e a comunhão com Deus, com o seu povo. Ora, estes são os temas fundamentais da liturgia cristã.

Tudo na igreja, segundo Metzger, Boyer Richter, deve concorrer para bem celebrar, integrar o rito e, portanto, participar na explicitação teológica da ação litúrgica. Podemos dizer que a iconografia, - e aqui iconografia está tomada em sentido amplo- deve aprofundar a experiência da *Epifania de Deus* ajudando o fiel a se comunicar com Ele sem, no entanto, confundir-se com Ele, pois se trata do Mistério. Não manipulamos Deus, com Ele se estabelece uma relação de gratuidade.

Guardini diz que a liturgia se baseia em três elementos: a Palavra, o objeto, a ação. E recorro a François Cassingena para entender melhor a afirmação de Guardini. Ele o faz analisando um ato ou rito litúrgico: *‘tomar o pão na mão e depois tomar o cálice’*. Tomar objetos, pão e cálice, *‘em suas santas e veneráveis mãos’*, gestualidade. Há os três elementos: *palavra, objeto, ação ritual*. Eis como o espaço altar, provido dos únicos elementos da ceia, prato com pão, e cálice com vinho acompanhados pela narrativa da ceia, palavras proferidas com a necessária ênfase, em consonância com do gesto *de tomar e mostrar* para a assembleia esses dons *‘eucaristizados, torna perceptível que aquele altar, ou Mesa do Senhor- como diz o Ritual de Dedicção- é lugar de comunhão, de partilha*.

O altar como símbolo de Cristo adquire a conotação de mesa da comunhão se, no ato belo e delicado de prepara-lo para a liturgia for provido de toalha branca, limpa, e sobre ele forem colocados os utensílios da ceia, cálice com vinho e a patena (prato) com pão. E como seria ou falaria muito mais este *‘símbolo de Cristo’* se a mesa de fato se tornasse mesa dos que *‘circundam o vosso altar!’* Se o pão e o vinho eucarísticos forem consagrados e distribuídos no altar! O altar que é mesa da comunhão, mesa da caridade, mesa onde se faz e manifesta a unidade da Igreja tornar-se-ia de verdade mesa sempre preparada, até que todos cheguem um dia àquela mesa do reino que nos está reservada.

O papa Bento XVI disse:

*“[...]a Comunhão eucarística arrebatá-nos do nosso individualismo, comunica-nos o Espírito de Cristo morto e ressuscitado, conforma-nos com Ele; une-nos intimamente aos irmãos naquele mistério de comunhão que é a Igreja, onde o único Pão, faz de muitos um só corpo (cf. 1 Cor 10, 17)”.*

A centralidade do altar demanda interação, deslocamentos, mover-se. O espaço assim configurado contribui para que sintamos e experimentemos com o corpo. O que se experimenta no corpo deixa suas marcas.

Quando a liturgia termina o altar continuará sendo a mesa santa da comunhão com Cristo e com os irmãos, se ele tiver acolhido a comunidade, tiver sido reverenciado por aquilo que é - não porque sua forma tem a figura de peixe, de barco, de boieira de caminhão, pipa de vinho- mas por quê, símbolo do dom maior de Cristo para a vida do mundo. Então, faz-se jus à rubrica da IGMR 296, que afirma a centralidade do altar para onde converge tudo, como também afirma Richter (1998, p 36).

*Nada deveria dispersar desse centro da vida da comunidade e da liturgia em geral: nenhum retábulo de santos, ainda que de muita devoção, e também nenhum objeto provocante e vistoso de arte moderna. O sinal de uma simples refeição de pão e vinho para o mistério extraordinário da ação salvífica de Cristo na sua comunidade deveria manifestar-se na mesa central, não em sinais secundários.*

Quando a comunidade além de participar ativa e conscientemente da liturgia vai sendo iniciada para os lugares *simbólicos maiores* do espaço, aos poucos vai mudando a matriz mental e encontrando no simbólico todo sentido que lhe é apresentado e clareado pelo rito, palavras, orações inerentes à celebração litúrgica. O Papa Francisco diz que “é um desafio exigente, porque o homem moderno perdeu a capacidade de se confrontar com o agir simbólico que é uma característica essencial do ato litúrgico. (DD 27). Sugiro que possam um dia participar do rito da dedicação de Igreja e do altar ou tomar o rito e vivenciá-lo em algum momento de Lectio. Irão encontrar nele a uma fonte onde é possível beber e compreender com o intelecto e o coração o sentido da igreja edifício e toda sua simbologia.

Da mesma maneira poderíamos analisar o ambão.

Como elemento arquitetônico, precisa de outros elementos para que seu simbolismo venha a luz: precisa do leitor, do livro, da procissão, do incenso, das velas. Há uma ação litúrgica que plenifica simbolicamente o lugar da proclamação. Quando matamos o lugar, a Palavra, os gestos? Quando um telão exhibe as leituras e os olhos de todos estão voltados para lá, procurando ler individualmente e deixando o leitor na posição constrangedora de ler para o nada. O leitor está lá emprestando a voz, o olhar, o corpo à ‘Palavra do Senhor, à Palavra de Salvação’ para que novamente, ela se faça carne nos ouvintes. Não adiantará dar formação para leitores, ter um ambão realmente digno – e aqui, ambão é aquele lugar alto, que não é um simples apoio para o livro, mas o lugar do anúncio do Cristo Vivo, ressuscitado-, se depois, a prática oferece as leituras no telão como palavra “desencarnada”, sem a escuta da voz e a entonação de quem a profere, do olhar, da mímica do corpo. Como o ambão continuará sendo o lugar onde o Cristo fala ao povo reunido se não ‘o escutam’, não olhamos para ele e preferimos ler individualmente, no telão ou no folheto, inclusive causando aquele ruído desagradável quando se muda a página?

Embora tenhamos consciência e saibamos que mesmo vazia uma igreja fala, ela só irá falar se a liturgia corresponder ao que é rezado, à participação na qual os corpos

vibram, não só através de palmas ou balanceados. O *ser vibra* quando tudo lhe mostra e lhe indica a possibilidade de transcender, ir além do que é o cotidiano maçante, que o aflige com voracidade todos os dias. Então a estética da igreja não será a estética denunciada por Gilles Lipovetsky na ‘estetização’ do mundo, e que Jean Baudrillard consegue mostrar como ela é totalizante nos dias de hoje; onde em tudo tem que haver apelo estético, elevado à máxima potência, lançando mão do mágico, da montagem, da cenografia, da sobre-exposição, de elementos e pessoas buscando e mostrando “modelos” – e não nas nossas igrejas personagens mediáticas. Tudo o que é exposto demasiadamente não impulsiona para a totalidade, o ir além, transfigurar a imanência conferindo-lhe sentido.

O Papa Francisco na DD (26-on-line) pede para que o homem volte a ser capaz de símbolos e tenha possibilidade de assombro:

*“O assombro é parte essencial do ato litúrgico, porque é uma atitude de quem sabe que se encontra perante a peculiaridade dos gestos simbólicos; é o enlevo de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em remeter para um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concreção aquilo que significa”.* (DD,26)

Ainda uma palavrinha sobre a fonte batismal. Quando a fonte jorra água de imediato, sem palavras, sem gestos somos capazes de sentir a vida pulsando. É muito mais difícil encontrar a criatura simbólica, a água, numa pequena bacia ou jarra, ou pior ainda, num frasco de spray. A abundância, o jorrar, o ruído da água caindo na fonte, esse sim, simbolicamente remete muito mais à vida, ao banho regenerador que é o batismo.

O Papa Francisco na (DD 23, on-line) pede para que se evite “*subtrair à assembleia aquilo que lhe é devido, isto é, o mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece*”. A Igreja estabelece que se possa batizar em água que jorra, ou na modalidade de imersão que segundo o Ritual do Batismo é a modalidade que expressa com maior ênfase o sentido do batismo: morrer e ressuscitar com Cristo, ser incorporado no seu mistério de Morte e Vida.

Todos os gestos são simbólicos: o desnudamento, a unção o submergir e emergir acompanhados das orações conectam os fiéis, inebriam de gozo celeste e fazem viver o assombro,

*“como parte essencial do ato litúrgico, porque é uma atitude de quem sabe que se encontra perante a peculiaridade dos gestos simbólicos; é o enlevo de quem experimenta a força do símbolo, que não consiste em remeter para um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concreção aquilo que significa”.* (DD, 26)

Bento XVI, numa audiência geral (2015, 22 setembro, on-line) disse;

*“Tende por centro da vossa vida de oração a liturgia, que vos une ao Mistério de Cristo e ao Seu diálogo com o Pai, procurando que concordem as palavras de vossos lábios com os sentimentos do coração”.* Uma sugestão: Se nos momentos de oração pudéssemos rezar com os textos da liturgia, orações, prefácio, preces eucarísticas aos poucos iríamos descobrir que não há um caminho melhor que esse. Por sua vez iríamos querer um espaço correspondente ao que rezamos, correspondente ao simbolismo implícito na liturgia, sem muitas sancas, frisos, cruzes no forro ou pinturas stencil nas paredes para ‘ficar bonito’. A oração nasce de uma espiritualidade litúrgica que o espaço pode fomentar ou então desviar,

A respeito dessa espiritualidade diz Marc Augè (1992, p 302):

A espiritualidade litúrgica é uma atitude permanente ou um estilo de vida cristã baseado na assimilação e na identificação com Cristo, produzida pelo batismo e pela

confirmação e nutrida continuamente pela participação da eucaristia, pelos sacramentos em geral e pela oração da Igreja; tudo, no âmbito fundamental do ano litúrgico segundo o ritmo e os ciclos que lhe são próprios. Notemos que esta espiritualidade não deve ser colocada em oposição ou concorrência com outras espiritualidades, mas como um substrato comum de toda e qualquer espiritualidade cristã assim como isso vem expresso pela Igreja na sua liturgia.

Não teremos espaços eloquentes se não houver uma arte, uma arquitetura e uma liturgia eloquentes. Só teremos arte e arquitetura eloquentes se tiverem aderência ao rito, ao simbólico ao funcional da ação litúrgica, com a participação de todos, como dizia Lercaro (1996, p 26)

Não quereríamos, não deveríamos repetir o erro já cometido por gerações passadas, quando, em relação ao edifício igreja, colocaram-se problemas de estilo e ritmo e não se percebeu que a linguagem arquitetônica estava desaparecendo gradualmente, perdendo de vista a verdadeira dimensão da participação da família de Deus.

O excesso de preocupação com a linguagem arquitetônica que presenciamos e que hoje em dia se traduz na ressurreição de estilos do passado, (néos dos néos), de altar mor, como pretexto para colocar novamente os santos no centro, faz-nos esquecer que devemos buscar a essência do espaço, que por sua vez deve promover a participação ativa e frutuosa da assembleia na celebração da eucaristia e demais sacramentos. Não se excluem as devoções, mas elas não ocupam a centralidade. Hameline, (2017, p 116) diz:

No espaço do edifício Igreja o lugar das devoções introduz um elemento diverso que, obviamente precisa manter felizmente proporcionado e suficientemente ordenado na distribuição do espaço geral, e do mais alto serviço eucarístico, mas que por si mesmo manifesta também os aspectos maravilhosamente transversais à filantropia divina e da comunhão dos santos.

Os espaços de oração admitem a presença e a figura dos santos sim, mas como diz a IGMR 318, do Missal na devida ordem. A devida ordem é aquela que coloca o Cristo, a Trindade no centro e depois as testemunhas Dele.

Mesmo que nos venham faltar os códigos simbólicos, por termos que nos submeter a liturgias depauperadas, a uma iniciação deficitária, ainda assim, o espaço celebrativo deve revelar aquela Beleza que nos faz rezar, glorificar Deus, sem ostentar e sem ter que imitar o passado.

## BIBLIOGRAFIA

AUGÈ, Marc. *Liturgia*. Milano, Edizioni San Paolo, 1992, p 302.

BENTO XVI- Celebração eucarística na conclusão do XXV Congresso Eucarístico Nacional Italiano. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20110911\\_ancona.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110911_ancona.html)

LERCARO, Giacomo. *La chiesa nella città*, Cinisello Balsamo, Edizioni San Paolo, 1996

MASSIMI Elena. *Liturgia e spiritualità: una storia d' incontri mancati?* Disponível em: [https://www.academia.edu/43207092/Liturgia\\_e\\_spiritualit%C3%A0\\_una\\_storia\\_di\\_incontri\\_mancati](https://www.academia.edu/43207092/Liturgia_e_spiritualit%C3%A0_una_storia_di_incontri_mancati) . Acesso em: 14 ag 2025.

MISSAL ROMANO. Reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S. S. o Papa Paulo VI e revisto po S. S. o Papa João Paulo II: tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: CNBB, 2023.

HAMELINE, Jean -Yves. *Poetica delle Arti Sacre*. Bose (Magano) Edizioni Qiqajon, 2017.

LIPOVETSKI, Gilles. *Piacere e colpire. La società della seduzione*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 219.

PAPA FRANCISCO. Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022.

RATZINGER, Joseph. Introduzione allo Spirito della Liturgia. In: "Arte sacra- Arte religiosa" da Papa Paolo VI a Papa Benedetto XVI. Arq. Angelo la Notte 13 agosto 2013. Disponível em: <http://www.scuolaecclesiamater.org/2013/08/arte-sacra-arte-religiosa-da-papa-paolo.html>

METZGER, W. *Psychologie*. Die Entwicklung ihrer Grundannahmen seit der Einführung des Experiments. Darmstadt: Steinkopff, 1968.

RICHTER, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*. Coimbra: Gráfica de Coimbra2, 1998.

RICHTER, Klemens. *Vivere lo spazio? Riflessione critica sul rapporto tra liturgia e luoghi sacri*. Bologna, 2002. Disponível em: [https://books.fbk.eu/media/pubblicazioni/allegati/Richter\\_1.pdf](https://books.fbk.eu/media/pubblicazioni/allegati/Richter_1.pdf). Acesso em 1 Ag 2024.

PLAZAOLA, Juan. *La Iglesia y el Arte*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

## 36ª Semana de liturgia - 2024

### Belo Horizonte - MG

#### Orientação do espaço litúrgico – o ‘eu’ e o ‘nós’ no espaço

**Kátia Sabiany Pezzin**

**Arquiteta e urbanista**

#### **1. Um passeio pela história dos lugares de oração dos primeiros cristãos.**

Os primeiros cristãos oravam no templo e frequentavam a sinagoga como era de costume do

povo hebreu. Todavia escolheram a casa como lugar de reunião e o gesto da ceia e o partir o pão tornara-se o rito institutivo da identidade deles.(ZANCHI. 2022, p.11).

A igreja, templo de pedras, como herança judaica, baseava-se em uma grande sala no pavimento superior das casas, onde acontecia a liturgia doméstica, em especial, a ceia pascal. (MARTÍN. 2022, p. 258)

Em Dura Europos , na Síria, encontram-se as ruínas de uma das casas mais antigas. Nas ruínas, foram identificados os ambientes da ceia, catequese e batismo onde os primeiros cristãos se reuniam antes da vitória social do cristianismo, no ano 313 com o Edito de Milão. Sendo assim, a assembleia litúrgica cristã tem origem nas casas. Eles se reuniam em nome do Senhor que se faz vivo. A assembleia se torna o “segundo corpo humano” de Cristo.

As imagens aqui nesse tempo eram sempre mistagógicas e não estavam preocupadas em retratar o real, a linguagem era simbólica como visto na imagem do Bom Pastor.

Por exemplo, a Basílica de Santa Sabina foi primeiramente a casa de Sabina, onde os cristãos se reuniam antes e depois do ano 326, quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano.

Inicialmente as casas eram adaptadas, mas posteriormente foram construídas e projetadas para a vida comunitária e oração litúrgica.

Eram concebidas para não se diferenciar das outras edificações, já que eles precisavam se esconder da perseguição romana.

Os ambientes internos eram numerosos para os serviços da comunidade e o espaço principal era a sala da eucaristia onde cabiam aproximadamente 100 pessoas.

Posteriormente com o crescimento do cristianismo e a paz Constantiniana, precisaram escolher as Basílicas, edifício civil como edificação funcional para acolher um maior número de pessoas. (ZANCHI. 2022, p.12-13).

## **Herança bizantina**

A arquitetura das igrejas é marcada pela abóbada celeste e embaixo dela a liturgia da terra que recorda a liturgia do céu. A arquitetura assumiu características mais simbólicas e teológicas para que os fiéis fossem introduzidos em um mundo espiritual. (MARTÍN. 2022, p. 258)

O altar normalmente era quadrado e embaixo de um cibório de pedra. A memória simbólica desse elemento escultórico é provavelmente a tenda do encontro, onde a presença do Senhor se fazia viva entre o povo (ZANCHI. 2022, p.16).

## **Arte Românica**

Marca a expressão da majestade da arquitetura e a sua serenidade.

## **Arte gótica**

Destaca a ousadia e esbeltez na volumetria e formas. Os vitrais contam as histórias da sagrada escritura, enquanto as abóbadas nervuradas e as altas colunas chamam atenção dos fiéis pela sua monumentalidade. A arquitetura monumental acaba distraindo os fiéis.

Na liturgia da época, a assembleia ficava dispersa pelas capelas e a mesma era assistida. (MARTÍN. 2022, p.259)

## **Arte barroca**

Tempo do Concílio de Trento com a construção de retábulos, abundância de formas que estimulavam a emoção religiosa e teatralidade. Excesso de colunas com capitéis super elaborados, anjinhos, muitos ornatos e douramentos nos detalhes.

A liturgia era para impressionar o povo, mas faltava unidade do espaço celebrativo que era carregado de imagens dos santos. (MARTÍN.2022, p.259)

A igreja foi construída não tanto para o altar, mas para o tabernáculo. (ZANCHI.2022, p.27).

Não havia participação, o povo assistia sem entender nada. Época da reza dos terços enquanto o padre celebrava sozinho.

## **Movimento litúrgico - 1909**

O pensamento era “a pregação a partir do altar”, pretendia-se não só a maior proximidade do púlpito do altar, mas que o cerne da pregação se fundamenta-se na Bíblia. Era a busca pela centralidade do altar.

Um projeto de arquitetura desse tempo devia ter como prioridade as necessidades essenciais e basilares da vida humana. Não poderia perder-se no caminho com ornamentos desnecessários. Era o nascimento do movimento moderno na Europa e a arquitetura baseava-se nos critérios da ciência, no rigor da função. Consideravam inútil a decoração.

Aproximação entre arte moderna, como por exemplo entre o arquiteto Rudolf Schwarz e o teólogo Romano Guardini, para projetar modelos adequados ao pensamento daquela época.(ZANCHI. 2022, p.30).

## **Concílio Vaticano II**

Que as igrejas novas ou adaptações facilitem a participação ativa dos fiéis e que todos se sintam integrados na ação litúrgica, a vivência do mistério, o recolhimento e a comunicação.

(MARTÍN.2022, p. 260)

### **2. Qual a diferença entre o templo pagão na antiguidade e o templo cristão?**

Os antigos templos pagãos eram lugares pequenos que admitiam imagens de um ou mais ídolos ( ex. templos greco romanos), para uma oração subjetiva e individual.

O espaço sagrado cristão ao contrário, é pensado para uma grande reunião em comunhão, de encontros e juntos o povo de Deus, Corpo místico de Cristo celebram os mistérios da paixão, morte, ressurreição e ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sendo assim, o espaço celebrativo deve ser apropriado e acolhedor primeiramente para a celebração do mistério pascal.(PASTRO. 2008, p.66)

### **3. Como deve ser o templo Cristão?**

O espaço do mistério é um lugar de oração objetiva: lugar de união fraternal, onde se fala uma só língua, uma só comunidade em comunhão. (PASTRO. 2008, p.66)

O espaço do mistério é o lugar da presença do Invisível e podemos chamá-lo de casa da Igreja pois não é uma casa qualquer é uma casa de oração e celebração, onde os cristãos se reúnem para celebrar o Deus de suas vidas.

É aqui a união da Igreja celeste com a Igreja terrestre, onde prestamos culto a Deus e celebramos a LITURGIA

LITURGIA: “É o culto perfeito que o Cristo total, cabeça e membros , presta ao Pai, no Espírito Santo, por meio dos ritos e das preces”.

Ritos: arquitetura, música, arte e dança.

Preces: é a celebração da salvação.

Tudo que fazemos é para a glória de Deus.

São vários momentos da liturgia que proclamamos a presença de Deus no meio de nós, e as nossas orações são sempre dirigidas ao Pai:

O Senhor esteja convosco: “Ele está no meio de nós”;

Corações ao alto: “O nosso coração está em Deus”;

Demos graças ao Senhor, nosso Deus: “É nosso dever e nossa salvação”;

E o espaço deve ser um reflexo dessa comunhão e dessa unidade fraternal.

É importante para nós, que vamos celebrar o mistério pascal de Cristo, sua paixão, morte e ressurreição, que fique evidente sua presença real na sua Igreja.

### **4. Quem é a Igreja de Cristo?**

*Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz no qual Cristo foi imolado é a nossa Páscoa(1Cor5,7), atua-se a obra da nossa redenção. O sacramento do pão eucarístico representa e realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo( cf.1 Cor 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos.(LUMEN GENTIUM. 2011, p.7-8)*

Devagar vamos perceber que os documentos vão nos dando a orientação e direcionamento para esse lugar, espaço do “nós, assembleia litúrgica”, onde há um centro e o “nós” direcionado para ele.

A Sacrosanctum Concilium nº07, nos fala da presença de Cristo:

*[...]Cristo está presente em sua igreja, e especialmente nas ações litúrgicas...presente no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro[...] sobretudo nas espécies eucarísticas... está presente pela sua virtude nos sacramentos, quando alguém batiza é o próprio Cristo que batiza.*

*Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lêem as Sagradas Escrituras. Está presente[...]quando a igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “Onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20) (SC07)*

É Cristo que proclama no ambão.

Nós, a Igreja, somos corpo místico de Cristo.

É bom lembrar que quando falamos em assembleia reunida não é qualquer grupo de pessoas, é uma assembleia litúrgica.

Povo convocado por Deus, é Corpo eclesial, sinal sagrado, Esposa de Cristo, Templo do Espírito Santo e verdadeira epifania da Igreja.

Quando dizemos, “Ele está no meio de nós”, estamos afirmando a sua promessa: “Onde se acharem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20)

(CNBB 108. 2019, p. 65)

##### **5. Através de qual rito nos tornamos Cristo?**

*Pelo batismo configuramo-nos com Cristo “porque num mesmo espírito fomos batizados todos nós, para sermos um só corpo”(1Cor 12,13). Este rito sagrado significa e efetua a nossa união à morte e ressurreição de Cristo: “Pelo batismo fomos sepultados com ele na morte; e se nele fomos enxertados por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos também pela sua ressurreição”(Rm 6,4-5). Nós, participando realmente do corpo do senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com ele e entre nós. (LUMEN GENTIUM. 2011, p.11-12)*

A partir do batismo participamos da natureza de Deus.

O documento nos dá a luz para o espaço de comunhão, o espaço corpo de Cristo.

Como seria o espaço para essa comunhão onde a eucaristia nos faz membros desse corpo? Um só pão, um só corpo em Cristo Jesus. Na missa, na Oração eucarística III e nas súplicas, nós falamos: “Fazei de nós um só corpo e um só espírito!”

## **6. Orientações do Concílio Vaticano II.**

O Concílio Vaticano II nos lembra que as ações litúrgicas não são pessoais, devem expressar unidade e comunhão, já que formamos o Corpo da Igreja, que é o Corpo de Cristo.

O Concílio quis que os fiéis não estivessem presentes na liturgia como “estranhos ou espectadores mudos”, mas como aqueles que participam ativamente e de forma consciente. Uma verdadeira participação ativa, consciente, plena e frutuosa.

Participação: relação, comunicação, identificação e união.

É fundamental também a organização, a santidade e a dignidade do templo para permitir essa participação. A limpeza do lugar, a higiene do espaço e a ornamentação sóbria para não tirar a centralidade da palavra e da eucaristia no altar. Tudo importa! (MARTÍN.2022, p.182 - 184)

O sujeito orante é sempre o “nós” eclesial, a Igreja associada a Cristo, que dialoga com o seu Senhor e invoca o Pai.

Assim as orações litúrgicas são sempre no plural: bendizemos, rogamos, damos graças, proclamamos etc. (MARTÍN. 2022, p.178).

Em consequência o espaço litúrgico precisa ser uma forma que reflita esse “nós” de união e comunhão eclesial onde a centralidade é o Cristo e sempre será.

É por causa da assembleia, “o nós”, que o altar é o centro do espaço litúrgico e a eucaristia, fonte e ápice da vida do cristão.

E o ambão deve estar em lugar visível e elevado (CNBB 108. p. 67)

A Dei Verbum 21 nos fala: Nos alimentamos, “sobretudo na Sagrada Liturgia”[...] “do pão da vida à mesa, quer da Palavra de Deus, quer do corpo de Cristo”[...]”nos Livros sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos a conversar com eles”, e é aqui, no ambão, um dos lugares que Cristo se faz presente na sua Igreja, “a palavra de Deus é viva e eficaz”, por isso esse lugar deve ser belo e simbólico. (DEI VERBUM. 2011, p.33)

Portanto, uma liturgia verdadeiramente bela contribui para penetrar nessa linguagem particular da fé, feita de símbolos e evocação do mistério celebrado. (ASSEMBLEIA. 2007, p. 46)

Lembrando que a liturgia é uma ação divina e que não está subordinada ao ambiente.(ASSEMBLEIA. 2007, p.67) Ao contrário, a arquitetura litúrgica e o espaço devem ser orientados para a liturgia, eles estão a serviço da mesma. A arte e arquitetura sacra têm o poder e o dever de comunicar, evangelizar, catequizar, de ultrapassar barreiras, preconceitos e unir os corações de homens e mulheres de todas as culturas e religiões. Ela acolhe a universalidade da mensagem de Cristo e seu Evangelho.

Quando essa arte sacra, é verdadeiramente inspirada pela fé e é ofertada ao público, como função litúrgica, revela-se como uma via, um caminho de diálogo, oração e encontro com o invisível. O invisível se faz presente na liturgia e na arte litúrgica.(ASSEMBLEIA. 2007, p.43) Porque a arte e a arquitetura são formas de expressar a liturgia

*A Igreja não é exclusiva[...] a nenhuma raça ou nação[...] a nenhuma tradição, antiga ou moderna...consciente da sua missão universal, é capaz de entrar em comunicação com as diversas formas de cultura. A Igreja do Vaticano II afirma que salvaguardados a ordem moral e o bem comum , o homem possa investigar livremente a verdade, expor e divulgar a sua opinião e dedicar-se a qualquer arte.(GAUDIUM ET SPES, 2000, p.24)*

### **7. A arquitetura e a arte sacra nascem da beleza da liturgia.**

“A liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja, ao mesmo tempo a fonte de onde emana toda a sua força”. (SC10)

Finalidades da Sagrada liturgia ou suas duas dimensões: “A santificação dos homens e a glorificação de Deus”. (SC07). A arquitetura e a arte tem que ter como princípio na sua criação essa dimensão litúrgica.

### **8. O que celebramos e quem celebra?**

A missa constitui sempre o centro da liturgia, porque é ela que contém o Mistério redentor em sua própria fonte, a Paixão e a ressurreição do Senhor. (CASEL. 2009, p.92)

Para concluirmos nossa reflexão, o espaço deve ser mistagógico, ele nasce da liturgia e todo o programa iconográfico é definido a partir do rito que é celebrado. Tudo deve ser convergido para o centro de toda a ação litúrgica e nada na arquitetura do espaço deve impedir distrações da assembleia, pois o centro é o mistério que é celebrado e a arte sacra torna-se uma aliada para tornar o ambiente mais acolhedor e orante, onde os fiéis sintam-se acolhidos pelo Deus trino.

O espaço cristão tem o sentido e a função de nos conduzir à conversão e à oração. Ele deve comunicar-nos e mostrar-nos através das obras arte sacra e de sua beleza nobre, simples e verdadeira, o quanto vale a pena sermos cristãos.

O Papa Francisco fala aos padres Teatinos em uma visita deles ao Vaticano:

*O edifício é um símbolo, a realidade somos nós.[...]essa Basílica é bonita[...] Mas olhemos uns para os outros e nos lembremos de que o edifício em que estamos é um símbolo: a realidade somos nós. Quinhentos anos atrás, seus fundadores não consagraram suas vidas a um canteiro de obras de tijolos e mármore, mas de pedras vivas, à Igreja com “I” maiúsculo, a esposa de Cristo, o povo de Deus e o corpo místico do Senhor”. (VATICAN NEWS, artigo 1)*

Em outro momento, Papa Francisco cita a *Desiderio Desideravi*:

Que os ensinamentos do Concílio Vaticano II inspirem a arquitetura sacra.

*Sabemos bem a importância do ambiente celebrativo para favorecer a oração e o sentido de comunhão: o espaço, a luz, a acústica, as cores, as imagens, os símbolos, o mobiliário litúrgico constituem elementos fundamentais daquela realidade, daquele evento, humano e divino ao mesmo tempo, que é a liturgia.*

e o Papa continua sua fala, “E a liturgia deve inspirar a criatividade artística e arquitetônica”:

*É essencial reencontrar a linguagem simbólica e ser capaz de compreendê-la: A perda da capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de cada criatura torna a linguagem simbólica da Liturgia quase inacessível ao homem moderno. Mas não se trata de renunciar a esta linguagem: não é possível abandoná-la porque é o que a Santíssima Trindade escolheu para chegar até nós na carne do Verbo. Trata-se antes de recuperar a capacidade de situar e compreender os símbolos da liturgia”, sublinha o Papa.(VATICAN NEWS, artigo 2)*

Assim, a arquitetura e a arte litúrgica estão a serviço da linguagem simbólica da liturgia e precisam fazer-se comunicar e revelar o mistério pascal que ali celebramos.

## **9. Referências Bibliográficas**

ASSEMBLEIA Plenária dos Bispos, Cidade do Vaticano, 2006. *Via Pulchritudinis, O caminho da Beleza*. Tradução Cláudio Pastro. 1.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CASEL, Dom Odo. *O Mistério do Culto no Cristianismo*.2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

CONSTITUIÇÃO *Dei Verbum*. Constituição dogmática sobre a revelação divina. 19. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

CONSTITUIÇÃO *Gaudium Et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. 23. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*. Texto e comentários Alberto Beckhäuser. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

DOCUMENTO CNBB 108, Ministério e celebração da palavra.1.ed. Brasília: CNBB, 2019.

MARTÍN, Julián López. *A Liturgia da Igreja*.1.ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

PASTRO, Cláudio. *O Deus da Beleza*. 1.ed. São Paulo:Paulinas, 2008.

ZANCHI, Giuliano. *La forma della Chiesa*.1.ed. Magnano: Edizione Qiqajon; Comunità di Bose, 2022.

VATICAN NEWS, artigo 1:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/francisco-aos-teatinos-somos-pedras-vivas-da-igreja-14-09-24.html>

VATICAN NEWS, artigo 2:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-03/papa-academias-pontificias-premio-arquitetura-sacra-liturgia.html>

<b>17/10/2024 - 1.ª Conferência</b> Missal Romano: oração depois da comunhão	Dom Jeronimo Pereira
---	----------------------

**TEXTO NÃO ENVIADO PELO ASSESSOR**

<b>17/10/2024 - 2.ª Conferência</b> Liturgia das Horas e Ofício Divino das Comunidades: O ritmo diário que irriga a jornada	Arnaldo Temochko
--	------------------

**36.ª SEMANA DE LITURGIA**  
**LITURGIA, ORAÇÃO DA IGREJA**

**ORAÇÃO LITÚRGICA E VIDA CRISTÃ**

**LITURGIA DAS HORAS E OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES:**  
**O RITMO DIÁRIO QUE IRRIGA A JORNADA**

*Arnaldo Antonio de Souza Temochko<sup>25</sup>*

**1 - Introdução**

O Ofício Divino, celebrado com a devida dignidade pela comunidade é verdadeira oração da Igreja. Essa prática se destaca como uma contribuição singular para a vida espiritual como um todo, sendo um elemento essencial que enriquece a liturgia e a torna uma fonte genuína de espiritualidade cristã. Conforme aponta Reynal (1981, p. 224), “a liturgia não se propõe a ser um curso de teologia dogmática, mas, mantendo sua identidade própria, exerce uma função catequética incomparável”. Assim, o Ofício Divino se revela como uma verdadeira escola de oração cristã, que também se traduz como uma escola de vida cristã.

**2 - Ofício Divino, escola de oração**

O Ofício Divino, parte da estrutura litúrgica da Igreja, é o autêntico ambiente no qual os fiéis aprimoram seu relacionamento com o Pai por meio da oração. Neste espaço sagrado, os cristãos podem aprender tanto o significado quanto a maneira correta de orar conforme a tradição cristã. Em relação ao conteúdo, é fundamental

---

<sup>25</sup> Doutor, Mestre e Bacharel em Teologia pela PUCPR. Especialista em Música Ritual (FACCAMP) e Liturgia (UNISAL/CLDCI). Membro do Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard e da Rede Celebra.

destacar a importância daquele a quem dirigimos nossas preces. Para Reynal (1981, p. 271),

esta oração de toda a Igreja é dirigida ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, pelo Filho e no Espírito. O movimento geral da liturgia das horas, assim como o de qualquer oração cristã, é teocêntrico, quer dizer, voltado para o Pai, mesmo que o lugar consagrado à mediação de Cristo seja aí muito mais importante do que no esquema da oração eucarística. O homem religioso que reconhece Deus como criador e providencial confessa sua soberania e não deixa de dirigir-lhe suas orações. [...] Jesus ensinou-nos a chamar de Pai a Deus Criador e é a ele que se dirigem a adoração e o louvor.

Na escola de oração do Ofício Divino, a primeira lição ensinada é a importância de direcionar a oração de Cristo e da Igreja ao Pai. Embora pareça uma verdade óbvia, em um cenário religioso onde o devocionismo está em alta, essa lição do Ofício Divino se torna extremamente relevante. Apesar de alguns hinos serem direcionados a Cristo, a Maria e aos Santos, a centralidade da oração como louvor e súplica é sempre o Pai.

No Ofício Divino, além da importância do conteúdo das orações, também podemos aprender sobre o ato de orar em si. O que pedimos, a quem agradecemos, por quem intercedemos — tudo isso é crucial na prática da oração. Os salmos, cânticos e leituras presentes no Ofício Divino são fundamentais nesse aspecto, sendo considerados uma verdadeira escola de oração para os cristãos ao longo dos séculos. A tradição nos ensina que os salmos ocupam um lugar central nessa prática, ensinando-nos a comunicar com Deus de forma profunda e significativa. De acordo com Bianchi (2013, p. 94),

o salmista, por exemplo, apresenta a Deus a sua condição de doença, de tentação, de pecado moral, de perseguição injusta, pedindo-Lhe que estenda sobre estas situações precisas Seu braço poderoso... A oração dos salmos, tão abundante em pedidos de saúde, cura e vida plena (*shalom*), educa o cristão a falar com Deus partindo do reconhecimento de sua condição de criatura e das necessidades a ele ligadas; mas leva-o também, precisamente porque ele sabe que o que “está escrito” nos salmos se realizou em Jesus Cristo, e a reconhecer que “em Jesus Cristo todos os seus pedidos serão ouvidos”.

De fato, os salmos são uma escola de oração sob vários pontos de vista. Desses vários aqui serão apresentados brevemente apenas dois. O primeiro é este enraizamento da oração na vida cotidiana. A matéria prima de um salmo é sempre a história pessoal e comunitária colocada diante de Deus. Os salmos rezam a partir dos sentimentos humanos sem lançar sobre eles um juízo de valor. Ensinam a

apresentar-se diante de Deus a partir daquilo que se é em essência, sem véus. Contudo, essa apresentação se mistura com a ação de Deus na vida e deságua num louvor, numa súplica, numa prece de confiança etc. (IGLH 18-19).

Uma segunda lição aprendida na oração dos salmos é a conformação da vida ao conteúdo da oração. Se por um lado os salmos são a oração que brota da vida, por outro a vida precisa também se conformar a eles. Vários padres da Igreja e a IGLH (108) tratou da dificuldade que existe por vezes entre os sentimentos do salmista e os do orante. Vale recordar a sabedoria de Dom Helder Câmara que de forma simples iluminou esse percalço: "Quando houver contraste entre a tua alegria e um céu cinzento, ou entre a tua tristeza e um céu em festa, bendiz o desencontro, que é um aviso divino de que o mundo não começa nem acaba em ti"<sup>26</sup>. A oração dos salmos tem a força de educar os cristãos a não orarem de forma individualista e subjetivista centrando sua oração apenas em suas próprias dificuldades e alegrias, mas a orar tendo presente a realidade do mundo no qual ele está inserido. Além disso, ajudam a superar a ideia de que orar é apenas apresentar pedidos a Deus, aumentando a consciência de que orar é colocar-se na presença de Deus discernindo também aquilo que Deus pede ao orante. Para Matos (2013, p. 48),

o saltério é uma escola onde aprendemos a rezar. Toda e qualquer situação da existência encontra lugar nos salmos. De fato, temos aqui uma oração que brota da própria vida de forma realista, forte e vibrante. Assim os salmos são sempre novos e atuais pelo fato de expressarem o que é profundamente humano. Não distanciam o orante da vida, mas trazem a vida para dentro da oração e a oração para dentro da vida.

Além do conteúdo, conforme dito anteriormente, o Ofício Divino é também uma escola que ensina o "como" rezar ao Senhor, ou seja, auxilia os cristãos na dimensão metodológica da oração. A estrutura ritual garante uma forma dialogal. É um modo de rezar que garante a palavra ao orante, mas também a Deus, ambos encontram espaço para se expressar, há uma comunicação, uma sinergia divino-humana.<sup>27</sup> Essa estrutura, como parte da comunicação orante que acontece no diálogo entre Deus e o ser humano, garante o silêncio como condição primordial a fim de que esse diálogo aconteça de forma eficaz. A oração realizada em determinadas horas do dia também auxilia os cristãos a melhor compreenderem a oração não como momento isolado, mas como parte constitutiva da própria vida.

---

<sup>26</sup> Esta frase é atribuída a Dom Helder e encontra-se espalhada por diversos lugares. Para esta pesquisa a referência é: SARAIVA, Geovane. 103 anos de nascimento de Dom Helder Câmara. Disponível em: <http://www.revistamissoes.org.br/2012/02/103-anos-de-nascimento-de-dom-helder-camara> Acesso em 10/set/2018.

<sup>27</sup> Esta ideia da sinergia divino-humana que ocorre na liturgia é explorada por José Ariovaldo da Silva no artigo Comunicação litúrgica: ação sinergeticamente divino-humana. Disponível em: <http://www.vidapastoral.com.br/ano/2012/comunicacao-liturgica-acao-sinergeticamente-divino-humana> Acesso em 05/maio/2018.

O Ofício Divino não exclui a oração privada de cada fiel, mas torna-se um parâmetro, um modelo de “como” e “o que” se deve orar quando a oração acontece de forma individual. Para Augé (2013, p. 288), “[...] a oração das horas não exclui outras formas de oração; é, porém, a norma ou o critério de qualquer oração cristã autêntica, porque é uma oração eminentemente bíblica, objetiva e tradicional”.

### 3 - Ofício Divino, fonte de espiritualidade cristã

Ao passo que o Ofício Divino se torna uma escola de oração, ela também se constitui uma escola de vida cristã. Não se trata apenas de uma oração realizada dentro de um determinado padrão de qualidade teológico-litúrgica, mas que a celebração dos sagrados mistérios se transforme de fato num culto existencial (Cf. 1Pd 2,5), “em espírito e verdade” (Cf. Jo 4,24). Fomentar a vida cristã foi, aliás, o objetivo da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II (Cf. SC 1). O Ofício Divino certamente é um caminho seguro que pode contribuir substancialmente com a espiritualidade cristã, à medida que encurta a distância entre o que se reza e o que se vive. De acordo com Brault (1990, p. 45)

podemos criticar a imperfeição dos sentimentos que encontramos nos salmos, podemos nos escandalizar com os gritos que neles se aproximam da blasfêmia e com os gritos de vingança, mas Jesus os rezou por nós, por nossa causa. [...] Aqueles, que por causa do próprio batismo receberam a missão de prosseguir a caminhada com o Cristo, são chamados, depois dele com ele, a beber da taça da fraqueza humana – reconhecendo-a como sua primeiramente – para que um dia ela seja transfigurada.

Rezando os salmos pode ocorrer um descompasso entre o que se vive pessoalmente e o que se reza, os cristãos têm nisso uma bela oportunidade de educar seus próprios afetos solidarizando-se com as dores e as alegrias do mundo inteiro (cf. GS 1), o que pode se caracterizar como um primeiro passo em direção a atitudes concretas em favor de outrem. Fazer da vida um louvor que agrada a Deus é traduzir em gestos concretos o conteúdo da oração, pois caso contrário incorre-se no risco de celebrarmos liturgias que não agradam a Deus (Cf. Am 5,21-23).

O Ofício Divino celebrado na comunidade cristã, acontecendo na vida do povo como verdadeira oração da Igreja pode contribuir significativamente para tirar as pessoas do individualismo sem tirar sua individualidade. Conforme Guardini (2017, p. 36)

o indivíduo tem de abandonar o mundo habitual de ideias e sentimentos em que vive, e fazer seu um mundo novo de

pensamentos infinitamente mais amplo e mais rico; tem de romper e ultrapassar o círculo dos pequenos interesses próprios, das pequenas utilidades particulares e pessoais para se unir em espírito à grande família litúrgica e aceitar e sentir como próprios os seus interesses e as suas finalidades.

O Ofício Divino, enquanto oração da Igreja, guarda o dado objetivo da fé, sem, entretanto, excluir a subjetividade daquele(a) que dela participa. Evidente que ele não anula o ser humano com suas angústias, esperanças e alegrias pessoais, ao contrário, as acolhe e as contempla, dá voz e sentido. No entanto a oração comunitária do Ofício alarga a visão e amplia os horizontes da fé fazendo com que o cristão seja mais fiel à sua vocação batismal. Celebrando o Ofício, a comunidade dos cristãos vai progressivamente crescendo no relacionamento com Deus e com os irmãos.

#### **4 - Considerações Finais**

O Ofício Divino, parte da espinha dorsal litúrgica da Igreja, no ritmo diário irriga a jornada cristã porque marca a vida no seu cotidiano, naquilo que é mais corriqueiro e ao mesmo tempo mais esplendoroso: adormecer e acordar cada dia, trabalhar, lutar, se alegrar, se encher de esperança etc. Na celebração do Ofício, sobretudo no canto dos salmos, encontra-se a ressonância de tudo o que acontece na vida humana, e cada ato é ressignificado à luz do mistério pascal do Senhor.

O Ofício tira o cristão do seu subjetivismo (que é muito comum nas práticas devocionistas). Põe na boca da comunidade uma prece e um louvor pelas dores e alegrias do mundo inteiro. Pelo Filho, no Espírito, a boca da Igreja eleva ao Pai um sacrifício de louvor, o que lhe é próprio pela sua condição sacerdotal emanada do Batismo. Essa prática pode levar a comunidade a ser mais solidária com os que sofrem e mais comprometida com os valores evangélicos.

A ritualidade do Ofício garante que toda a oração seja plenamente envolvida pela linguagem simbólica. O espaço sagrado, a música, os ministérios, a poesia, as cores e os cheiros entram pelos cinco sentidos levando a comunidade celebrante ao grande Sentido. O movimento harmonioso de fala e silêncio, canto e meditação, posições e gestos garantem que a oração passe necessariamente pelo corpo levando à plenitude da inteireza do ser superando um certo tipo de oração puramente racionalista.

Qual chuva mansa que caindo serena sobre os campos, irriga a terra e enche os rios, o Ofício enche de vida a vida cristã impregnando a Igreja dos “mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus”. (Fil 2,5)

## 5 - Referências

AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade**. Tradução Comercindo B. Dalla Costa. 4 ed. São Paulo: Ave Maria, 2013.

BIANCHI, Enzo. **Porque rezar, como rezar**. Tradução Adérito Lourenço Louro. São Paulo: Paulus, 2010.

BRAULT, Isabelle-Marie. **Descobrir a liturgia das horas**. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1990. (Coleção Liturgia e Teologia)

GUARDINI, Romano. **O espírito da liturgia**. Fátima-Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017. 2.<sup>a</sup> edição.

**INSTRUÇÃO Geral sobre a Liturgia das Horas**. Comentários de José Aldazábal. Tradução Ricardo Souza de Carvalho. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção comentários)

MATOS, Henrique Cristiano José. **Liturgia das Horas: oração do povo de Deus**. Belo Horizonte: O Lutador, 2013.

REYNAL, Daniel de. **Teologia da Liturgia das Horas**. Tradução Maria Ruth Alves e Joviano de Lima Jr. São Paulo: Paulinas, 1981. (Coleção Igreja-eucaristia 7)

### Oração de Bênção

nas diversas circunstâncias da vida e na piedade popular

Pe. Márcio Pimentel

1. A “tremenda” afirmação de SC 7 sobre a excelência de “toda” celebração litúrgica quando comparada às demais atividades eclesiais em termos de eficácia encontra na celebração das bênçãos seu melhor exemplo. Tão acostumados que somos com a redução da liturgia à Missa – e mais ultimamente ao culto eucarístico fora da missa – deixamos de lado a riqueza de formas rituais disponíveis à nossa participação na Revelação Divina. A Palavra de Deus é fonte de todo o criado. A teologia oriental reconhece vê cada criatura como “palavra” decorrente da única “Palavra”... de certo modo somos todos “ecos” do Verbo de Deus. Os rabinos comentam a página da criação dizendo assim: “Deus criou o mundo para que houvesse alguém para estudar e cumprir a Torá [a Palavra ou Sabedoria Divina]. Quando o criador concebeu a ideia de criar o mundo, Ele consultou a Torá”<sup>1</sup>.
2. Celebrar as bênçãos significa recuperar o dinamismo criador da Palavra de Deus no percurso cotidiano, ordinário da vida humana. Dito de maneira mais direta, o rito de bênção, por mais simples e breve que seja, consta sempre de enraizar o mundo e o ser humano no movimento revelador de Deus; Ele se dá-se a conhecer e se comunica conosco pelas obras de suas mãos. Por isso, na tradição orante de Jesus e seu povo, dizer uma bênção é um ato habitual. Um judeu é por natureza um “fazedor de bênçãos”. Tudo pode ser “objeto” de uma bênção e quando um judeu a realiza é como se cumprisse todos os mandamentos, porque é a maneira mais significativa de servir a Deus:

Provai (saboreai) e vede que Deus é bom (Sl 34,9). “Disse o todo poderoso: ‘Cumpre todas as mistvot (mandamentos) que te dei na Torá. Se comeres os frutos da terra ou das árvores, recita a *berakah* sobre eles, pois se comeres e não fizeres a *berakah*, estarás roubando os frutos, a árvore e a terra Àquele que os faz crescer. Se, no entanto, o indivíduo comer e recitar a *berakah*, ele coroa Aquele que o criou. Por isso, provai (saboreai) e vede que Deus é bom.’”<sup>2</sup>

3. A palavra *berakah* é o termo hebraico para dizer bênção, admiração, louvor, agradecimento. Com ela se delineia a antropologia do homem e mulher da Sagrada Escritura que se veem, sempre, referidos a Deus para serem completos, plenos. Ao recitar uma bênção o ser humano saboreia a si mesmo e ao mundo como que saindo das mãos de Deus. Por ser um rito, organiza a percepção das pessoas quanto ao mundo e aos outros, estabelecendo uma verdadeira *economia* da salvação: situa o ser humano frente a Deus e ao mundo.

<sup>1</sup> Y. Klapholtz (org.), Tesouro de Agadot da Torá. São Paulo: Colel, 1997, p. 21.

<sup>2</sup> *Veten Berachá. Resumo das principais Leis e Bênçãos Anteriores e Posteriores ao Consumo de Alimentos*. São Paulo: Congregação Mekor Haim, [ano?], p. 25-26.

Em relação ao homem e ao mundo Deus é “a fonte” e a “norma”: cria o homem e o mundo e estabelece sua modalidade de usufruto e de multiplicação. Em relação a Deus e ao mundo o homem é o intérprete e beneficiário: é objeto da atenção divina e destinatário dos bens da terra. Em relação a Deus e ao homem, o mundo é sacramento e dom: sinal da benevolência divina e dom concreto para o homem<sup>3</sup>.

4. A crença do judeu piedoso – incluído Jesus – é que a bênção estrutura a vida, sustenta o mundo criado e antecipa o mundo-que-há-de- vir. Diz Provérbios 18,21: “A morte e a vida estão nas *mãos da língua* e aqueles que a amam comerão de seus frutos”. O Midrash interpreta essa passagem assim:

Alguém tem um alimento feito com figos perante si. Se comer dele sem fazer a *berakah* – a morte está nas mãos da língua (a morte como ausência de espiritualidade; insensibilidade e apatia aos fatos espirituais). Se, no entanto, fizer a *berakah* antes de comer – a vida está nas mãos da língua<sup>4</sup>.

Por intermédio das *berakot* podemos degustar a bondade Divina na fruta da qual tiramos proveito: cada prazer e o seu gostinho especial. Se comermos sem fazer a *berakah*, estamos simplesmente ingerindo um alimento. Em contrapartida, aquele que faz a *berakah* coroadando o Criador e percebendo que está comendo coisas sagradas, acaba por experimentar a essência da bondade Divina dentro do seu prazer. Assim, adquire mais fé e reconhecimento da benevolência de Deus em cada prazer que tiver neste mundo<sup>5</sup>.

Não fazer a *berakah* é um ato de profanação do mundo, pelo que a Criação é destruída<sup>6</sup> porque dissocia o mundo daquilo que lhe dá sustentação, o Verbo divino. Ao fazer coisas aparentemente banais como beber um copo de água e dizer, antes: “Bendito és tu, ó Deus, Rei do Universo, por cuja Palavra todas as coisas vêm à existência”<sup>7</sup> nos damos conta que a manutenção da vida está vinculada à Palavra de Deus. É neste espírito que Jesus pode dizer ao diabo, que testava-lhe arrancar a consciência da filiação divina: “Não só de pão vive o homem, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). No rito de bênção esta palavra de Jesus é experimentada por nós.

5. Na ótica cristã, diremos que é próprio dos filhos e filhas de Deus – como é próprio de um judeu, como era próprio de Jesus – dizer bênçãos. Ao fazê-lo, nos assemelhamos a ele, que é a meta de todo discípulo e discípula. O bonito é que este caminho é possível a todos porque abençoar não é privilégio de ninguém em

---

<sup>33</sup> C. Di Sante, *Liturgia judaica. Fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004, p.47.

<sup>44</sup> *Veten Berachá*, p. 30.

<sup>5</sup> *Veten Berachá*.

<sup>6</sup> *Veten Berachá*, p. 37.

<sup>7</sup> Cf. Manual de Bênçãos. *Uma coletânea das principais bênçãos e preces com suas explicações*. São Paulo: Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasil, 2016, p. xxiii.

particular. Evidentemente há tipos diferentes de bênçãos com finalidades igualmente diferentes. Há fórmulas rituais reservadas. Por exemplo, a bênção dos filhos e filhas é responsabilidade do pai e, antes de ser designada ao presbítero ou bispo, como a bênção nupcial exige que o ministro, não sendo ordenado, tenha uma delegação para isso, o catequista tem a incumbência de abençoar seus catequizandos dentro do itinerário da iniciação à vida cristã etc. Mas, em termos gerais, a recitação de uma bênção é prerrogativa de todo o povo de Deus. Aliás, das coisas que primeiro aprendemos quando nascemos, ainda hoje em muitas regiões de nosso país, abençoar e ser abençoados está entre as primeiras: “«Bença» mãe, «bença» pai, «bença» padre etc. É claro que este tipo de bênção não necessariamente corresponde à experiência religiosa cristã, mas aparece como uma linguagem religiosa quase que «universal».

6. A experiência da bênção para nós, cristãos e cristãs, está marcada pelo Mistério Pascal de Jesus. O ritual romano interpreta Cristo como “*Maxima Patris Benedictio*” – a maior bênção do Pai para nós. A teologia da bênção que o ritual nos apresenta insere o ato de bendizer a Deus e abençoar o mundo, as pessoas e coisas no dar-se da Revelação de Deus como história da salvação (ou economia salvífica). Deus fez tudo bem-feito e sua obra mais bela é a encarnação do Filho. Nós cantamos no Ofício Divino na oração da tarde: “Bendito seja Deus, Pai do Senhor Jesus Cristo. Por Cristo nos brindou todas as bênçãos do Espírito” (Cl Ef 1,3-10). O modelo compreensivo da bênção é que o Pai «em Cristo» nos abençoou. Pela Palavra encarnada, toda carne pode ser manifestação do Verbo. As pessoas, os espaços, os objetos, os animais e demais seres que habitam o mundo são chamados a tornar-se expressão da bondade de Deus. É pelo rito de bênção que fazemos esta experiência, que entramos nesse dinamismo das coisas. Assim, beber um copo de água ou compartilhar uma refeição depois de celebrar a bênção torna-se um ato profundamente espiritual.

Quando é Deus que abençoa, por Si mesmo ou por outros, promete -se sempre o auxílio do Senhor, anuncia-se a sua graça, proclama-se a sua fidelidade à aliança. Quando são os homens que abençoam, louvam a Deus, proclamando a sua bondade e misericórdia.

Na verdade, Deus dá a sua bênção comunicando ou anunciando a sua bondade. Os homens bendizem a Deus proclamando os seus louvores, dando-lhe graças, prestando-lhe culto de piedade e adoração, e quando abençoam os outros homens, invocam o auxílio de Deus sobre cada um deles ou sobre as assembleias reunidas. (...)

As bênçãos referem-se primária e principalmente a Deus, cuja grandeza e bondade exaltam; mas, na medida em que comunicam os benefícios de Deus, referem-se também aos homens, que Deus governa e protege com a sua providência; mas também se dirigem às coisas criadas, por cuja abundância e variedade Deus abençoa o homem<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> RB 6-7.

7. Assim como ocorre na tradição do povo judeu, a bênção (*berakah*) se torna a modelo principal para a oração cristã<sup>9</sup>, é dela que vem sua estrutura. Em geral, tem-se dois movimentos: primeiramente se faz uma anamnese, uma memória da bondade de Deus e sua manifestação (dimensão ascendente ou anabática); depois, procede-se com uma epiclese, solicita-se que aquilo outrora realizado na história do povo de Deus repita-se aqui e agora (dimensão descendente ou catabática).
8. Celebrando as bênçãos a Igreja bendiz a Deus e é abençoada por Ele para ser bênção para os demais<sup>10</sup>. A santificação pela qual os filhos e filhas adotivos intensificam seu vínculo com o Filho Jesus e se tornam expressão viva de sua pessoa – ou seja, suas testemunhas – tem na celebração de bênção sua versão mais eloquente. A primeira e mais importante, evidentemente, é a própria Eucaristia, cuja anáfora (a prece eucarística) em seus formulários mais antigos aparece conectada à bênção da mesa dos judeus<sup>11</sup>. Mas a vida precede a celebração e deve proceder dela. Digo “proceder” e não simplesmente “suceder” porque a existência concreta das pessoas não está excluída da celebração; antes, é transfigurada e então, depois de passarmos pelos ritos e preces da Igreja, de sermos tocados pela divina-humanidade de Cristo, as coisas não se apresentam mais da mesma forma. E aquilo que “procede” da celebração poderá ser consolidado e desenvolvido nas inúmeras circunstâncias em que o Pai for recordado como fonte de tudo e Cristo for invocado como Senhor do Mundo e Sustentador de Tudo (Pantocrator).
9. A oração de bênção nos ajuda a viver tudo “em Cristo” ou “no Verbo”. Faz notar a vida nova que recebemos como dom no Batismo. Uma vez que a vida divina que foi infundida em nós pelo Espírito de Cristo vai ganhando forma à medida que celebramos. Elas nascem dos sacramentos e são semelhantes a eles – razão pela qual essas orações são chamadas de “*sacramentais*”. São estímulos para se viver segundo o Evangelho, procurando alcançar todos os níveis e aspectos que compõem a vida humana e por isso tem muita importância para a vida espiritual. A oração de bênção nos faz perceber, notar a “arquitetura do Verbo”, que está na origem do humano e todas as outras obras de Deus; assim tudo o que existe é contemplado na condição de “sacramento” do Verbo (a sacramentalidade da criação).
10. A oração de bênção nos lembra ainda que a vida nova em Cristo nos insere na comunidade de seus discípulos e discípulas. Há uma dimensão eclesial da bênção que não pode ser descuidada. Vivemos numa época em que certas devoções retornam e outras surgem fazendo pesar sobre a piedade do povo práticas que se pautam tão somente nas necessidades e urgências humanas e na especialidade de cada santo em atender as demandas de seus devotos. Algumas

---

<sup>9</sup> K. HURBY, “*La benediction de la liturgie juive*”, in *Conferences Saint-Serge XXXIVa Semaine d’Etudes Liturgiques, Les benedictions et les sacramentaux dans la liturgie*, Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 1988, 111.

<sup>10</sup> RB 8.

<sup>11</sup> Didaquê IX-X.

delas, por exemplo, não levam em conta a maneira com a qual a Igreja vive o tempo, por exemplo, marginalizando o ano litúrgico. Valorizar as celebrações de bênção assim como a Igreja as concebe pode ser uma excelente maneira de corrigir esses desvios que “privatizam a fé” (expressão antiga). As pessoas ainda são muito sensíveis à propostas de visita para a bênção da casa, da família, de idosos, de espaços de trabalho etc. Aproveitar esses momentos para impregnar as pessoas do senso eclesial contido em muitos textos eucológicos do Ritual de Bênção pode ser muito frutuoso.

11. Desde a antiguidade a Igreja providencia orações de bênção “litúrgicas” em sentido estrito; são celebrações “instituídas” para significar e realizar a santificação das pessoas e a glorificação de Deus<sup>12</sup>. Hoje em dia elas se apresentam como celebrações previstas nos livros litúrgicos da Igreja. São roteiros, na sua maioria, completos, contendo uma estrutura de Liturgia/Celebração da Palavra (reunião, saudação, sentido litúrgico, proclamação da Escritura, preces, bênção e conclusão). Às vezes há a possibilidade de realizá-la unida à celebração eucarística e para alguns casos se prevê fórmulas breves.
12. A oração de bênção, tal como a Igreja a concebe no Ritual de Bênções pode ser aproveitada ainda na pastoral orgânica da Igreja, como um “recurso” às fontes da vida cristã. As pastorais e movimentos que se empenham em acompanhar a vida dos fiéis concretamente, podem lançar mão das formas litúrgicas e beber de sua riqueza. Nos encontros catequéticos, nos itinerários da iniciação cristã (para além do que se prevê no RICA), nos encontros e assembleias pastorais, nas visitas conforme dito acima, o Ritual é uma oportunidade ímpar de entrar em contato com a tradição orante da Igreja e beneficiar-se de seus frutos. É um modo proveitoso de enlaçar a piedade popular e dotá-la das riquezas da Liturgia, bem como de viver a Liturgia a partir da sensibilidade religiosa das pessoas, pois as orações de bênções assim como aparecem no ritual dialogam, em grande parte, com os anseios e necessidades das pessoas, a partir de onde o mundo devocional se estrutura.
13. Para concluir, é preciso compreender a prática bimilenar da bênção na tradição cristã como uma forma de revelar a condição humana, de fazer-nos exprimir e experimentar enquanto as celebramos as “fibras” das quais somos feitos. A bondade e beleza do humano só é proclamada no ato da bênção: “E Deus criou o ser humano à sua imagem (...). E Deus os abençoou. (...) E Deus viu que tudo o que havia feito, e tudo era muito bom” (Gn 1,27a.28b.31a). Para os cristãos a oração de bênção põe a descoberto a humanidade do Filho na qual fomos gerados “de novo” ao passarmos pelas águas do Batismo. E o mais importante: quando celebramos as bênções, nós “imitamos” o Filho, imagem do Pai que abençoa e por esse gesto transmitimos a Palavra uns aos outros; a Palavra em forma de rito.

---

<sup>12</sup> RB 9.

## A linguagem das mãos\*

Pe. Marlon R. Lopes

Certa vez um colega, negando-se a usar um suporte para o microfone, argumentou: “Eu tenho mãos, posso segurar o microfone!”. Esse exemplo banal confirma mais uma vez aquilo que é evidente para muitos liturgistas, ou seja, na disputa entre funcional e simbólico, frequentemente o primeiro leva vantagem. O encantamento com a bem-vinda possibilidade do uso da língua do povo para as celebrações, muita gente desequilibrou a forma ritual, reduzindo-a àquilo que pode ser dito por palavras, caindo num verbalismo que, sem pensar duas vezes, sacrifica os elementos gestuais do rito, como, por exemplo, estender ambas as mãos, já que, pelo menos uma, estará ocupada com o microfone.

### Expressividade corporal e Liturgia

O ser humano contemporâneo, mesmo o cristão, enfrenta uma dicotomia: enquanto encontra facilidade em expressar sua espiritualidade por meio de palavras ou cantos, sente-se pouco confortável em fazê-lo por meio de gestos corporais como elevar os braços ou unir as mãos. Essa resistência pode ser influência de um mundo secularizado, que reduz o corpo a mero instrumento funcional. No entanto, a oração – especialmente na celebração litúrgica – só alcança plenitude quando gesto e ação se à palavra. O corpo inteiro torna-se linguagem: os olhos, as posturas, o canto e as mãos, traduzem o indizível (cf. Aldazábal, 2004, p. 103).

As mãos representam algo de fundamental da identidade humana como espécie, conectando inteligência e matéria, transformando o mundo em cultura. Elas mesmas, sem nada a mais, já são capazes de gestos e tarefas simbólicas, seja em contexto social ou religioso (cf. Denny, 2005, p. 3769). Elas, como “a parte mais espiritual do corpo” depois do rosto, manifestam os movimentos da alma, podendo ser mais expressivas que a própria palavra e substituindo-a naquelas ocasiões em que seria grosseria tentar reduzir algo delicado e significativo a uma expressão verbal (cf. Guardini, 2005, p. 127).

Essa intervenção, pretende ser um caminho ilustrado da mão: da vida cotidiana, passando pelas outras religiões, Bíblia, até a liturgia, sublinhando nesse ponto dois gestos: a imposição das mãos e as mãos estendidas<sup>28</sup>. Um caminho ilustrado para os olhos, com o convite a ser experimentado pelo corpo todo<sup>29</sup>.

### As mãos na vida cotidiana

Antes de se tornarem símbolos sagrados, as mãos são *linguagem primordial*. Nelas, conjugam-se força e delicadeza: são ferramentas que erguem muros, mas também veículos que sussurram afeto. Como observa Guardini (2005, p. 127), a mão revela a alma – não como metáfora, mas como *ação concreta*, pois ela golpeia e protege, desmonta e repara, acena e silencia e mesmo num simples aperto que sela um encontro, há um diálogo que transcende palavras: é a alma que acolhe a alma.

Com ou sem palavras, na rotina social, aprendemos a decifrar uma **gramática das mãos: estendem-se** para pedir ou oferecer; **fecham-se** em punho, traduzindo raiva ou resistência;

---

\*Por Marlon Ramos Lopes. As intervenções estão ligadas ao tema do dia, neste caso, “Oração litúrgica e vida cristã”. O tema “Oração de bênção nas diversas circunstâncias da vida e na piedade popular”, da conferência hodierna de Márcio Pimentel, e a “oração coleta” com seus gestos associados, vivenciada laboratorialmente na primeira tarde da 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia, justificam a presente intervenção sobre a linguagem das mãos.

<sup>28</sup>A expressão “*manibus extensis*”, encontrada na Instrução Geral do Missal Romano, foi traduzida na versão que se encontra no Missal para o Brasil como “braços abertos”. A mesma opção aparece, por exemplo, na tradução italiana, enquanto a tradução para o inglês, o espanhol e o francês faz referência não a “braços”, mas a “mãos” (cf. Missal Romano e site do Vaticano).

<sup>29</sup>Durante a 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia, essa intervenção foi acompanhada da projeção de imagens colhidas da Internet que ilustraram cada bloco. Além disso, os participantes foram convidados a (re)viver os gestos e recordar situações pessoais em que a linguagem silenciosa e eficaz das mãos foi significativa em suas histórias.

**entrelaçam-se** em silêncio, tecendo cumplicidade; **desenham no ar** despedidas ou saudades. Esses e outros gestos das mãos não são meros *indicadores* de emoções, eles *realizam* nossos sentimentos e vontade íntimas: uma mão que repousa sobre o ombro alheio não apenas comunica apoio; **constitui** o apoio. Quando Aldazábal, concluindo essas observações, afirma que o gesto não apenas salienta ou indica uma disposição interior, mas a realiza, ele captura a essência performativa das mãos: nelas, intenção e ação são inseparáveis (cf. Aldazábal, 2005, p. 103-104).

#### As mãos divinas

Nas tradições religiosas, as mãos transcendem a materialidade e são representação de força, que organiza, protege e comanda. No hinduísmo, Śiva Nāṭarāja, com seus múltiplos braços, simboliza onipotência, enquanto as *mudrās* budistas codificam ensinamentos cósmicos em gestos precisos. No cristianismo, Cristo é retratado com a mão direita erguida em bênção, ecoando a mesma linguagem universal de paz que a representação de Buda oferece com a palma voltada para frente. Até no Islã, onde a representação figurativa é evitada, a “Mão de Fátima” emerge como talismã protetor. O poder manifestado pelas mãos e braços de Śiva, do hinduísmo, difere do poder criador da palavra sublinhado nas tradições abraâmicas (judaísmo, cristianismo e monoteísmo), mas mesmo nessas as mãos do Criador estão envolvidas na criação privilegiada da humanidade (cf. Denny, 2005, p. 3769), representada na imagem de Michelangelo na Capela Sistina: o braço e o dedo de Deus estendidos em um gesto criador (cf. Aldazabal, 2005, p. 104).

A Bíblia recorre à imagem das mãos divinas para narrar não somente a criação, mas também a redenção: “a obra de suas mãos” (Sl 19,2), o “braço estendido” que liberta (Dt 26,8). Deus não apenas fala, mas *toca* a existência, manifestando não só poder, mas também interesse, proximidade, amizade e amor (cf. Aldazábal, 2005, p. 104-105).

#### As mãos humanas sinalizando o invisível: proteção e identidade

O  **sinal da cruz** atravessa séculos como um gesto de defesa espiritual, constituindo um escudo contra o invisível contra o demônio e outros males. O  **sinal dos “chifres”, seja feito com as próprias mãos ou como uma representação da mão nessa posição**, imitando chifres de touro, símbolo de força indomável, é usado como proteção contra feitiços e pessoas prejudiciais. Desde a arte rupestre, a representação das mãos criam uma barreira contra ameaças que os olhos não veem (cf. Denny, 2005, p. 3770).

A pele das mãos também se torna tela para marcas de  **identidade e resistência, contando uma história**. Nas Ilhas Mentawai, homens tatuam nas mãos padrões geométricos após conflitos, acreditando que os desenhos purificam o sangue derramado. No Egito, cristãos coptas carregam cruzes tatuadas no dorso das mãos – herança de tempos em que a marca garantia um enterro digno sob perseguição. Já a tatuagem de  **henna**, usada em casamentos árabes e festivais indianos, transforma-se em arte efêmera: seus traços florais não só celebram a união, mas tecem uma armadura simbólica contra a inveja (cf. Denny, *ibidem*).

**Anéis e unhas** alongadas completam essa geografia simbólica. Em Java, anéis com pedras servem como poderosos amuletos contra espíritos e feitiços e contra ameaças mais tangíveis como venenos e mordidas de cobras. Os homens de Java também imitam o herói mítico Warkudara deixando as unhas do polegar crescerem como uma lâmina, representando seu valor e talento como lutador (cf. Denny, *ibidem*).

#### As mãos na oração pessoal

As mãos desempenham um papel central nos rituais de oração, transcendendo culturas e tradições. No cristianismo, protestantes costumam unir as palmas com os dedos entrelaçados, gesto herdado de romanos e sumérios, enquanto católicos preferem palmas juntas e dedos apontados para cima, postura também adotada na devoção hindu e budista. Em muitas culturas, ao orar, tocam-se altares ou relicários com as mãos, buscando conexão com o

sagrado. Na antiguidade cristã, os fiéis das catacumbas oravam com braços abertos, imitando a crucificação de Cristo. Na tradição muçulmana, a du'ā' (oração de súplica) envolve estender as mãos para frente, palmas voltadas para cima, e após a prece, esfregá-las no rosto, como gesto de internalização das bênçãos. Já o aplauso ritual, prática de louvor entre hebreus e egípcios antigos, persiste em contextos africanos, chineses e japoneses, unindo som e movimento em celebração coletiva (cf. Denny, 2005, p. 3769; cf. Aldazábal, 2005, p. 105-106).

### **A liturgia também passa pelas mãos**

As mãos na liturgia cristã são instrumentos de diálogo entre o humano e o divino: dão, oferecem, recebem, elevam-se em súplica, traçam o sinal da cruz ou se estendem ao próximo. Embora a celebração exija simplicidade e sobriedade, não deve se reduzir os gestos a meras formalidades vazias. É essencial evitar tanto a rigidez inexpressiva quanto o exagero teatral, equilibrando palavra e corporeidade. Os ministros, em especial, devem cultivar uma linguagem corporal intencional, onde cada movimento – embora discreto – traduza a profundidade da fé. O risco de gestos mecânicos, desprovidos de sentido espiritual, existe, mas pode ser superado através de formação litúrgica contínua e reflexão sobre seu significado. Gestos autênticos nascem da harmonia entre interioridade e ação: são calmos, plenos de intencionalidade e dirigidos tanto a Deus quanto à comunidade, de acordo com o momento ritual. Não se trata de cumprir ritos por obrigação, mas de transformar cada movimento em expressão viva de uma fé encarnada (cf. Aldazábal, 2005, p. 105-106).

Um exemplo da complementariedade dos gestos e das palavras encontra-se na imposição das mãos, um dos gestos mais recorrentes e polivalentes nos sacramentos cristãos. Por meio do contato físico ou da extensão das mãos sobre pessoas ou objetos, esse sinal adquire múltiplos significados. A ambiguidade do gesto é dirimida pelas palavras que o acompanham, formando um binômio estupendo para significar com linguagem simbólica a eficácia de um sacramento (cf. Aldazábal, 2005, p. 111-117).

### **Referências**

- ALDAZÁBAL LARRAÑAGA, José. **Gestos e símbolos**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 103-117.
- DENNY, Frederick Mathewson. Hands. In: JONES, Lindsay (ed). **Encyclopedia of Religion**. 2. ed. [s.l.] MacMillan Reference Library, 2005. p. 3769-3771.
- GUARDINI, Romano. La mano. In: GUARDINI, Romano. **Lo spirito della liturgia e I santi segni**. 10. ed. Bréscia: Morcelliana, 2005. p. 127-129.

# VIVÊNCIAS

## Liturgia, oração da Igreja

### Vivência

## Convite à oração – Silêncio – Oração coleta\*

**Objetivo:** Experimentar a oração coleta como “exercício do sacerdócio de Cristo”.

**Ambiente:** cadeiras em círculo, fotografias de pessoas em oração distribuídas pela sala;

à parte: Bíblia, texto da oração coleta ou Missal, mesa, toalha branca, velas com castiçais, fósforo.

**Apresentação:** - das pessoas (nome e lugar onde mora);

- da proposta de trabalho: \* recordar ou apresentar o que é uma vivência litúrgica, com os passos previstos dentro do horário disponível;

\* lembrar a tarefa confiada ao grupo, situando o recorte no conjunto do tema da semana e do dia, cf *Objetivo*.

### 1) Despertar do ser (relaxamento e aquecimento)

*Objetivo:* concentração; harmonia entre corpo, mente, coração; atitude espiritual; sentimento de grupo.

1. Em pé, com coluna reta, cabeça levemente erguida.

2. Inspirar e expirar, prestando atenção ao ar que entra e sai; Inspiração breve (2 a 3 tempos), expiração lenta (8 a 10 tempos), reconhecendo cada parte do corpo que é revitalizada pela respiração.

3. Continuar assim, sentindo a gratidão tomando conta do corpo, da mente, do espírito, porque, no princípio, “*Deus modelou o ser humano com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito (sopro) de vida e o ser humano se tornou um ser vivente*” (Gn 1, 7) e porque, na tarde da Páscoa, Jesus soprou sobre seus discípulos reunidos e disse: “*Recebam o Espírito Santo*” (Jo 21, 22).

4. Dando-se as mãos, sentir a presença das pessoas ao lado; sentir-se parte do grupo, parte da humanidade, parte do cosmos... *Refrão meditativo:* “Onde reina o amor, fraterno amor, onde reina o amor, Deus aí está” (Taizé).

5. Pedir que alguém faça uma oração, dirigindo-se diretamente a Deus, em nome do grupo.

### 2) Sensibilização a partir de fotografias

Observar as fotografias de pessoas em oração/súplica/necessidade que estão dispostas pela sala.

Procurar associar-se ao sentimento dessas pessoas, exercendo empatia.

### 3) Aprofundamento<sup>1</sup> do rito a partir da:

**a) Vida:** - A partir da *Sensibilização* acima, experimentar os mesmos gestos retratados (postura, expressão facial, posição das mãos, etc), aprofundando entre um gesto e outro.

- Experimentar rezar em silêncio por situações e pessoas que as fotografias recordaram.

- Dizer em voz alta alguma dessas orações. Evite-se explicações para o grupo: a oração é dirigida a Deus!

**b) Bíblia:** Imaginar e/ou encenar algum desses momentos de oração relatados na Bíblia:

- Marcos 6, 41 [Jesus dando graças antes da multiplicação dos pães e peixes];

- João 11, 41-43 [Jesus orando antes de chamar Lázaro];

- Lucas 18, 9-14 [parábola do fariseu e publicano em oração];

- Hebreus 5, 7 [oração e súplica oferecidas com clamor e lágrimas].

**c) Liturgia:** - Examinar a *sequência ritual* que inclui a oração coleta, cf. Instrução Geral do Missal Romano (IGMR) 54 e Ordinário da Missa 9 (Missal Romano, p. 442), procurando compreender quais os momentos dessa sequência, quais as pessoas envolvidas e seus papéis, quais os lugares onde se desenrola a sequência, qual a relação com o tempo ou dia litúrgico, quais as posturas e gestos para cada pessoa em cada

---

\*Roteiro elaborado por Marlon Ramos Lopes e Veronice Fernandes.

<sup>1</sup>*Aprofundamento* significa aqui a retomada consciente e detalhada dos gestos, posturas, emoções, sentido e entendimento vividos pelas pessoas que atuaram e assistiram às improvisações, bem como a imaginação ou nova atuação de cenas trazidas à memória pela citação de fatos da vida quotidiana, das religiões não-cristãs, da piedade popular, da Bíblia e de outros momentos rituais (litúrgicos), em vista de uma *performance* ritual na qual estejam em harmonia sinal sensível (corpo), significado teológico (mente) e atitude interior (coração).

momento, qual o papel do silêncio. Evitem-se disputas sobre práxis locais, dando atenção ao prescrito.

- Recordar outras orações da liturgia (da missa e além da missa) que se encaixam em uma estrutura semelhante.

- Ver exemplos de conclusões trinitárias: 27.º domingo do Tempo Comum

Natal, missa do dia

24 de dezembro, missa da manhã.

- Pensando nos diferentes momentos da *sequência ritual* (convite, silêncio orante, oração coleta, aclamação), completar o que faltou ser descrito na IGMR e no Ordinário da Missa. Por exemplo: qual tom de voz adequado a cada momento, qual direção do olhar.

- Examinar o *texto* da oração coleta do 27.º domingo do Tempo Comum.

*(roteiro de análise teológico-litúrgica-espiritual da oração adaptado de Ione Buyst)*

1. Quem fala? “Nós”, um povo de batizados, povo sacerdotal, convocado por Deus; “Nós”, a comunidade reunida, em união com toda a Igreja com seus muitos ministérios, com a Igreja espalhada pelo mundo inteiro (inclusive através das outras Igrejas cristãs); “Nós”, em nome de toda a humanidade, com suas “alegrias e esperanças, tristezas e angústias” (cf. GS 1); “Nós”, como a voz da criação que “geme e sofre as dores de parto”, aguardando a plena redenção (cf. Rm 8, 22).

2. Qual o papel do presidente? Falar em nome da assembleia, numa “oração presidencial”. Daí a necessidade de sintonia, empatia, “*esprit de corps*” [espírito de equipe, que valoriza a contribuição de cada membro].

3. Qual o papel da assembleia? O que acontece com o povo ao levar a sério o convite do presidente e sua própria resposta? Ao longo da oração o povo reza escutando e intervém no final confirmando as palavras do presidente com “Amém”.

4. Como assegurar e manter ao longo da oração a autenticidade deste “nós”, tanto por parte da presidência como da parte da assembleia?

5. Como o presidente fala? 1) Fala a “Deus eterno e todo-poderoso”. Como se fala a Deus? – Lembrar passagens bíblicas de falas a Deus: atitude de “temor de Deus” (cf. Moisés frente à sarça ardente, Ex 3); 2) Fala “por Cristo, com Cristo e em Cristo”. Supõe fidelidade à pessoa de Jesus Cristo; transparência (cf. João Batista: “Convém que ele cresça e que eu diminua”, Jo 3,30). Tom de voz? Como Jesus falava com o Pai? 3) Fala “na unidade do Espírito Santo”. Fala guiado pelo Espírito, numa atitude “espiritual” (deixar o Espírito Santo falar e atuar em nós, mediante as palavras e a ação ritual). Diferença entre “orar” e “recitar orações”.

6. Preside em nome de quem? De Cristo-Cabeça, (“na pessoa de Cristo” – “*in persona Christi*”), que tem dois títulos fundamentais: Servo Sofredor (carregando nas costas todas as dores da humanidade e do cosmos) e Messias Glorioso (primogênito, “cabeça” da humanidade redimida).

7. Fala de quê? Por quê? Para que? Fala da salvação, da nova aliança, do mistério pascal. e assim possibilita nossa participação no mistério pascal, na renovação da Aliança, na missão, em vista do reino, da salvação do “mundo”. Como esses conteúdos estão articulados na oração em questão?

8. Conteúdo principal da oração. Lembrar a estrutura da oração e o significado de cada parte: a) invocação [Deus...], b) ampliação da invocação [que ...], c) petição [infundi...], d) finalidade da petição [para...]

#### 4) Experimentação ritual

- Preparar o espaço, com altar, cadeira presidencial, assentos da assembleia.

- Distribuir ministérios: presidente, diácono e/ou acólitos. Também preparar a assembleia.

- Combinar o recorte: convite, silêncio orante, oração coleta, aclamação.

- **Vivenciar o recorte do rito**, levando em conta os gestos, posturas, significados, sentimentos, emoções, atitudes interiores que o *Aprofundamento* despertou. Realizar **como se estivesse na celebração**, procurando experimentar o rito “com inteireza”: *fazer bem, com inteligência e com o coração*. Repetir o rito envolvendo outras pessoas do grupo. **Fazer “como se fosse” de verdade**, isto é, sem interrupções ou comentários/desculpas, com alegre seriedade.

- Se for conveniente, repetir a vivência do recorte, em vista da harmonia corpo-mente-coração, por exemplo, **avaliando** o modo de pronunciar as falas, o olhar, a postura, as mãos, etc.

## 5) Decantação e Conversa sobre “os três pontos”

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos?
- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, ministro, assembleia?
- Quais destaques pessoais apresento?

Repassar os três polos:

**corpo** – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção,...)

**mente** – o que pensei? (compreensão, recordação)

**coração** – o que senti? (atitude espiritual, interior)

## 6) Para a síntese da Semana de Liturgia (entregar)

1. Relacione a sequência ritual que inclui a oração coleta com a temática da 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia, “Liturgia, oração da Igreja”.
2. Como a prática da oração coleta promove o exercício do sacerdócio de Cristo na comunidade celebrante?

### Instrução Geral do Missal Romano (IGMR)

54. **Oração Coleta.** A seguir, o sacerdote convida o povo a rezar, todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos. Depois o sacerdote diz a oração que se costuma chamar “coleta”, pela qual se exprime a índole da celebração. Conforme antiga tradição da Igreja, a oração costuma ser dirigida a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo e [concluída] por uma conclusão trinitária, isto é, com uma conclusão mais longa, do seguinte modo:

- quando se dirige ao Pai: *Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos;*
- quando se dirige ao Pai, mas no fim menciona o Filho: *Ele, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos;*
- quando se dirige ao Filho: *Vós, que sois Deus, e viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.*

O povo, unindo-se à súplica, faz sua a oração pela aclamação *Amém*.

Na Missa sempre se diz uma única oração coleta.

### Exemplos de coletas com as três conclusões

#### 27.<sup>o</sup> domingo do TC

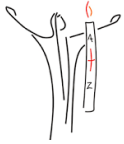
Deus eterno e todo-poderoso, que no vosso imenso amor de Pai nos concedeis mais do que merecemos e pedimos, infundi em nós vossa misericórdia, para perdoar o que nos pesa na consciência e para nos dar mais do que a oração ousa pedir. *Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.*

#### Natal (dia)

Ó Deus, que admiravelmente criastes o ser humano e mais admiravelmente restabeleceste a sua dignidade, dai-nos participar da divindade do vosso Filho, que se dignou assumir a nossa humanidade. *Ele, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.*

#### 24 de dezembro (manhã)

Apressai-vos e não tardeis, Senhor Jesus, para que sejam revigorados, com a alegria de vossa vinda, os que confiam em vosso amor. *Vós, que sois Deus, e viveis e reinais com o Pai, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.*



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

**Ordinário da Missa 9** (p. 442 do Missal Romano, 3.ed)

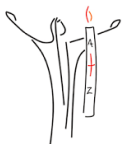
*Terminado o hino, de mãos unidas, o sacerdote diz:*

Oremos.

*E todos oram com o sacerdote, por algum tempo, em silêncio.*

*Então o sacerdote, de braços abertos, profere a oração Coleta; ao terminar, o povo aclama:*

Amém.



## 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia – Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard / Rede Celebra

14 a 18 de outubro de 2024 – Recanto São José, Belo Horizonte – MG

### Liturgia, oração da Igreja

#### *Vivência*

## Chegada (ocupação do espaço) – Abertura do Ofício Divino\*

**Objetivo:** Experimentar o rito de chegada e abertura na oração do Ofício Divino das Comunidades, vivenciando a convergência e a formação do “corpo” para a oração.

#### **Ambiente:**

- 1.<sup>o</sup> momento: sem cadeiras, com alguns objetos distribuídos aleatoriamente;
- 2.<sup>o</sup> momento: espaço com altar, ambão e cadeiras, como para o Ofício Divino das Comunidades.

#### 1.<sup>o</sup> momento: espaço “neutro”

##### 1) **Despertar do ser** (relaxamento e aquecimento)

###### **1. Respirar:**

- Em pé, com os braços ao longo do corpo; inspirar e expirar, encher e esvaziar a barriga (repetir algumas vezes).
- Fazer vários exercícios treinando a respiração e o alongamento. (cabeça, braços, corpo todo...).
- Algumas vezes durante o exercício, relacionar com o Espírito Santo de Deus (sopro), vida divina que nos é dada, que circula em nós.

###### **2. Relaxar:**

- Deitado no chão, ou sentado, fechar os olhos, respirar algumas vezes profundamente, prestando atenção na respiração.
- Sentir o chão, relaxar cada parte do corpo, iniciando pelos pés..., usando para isso principalmente o momento da expiração. Entregar-se. Quem assessora, pode cantar um refrão relacionado, como por exemplo: “Eu me entrego Senhor em tuas mãos...”.
- Outra possibilidade: imaginar um lugar bonito, repousante: uma praia ou mata, por exemplo. Sentir o prazer do barulho das ondas, do calor do sol na pele, a tranquilidade do momento...

###### **3. Alongar-se:**

- Bem devagar, como que acordando, alongar parte por parte do corpo, prazerosamente... até ficar de pé. Movimentar braços e pernas...

##### 2) **Sensibilização**

**1. Perceber o espaço:** Andar; correr; diminuir a marcha; cambalear; “medir” a sala com passos, cruzando em ambas direções. Movimentar também os braços. Observar objetos, marcações de piso, de parede, de teto.

**2. Perceber-se no espaço:** Andar apoiando-se somente no calcanhar, depois na ponta dos pés, no lado de fora do pé, no lado de dentro do pé, no pé inteiro... Observar para

---

\*Roteiro elaborado por Marlon Ramos Lopes e Veronice Fernandes.



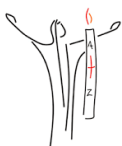
## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

onde tenho tendência de ir neste espaço, o que fica diante de mim, às minhas costas, ao meu lado.

**3. Perceber as outras pessoas no espaço:** a) Olhar e deixar-se olhar: passear pela sala, olhando as demais pessoas, como pela primeira vez, descobrindo, interrogando-se interiormente (Quem é esta pessoa? Como é?), admirando-a, contemplando-a (Senhor, como tu vês esta pessoa?). b) Tocar, cumprimentar respeitosamente, mas sem palavras.

**4. Perceber-se na interação com as outras pessoas:** Caminhar de duas em duas pessoas, de três em três, de quatro em quatro... Ir agrupando-se, conforme quem assessora, até formar um só conjunto, um único "corpo". **Concluir** com uma ciranda que reúne e une as pessoas.

**Convidar para passar a outro espaço**, aquele celebrativo, **sem nenhum tipo de orientação** sobre como deve ser ocupado, a fim de poder partir de uma experiência espontânea de ocupação do espaço. A **única orientação** é de que entraremos num outro espaço para rezar.



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

### 2.º momento: espaço celebrativo

(continuidade da Sensibilização)

**5. Chegada e ocupação do espaço celebrativo espontâneas.** Após algum tempo, quem assessora entoa: “*Nós somos muitos, mas formamos um só corpo, que é o corpo do senhor, a sua Igreja; pois todos nós participamos do mesmo pão da unidade, que é o corpo do senhor, a comunhão.*”

### 3) Aprofundamento do rito a partir da:

**a) Vida:** - A partir da *Sensibilização* acima, especialmente do momento de ocupação do espaço celebrativo, promover um cochicho sobre as atitudes, sentimentos, percepções na chegada: entrada no espaço sagrado, relação com o espaço, os objetos, as outras pessoas..., gestos e olhares, oração silenciosa.

- Para a socialização do cochicho, pode-se usar os passos progressivos: como foi a percepção e ocupação do espaço, como foi perceber-se no espaço, como foi perceber as outras pessoas no espaço.

- Outra possibilidade é percorrer o itinerário: meu corpo chegou, eu cheguei (com mente e coração), nós chegamos ao mesmo lugar.

- Pode-se ainda confrontar a ocupação do espaço “neutro” e do espaço celebrativo.

**b) Bíblia:** Imaginar posturas, memórias, sentimentos das pessoas que escreveram, leram ou cantaram esses salmos de peregrinação:

- Salmo 84(83) [O passarinho encontrou, cf. ODC]

- Salmo 122(121) [Fiquei foi contente, cf. ODC]

Aprofundar o conteúdo da expressão “um só corpo”, da relação “eu” e “nós”, a partir de:

- Romanos 12, 4-5.

**c) Liturgia:** - Examinar a *sequência ritual* com que se inicia uma hora do Ofício Divino. Recordar a estrutura, a partir da introdução do livro: Chegada – Silêncio – Oração pessoal – Refrão meditativo – Abertura.

- Examinar o conteúdo da Abertura da **oração do domingo de manhã, no Tempo Comum.**

- Estudar o conteúdo da sessão *Para aprofundar*, abaixo.

### 4) Experimentação ritual

- Revisar o espaço.

- Distribuir ministérios: presidente e a assembleia.

- Combinar o recorte: chegada, ocupação do espaço, abertura do ODC.

- **Vivenciar o recorte do rito**, levando em conta os gestos, posturas, significados, sentimentos, emoções, atitudes interiores que o *Aprofundamento* despertou. Realizar **como se estivesse na celebração**, procurando experimentar o rito “com inteireza”: *fazer bem, com inteligência e com o coração*. Repetir o rito envolvendo outras pessoas do grupo.

- Se for conveniente, repetir a vivência do recorte, em vista da harmonia corpo-mente-coração, por exemplo, **avaliando** o modo de cantar, o olhar, a postura, os gestos, etc.

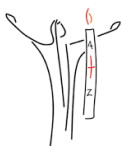
### 5) Decantação e Conversa sobre “os três pontos”

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos?

- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, assembleia?

- Quais destaques pessoais apresento?

Repassar os três polos:



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

**corpo** – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção)

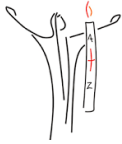
**mente** – o que pensei? (compreensão, recordação)

**coração** – o que senti? (atitude espiritual, interior)

### 6) Para a síntese da Semana de Liturgia (entregar)

1. Relacione a sequência ritual chegada – silêncio – refrão meditativo – abertura com a temática da 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia, “Liturgia, oração da Igreja”.

2. Como o nosso modo de chegar e “formar corpo” para a oração modela o nosso ser Igreja?



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

### Para aprofundar:

#### Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (IGLH)

19. **Que a mente concorde com a voz.** Para que esta oração seja própria de cada um daqueles que nela tomam parte, seja fonte de piedade e da multiforme graça divina e sirva também de alimento à oração pessoal e à atividade apostólica, importa celebrá-la com dignidade, atenção e devoção, e fazer com que o espírito concorde com a voz. É necessário que todos cooperem com a graça divina, para que não a recebam em vão. Buscando a Cristo e esforçando-se por aprofundar o seu mistério na oração, louvem a Deus e elevem as suas súplicas com o mesmo espírito com que orava o Divino Salvador.

33. **Estrutura da celebração.** A Liturgia das Horas é regulada segundo leis próprias. Nela se combinam, de uma forma particular, elementos comuns às outras celebrações cristãs. Na sua estrutura geral, inclui sempre: primeiramente o hino, depois a salmodia, a seguir uma leitura, longa ou breve, da Sagrada Escritura, finalmente as preces. Tanto na celebração comunitária como na recitação individual, a estrutura essencial é sempre a mesma: diálogo entre Deus e o homem. Todavia, a celebração comunitária manifesta mais claramente a natureza eclesial da Liturgia das Horas. Pelas aclamações, pelo diálogo, pela salmodia alternada, etc., favorece também a participação ativa de todos, segundo a condição de cada um. Além disso, respeita melhor as diferentes formas de expressão. Consequentemente, sempre que seja possível uma celebração comunitária, com a assistência e participação ativa dos fiéis, esta deve preferir-se à celebração individual e como que privada. Além disso, na recitação coral e comunitária, convém, quanto possível, que o Ofício seja cantado de acordo com a natureza e função de cada uma das suas partes. Deste modo se porá em prática a recomendação do Apóstolo: 'A palavra de Cristo permaneça em vós em toda a sua riqueza, para vos instruídes e aconselhades uns aos outros com toda a sabedoria; e com salmos, hinos e cânticos inspirados, cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão' (Cl 3,16; cf. Ef 5,19-20).

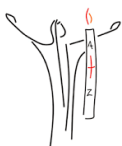
34. A introdução a todo o Ofício é normalmente formada pelo Invitatório. Este é constituído pelo versículo – Abri, Senhor, os meus lábios: E a minha boca anunciará o vosso louvor – e pelo salmo 94. Este salmo é um convite dirigido todos os dias aos fiéis para que celebrem os louvores de Deus e escutem a sua voz, e ao mesmo tempo uma exortação a esperarem 'o repouso do Senhor'. Se parecer bem, o salmo 94 pode ser substituído pelos salmos 99, 66 ou 23. O salmo invitatório deve ser recitado, como se indica no lugar próprio, em forma responsorial, quer dizer, acompanhado da respectiva antífona. Esta é enunciada e repetida no princípio, e retomada após cada estrofe.

35. O Invitatório tem o seu lugar próprio no princípio de todo o ciclo da oração quotidiana; isto é, ou antes das Laudes ou antes do Ofício das Leituras, conforme o dia se iniciar com uma ou outra destas duas ações litúrgicas. No caso de se dever antepor a Laudes, pode-se omitir eventualmente o salmo com a respectiva antífona.

#### Elementos do Ofício Divino das Comunidades

- **Refrão Meditativo:** Criar o clima orante... repetitivo, levando em conta a hora e o dia... não pode ser mais um elemento que se introduz e que se usa de uma maneira mecânica. Ele é sugerido em função da oração pessoal que antecede o Ofício. O clima deste momento é estabelecido pelo silêncio e pela quietude. Não podemos passar mecanicamente do refrão meditativo à abertura ou transformar este momento num rito de abertura antes da abertura.

- **Abertura:** Os ofícios começam com versos bíblicos que nos ajudam a mergulhar na oração. São versos que nos alertam e motivam para este encontro mais íntimo com os irmãos e irmãs e com Deus. O/a cantor/a puxa cada um dos versos, e todos repetem. Assim, além dos cantores, ninguém precisa de livro para acompanhar a abertura.



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

### **a) Conforme o dia**

- Domingo: Criação que vem de Jesus na Ressurreição
- Segunda: Criação, trabalho da humanidade
- Terça: Vinda do Reino
- Quarta: O Reino (mártires)
- Quinta: Ceia (unidade das Igrejas)
- Sexta: Morte/Paixão de Jesus
- Sábado: Utopia do Reino escatológico - Maria

### **b) Conforme a hora**

- Manhã: “Abrir os lábios”
- Tarde: “Vir em auxílio”

### **c) Conforme o tempo (segundo verso da manhã):**

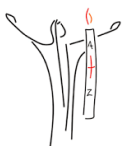
- O “tema” do dia – Tempo Comum
- Próprio – Tempos fortes

### **d) Gestos corporais**

- Estar de pé – prontidão
- Sinal da cruz:           na boca [manhã]  
                                  na frente [tarde/noite]
- Inclinar-se ao *Glória ao Pai, ao Filho...*
- Olhar para os irmãos e irmãs, num convite à oração.

### **e) Observação**

- Não há comentários.



## 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia – Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard / Rede Celebra

14 a 18 de outubro de 2024 – Recanto São José, Belo Horizonte – MG

### Liturgia, oração da Igreja

#### Vivência

## Recordação da vida no Ofício Divino das Comunidades\*

**Objetivo:** Experimentar o rito da recordação da vida na oração do Ofício Divino das Comunidades, na perspectiva da unidade entre oração litúrgica e vida cristã.

**Ambiente:** cadeiras em círculo; à parte: Bíblia, texto para aprofundamento, imagens de diversas realidades, manchetes de jornal/internet, vela, castiçal para a vela, fósforo, livro do ODC.

### 1) Despertar do ser (relaxamento e aquecimento)

- Respiração: liberação das tensões com exercícios livres, cuidando da respiração consciente; esvaziamento; conexão com nosso ser interior, com respiração abdominal e espiritual;
- Aquecimento: exercícios harmoniosos direcionados para o rito da recordação da vida.

### 2) Sensibilização

#### 2.1. Recordar a vida em primeira pessoa (pessoal)

- “Recordar é viver”, diz um dito popular. Leloup, diz que “O corpo é cheio de memórias”. Você carrega em seu corpo algum sinal ou cicatriz de algum acontecimento em sua vida? Que recordações lhe trazem? *Partilhar em duplas.*
- Ou:* Vamos recordar algum fato, situação, pessoas, lugar ou canção (da infância, juventude, ou recentes) que nos alegram, nos animam a viver, nos fazem bem. *Partilhar em duplas.*
- Na roda, encerrando essa dimensão: *Refrão:* “Recordações, lembranças da vida querida e sofrida, na festa e na dor. Pra nós são sinais do Onipotente na vida da gente, amado Senhor!”

#### 2.2. Recordar a vida na dimensão social, eclesial... (comunidade)

- Espalhar pela sala (na parede ou numa espécie de “banca de jornal”) algumas imagens de situações da vida e manchetes de jornal.
- Contemplar os fatos, as notícias... Permanecer diante de uma que chame a atenção. Reler o fato/notícia à luz do mistério pascal de Jesus Cristo.
- Partilhar, em poucas palavras, com o grupo.
- Na roda, encerrando: *Refrão:* “Recordações,...”

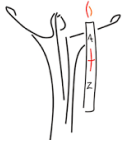
#### 2.3. Recordar a prática ritual

Como, em geral, é feita a recordação da vida em nossa prática? (duração, temas, tom, número de pessoas que fala, etc)

### 3) Aprofundamento do rito

---

\*Roteiro elaborado por Marlon Ramos Lopes e Veronice Fernandes, com elementos daquele elaborado por Maria de Lourdes Zavarez (*in memoriam*) para a 32.<sup>a</sup> Semana de Liturgia.

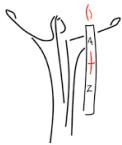


## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

- Ler o artigo de Ione Buyst, *Recordação da vida: um elemento ritual para uma liturgia "ligada à vida"*.

### 4) Experimentação ritual

- Combinar o recorte, considerando o Ofício da tarde de quinta-feira, 17 de outubro, memória de santo Inácio de Antioquia, bispo e mártir: refrão... **recordação da vida**, hino e salmo..., encontrando o gesto corporal (postura, tom de voz...) mais adequado para expressar o sentido teológico e a espiritualidade que ela contém.
- Distribuir ministérios: presidente, cantores, acendimento da vela e a assembleia.
- Preparar ambiente; escolher e ensaiar o refrão.
- **Vivenciar o recorte do rito** com autenticidade, com cada participante buscando unir corpo, mente e coração.



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

### 5) Decantação e Conversa sobre “os três pontos”

- O que mudou em mim na relação com esse rito e seus elementos?
- Quais ganhos aconteceram ao participar do rito como presidente, assembleia, etc?
- Quais destaques pessoais apresento?

Repassar os três polos:

**corpo** – o que fiz/foi feito? (gestos, olhares, tom de voz, silêncios, ritmo, posturas, atenção)

**mente** – o que pensei? (compreensão, recordação)

**coração** – o que senti? (atitude espiritual, interior)

### 6) Para a síntese da Semana de Liturgia (entregar)

1. Relacione a recordação da vida com a temática da 36.<sup>a</sup> Semana de Liturgia, “Liturgia, oração da Igreja”.
2. Como a recordação da vida promove a relação entre a oração litúrgica e a vida cristã?

#### Para aprofundar:

#### RECORDAÇÃO DA VIDA (trechos do artigo de Ione BUYST citado abaixo)

##### 1. Recordação da vida, o que é? Como e quando se costuma fazer?

- É quase um imperativo nas celebrações das comunidades de base e grupos ligados a pastorais sociais ‘ligar liturgia e vida’, como se costuma dizer.

- Um dos meios para se realizar essa ligação é abrir um espaço em que se convida os participantes a ‘trazer fatos da vida’. A fala pode ser provocada por uma pergunta como essa: “O que aconteceu de importante?”, ou: “Quais os fatos da vida que os irmãos e irmãs trouxeram para essa celebração?”...

- Pode ser feita logo após a saudação ou no início da liturgia da Palavra. No ODC vem após a abertura...

- Em grupos pequenos, pode se transformar numa conversa informal, mais longa.

- Numa celebração costumeira, esse momento se restringe normalmente a citar os fatos, sem maiores comentários.

- Um painel na entrada do local de celebração poderá trazer fotos ou recortes de jornal ou algum cartaz relacionado com os fatos. Numa celebração de massa ou com assembleia grande, a equipe que lidera a celebração se encarrega de lembrar os fatos ou poderá provocar uma conversa de dois a dois (cochicho) ou em pequenos grupos de 3 a 5 pessoas.

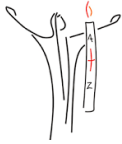
- Em alguma celebração especial como romarias ou jubileus, a recordação da vida é às vezes apresentada em forma de dramatização, ou jogral. Na celebração dos mártires, sua vida e suas lutas são expressas por meio de testemunhos e outras falas, faixas, símbolos, cantos...

##### 2. Recordação da vida e memória bíblica.

Mas, por que contamos fatos da vida numa celebração litúrgica?

- A liturgia cristã, como a liturgia judaica na qual encontra suas raízes, parte de acontecimentos, gira em torno de fatos. Não cultua um Deus fora ou acima da história. Não situa a salvação fora da realidade humana. Ao contrário, lembra as intervenções libertadoras do Deus da Aliança na vida do povo, na realidade pessoal e social.

- A constituição conciliar *Dei Verbum*, sobre a revelação divina, no item 2, explicita a relação entre texto bíblico e acontecimento: Deus se revela “...através de acontecimentos e palavras intimamente conexas entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na história da salvação manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras e elucidam o mistério nelas contido”.

### **3. Desvendar e celebrar a presença dinâmica de Cristo ressuscitado na transformação do continente latino-americano.**

- A Igreja latino-americana, levando a sério a renovação da Igreja oficializada no concílio Vaticano II, tentou desvendar as ‘páscoas’ operadas por Deus através da atividade humana, na realidade do continente, principalmente na vida dos pobres. Cristo se identifica com os pobres e se associa à sua caminhada de libertação.

- Se a páscoa está acontecendo na atualidade, é preciso que seja proclamada, celebrada: ‘Páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo’ (cf. CNBB, *Animação da vida litúrgica no Brasil*, 300). E o primeiro passo para isso é que os fatos sejam relatados na assembleia litúrgica em forma de narrativas, testemunhos, dramatizações, fotografias, recortes de jornal, símbolos...

### **4. Na memória litúrgica, quatro momentos: contar; interpretar; agradecer, suplicar, pedir perdão; comprometer-se.**

- Nem tudo o que acontece é vontade de Deus. A comunidade precisa discernir, desvendar, tentar ver o que há de presença divina, evangélica, pascal, nos acontecimentos vividos e apresentados, dentro de determinado contexto social e cultural. Nos sinais dos tempos, isto é, nas tendências características que marcam a sociedade e cultura de determinada época, a comunidade reunida deve discernir quais são os sinais de Deus, quais são os sinais do Reino que está crescendo dentro desta realidade, até sua plena realização, por graça de Deus.

- Esse discernimento da comunidade é uma atividade espiritual; é realizado com a ajuda do Espírito Santo.

- É baseado nesse discernimento, realizado no Espírito, que se agradece, suplica, pede perdão ao Senhor e se compromete com o seu reino.

### **5. A recordação da vida na dinâmica de uma celebração.**

- Contar os fatos é apenas a primeira de uma série de momentos dentro da celebração litúrgica; é preciso levar em conta os momentos que virão mais adiante e com os quais a recordação da vida tem ‘tudo a ver’: a homilia, as preces, a ação de graças, os ritos de comunhão, os salmos e cânticos bíblicos no ofício divino...

- Por isso, é melhor que a recordação da vida não seja feita em forma de prece, nem de ação de graças, nem de compromisso, nem de ‘intenção’ por alguma pessoa ou situação. Pois constitui apenas um primeiro momento que terá seus desdobramentos ao longo da celebração.

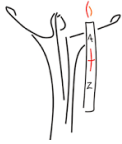
### **6. A vida venceu a morte.**

Que tipo de fatos convém relatar na recordação da vida?

- Convém lembrar aqui o que diz a constituição conciliar *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, no item 1: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens [e mulheres] de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontre nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração”. Portanto, todos os aspectos da vida humana, principalmente da vida dos pobres e de outros sofredores, merecem ser expressos e contemplados na liturgia, como possível lugar de encontro com o Senhor, lugar de sua revelação.

### **7. Desafios.**

A recordação da vida nascida na Igreja dos pobres é um novo elemento ritual indispensável nas liturgias de comunidades cristãs atentas à ação de Deus no mundo,



## CENTRO DE LITURGIA DOM CLEMENTE ISNARD

atentas à presença dinâmica de Cristo Ressuscitado e de seu Espírito no coração da vida, rumo à plena realização do Reino.

Por isso, a título de desafio e de avaliação, as comunidades interessadas poderiam se perguntar:

a) A comunidade tem consciência de que é chamada a discernir e celebrar a ação pascal de Deus em nossa realidade atual, em nossa vida pessoal e social, em nossa história?

b) As celebrações da comunidade incorporaram este novo elemento ritual chamado 'recordação da vida'? Em que momento da celebração? Todas as pessoas se sentem com o direito de se expressar? Sabem do valor desta parte da celebração?

c) A recordação da vida aparece como um elemento estanque, isolado? Ou costuma repercutir em outros momentos da celebração como, por exemplo, na meditação dos salmos, na introdução às leituras, na homilia, nas preces, na ação de graças, na comunhão...?

d) Principalmente na homilia, procura-se discernir, com a ajuda do Espírito Santo e dialogando com as escrituras sagradas, o sentido pascal dos acontecimentos?

### **Bibliografia**

BUYST, Ione. Recordação da vida: um elemento ritual para uma liturgia "ligada à vida". In: *A esperança dos pobres vive: coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 377-387.

CARPANEDO, Penha. *Ofício Divino das Comunidades: uma introdução*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 20-22 (Rede Celebra, 9).

LELOUP, Jean Yves. *Além da luz e da sombra*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 79-80.

SANTOS LIMA, Danilo César dos. Recordação da vida: um ofício de fé, em comunidade. In: *Revista de Liturgia*, n. 269, p. 13-15, set/out. 2018.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. 7.ed. São Paulo: Paulus, 1994.